



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Sérgio Eloy Pimenta

Admirável Mundo Nômade

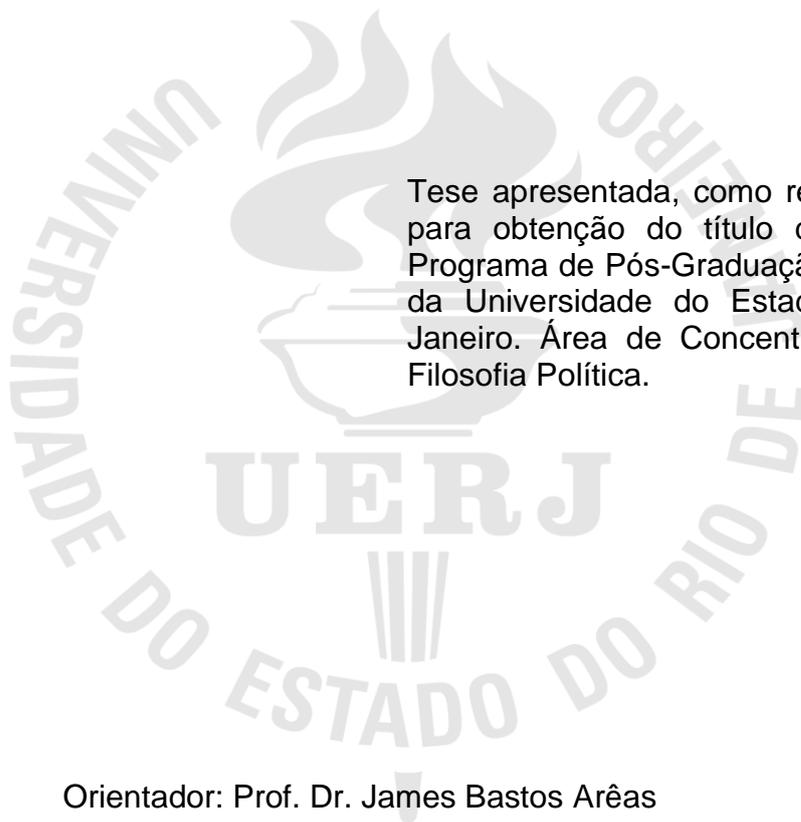
Rio de Janeiro

2022

Sérgio Eloy Pimenta

Admirável Mundo Nômade

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Ética e Filosofia Política.



Orientador: Prof. Dr. James Bastos Arêas

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

P644 Pimenta, Sérgio Eloy.
Admirável Mundo Nômade / Sérgio Eloy Pimenta. – 2022.
152 f.

Orientador: James Bastos Arêas.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Filosofia – Teses. 2. Labirintos – Teses. 3. Filosofia – História – Teses. I. Arêas, James Bastos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 1

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Sérgio Eloy Pimenta

Admirável Mundo Nômade

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Ética e Filosofia Política.

Aprovado em 13 de julho de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. James Bastos Arêas (Orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof. Dra. Maria Inês Senra Anachoreta
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Edson Peixoto de Resende Filho
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Guilherme Müller Junior
Universidade Estadual do Norte do Paraná

Prof. Dra. Veronica Miranda Damasceno
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2022

RESUMO

PIMENTA, S.E. *Admirável mundo Nômade*. 152 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A História da Filosofia, ao longo de toda sua existência, foi se constituindo como se fosse um bloco mais ou menos coeso para legitimar, justificar e aplaudir tudo como ela imagina ser, estar ou para onde teria que ir. Para isso, criou mundos, instrumentos, sujeitos pensantes, fingiu criticar, encontrou absolutos. Uma complacência, como se houvesse algo de teleológico no mundo, que ela - a Filosofia - só teria que desvendar e explicar. Uma estranha subserviência. Parece que, desde que foi inventada, a filosofia ofereceu muito mais. E aqui já estamos diferenciando dois tipos de filosofia, uma com F maiúsculo e outra com f minúsculo, que será conceituada ao longo de nossa investigação. Esta tese tentará apresentar uma outra filosofia, essa com f minúsculo, que sempre se fez presente, que em momento nenhum negociou com nenhum tipo de poder e que tem ojeriza ao Estado. Uma filosofia inteiramente distinta da outra, a com F maiúsculo, que nos legou tanta coisa e nos negou tantas mais.

Palavras-chave: Nomadologia. Labirinto. Filosofia.

RESUMEN

PIMENTA, S.E. *Admirable mundo nómada*. 152 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

La historia de la filosofía, a lo largo y ancho de su existencia, ha sido constituida como un bloque aparentemente con cohesión con el fin de legitimar, justificar y aplaudir todo de manera como ella imagina que debe de ser o que siga hacia lo que ella quiere imponernos como correcto. Para eso, ha criado mundos, herramientas, sujetos que piensan, ha fingido hacer críticas, ha encontrado lo absoluto. Una complacencia como si hubiera algo teleológico en el mundo y que ella – La Filosofía – solo tiene que desvendarlo y explicarlo: una rara supervivencia. Nos parece que desde que ha sido inventada, la filosofía ha ofrecido mucho más que todo eso. Puesto que em este caso diferenciamos dos tipos de filosofía, una con letra mayúscula y outra con letra minúscula, que será conceptuada a lo largo de nuestra investigación. Nuestra tesis intentará presentar otra filosofía, esa con letra minúscula, que siempre se ha hecho presente, que ni un momento negoció con ni un tipo de poder e que tiene ojeriza al estado. Una filosofía totalmente distinta de la outra, con letra mayúscula, que nos ha legado tantas cosas, sin embargo, nos ha negado otras más.

Palabras clave: Nomadología. Laberinto. Filosofía.

AGRADECIMENTOS

Ao amigo Ivair Coelho Lisboa, que me apresentou a filosofia, pela paciência e carinho especial com que me diferencia e me presenteia singularmente até hoje, apesar de ter perdido a privilegiada janela de onde podia ver e ouvir mais de perto seu brilhantismo.

Ao amigo James Bastos Arêas que me permitiu chegar até aqui.

Ambos meus professores, ambos minha vida.

DEDICATÓRIA

Dedico essa tese a Ivair Coelho Lisboa e a James Bastos Arêas. Ao mesmo tempo, os eximo de qualquer responsabilidade pelas ideias aqui defendidas.

Sozinhos, alguns espíritos rebeldes, estranhos, com o seu toque de finados, no tumulto do oceano social em que estão mergulhados, ruminam aqui e acolá problemas bizarros, absolutamente desprovidos de atualidade. E são esses os inventores de amanhã.

Gabriel Tarde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 “ASSIM POIS A QUESTÃO...”	14
1.1 Pitágoras: “Um filósofo”	19
1.2 Rumo à questão.....	23
1.3 A Filosofia Dogmática	24
1.4 A filosofia nômade	27
1.5 O mar dos conceitos e a terra dos Conceitos.....	37
2 À GUISA DA QUESTÃO.....	41
2.1 Parmênides e Heráclito	41
2.1.1 <u>Parmênides</u>	42
2.1.2 <u>Heráclito</u>	56
2.2 Da água para o vinho, da terra para o mar. Da estrela aos homens	88
3 O SÉCULO V A.C. E PLATÃO, O “PRIMO RICO” DE SÓCRATES: TRAGÉDIA E FARSA.....	93
3.1 “O cínico ‘primo pobre’ de Sócrates e o humor: Diógenes peida. ”	96
4 ENTRE ATOS.....	108
4.1 O que falou... Zaratustra?	108
CONCLUSÃO	123
REFERÊNCIAS	128
APÊNDICE A – Cântico Negro.....	133
ANEXO A – Sobre um certo labirinto.....	135
ANEXO B – Fragmentos de Parmênides	137
ANEXO C – Fragmentos de Heráclito	142

INTRODUÇÃO

Figura 1- Ouroboros



Fonte : PIMENTA, S.E., 2022.

Em algum momento, quando ousamos “cometer” uma peça de teatro¹, um dos personagens dizia: “(...)Eu ainda acredito que um poema pode mudar o mundo”. Pode, e muda. É só não ir para onde sempre quiseram nos levar. São sempre “doces” esses imploradores de caminhos fáceis, e “Cântico Negro” de José Régio (APÊNDICE A) não é uma encheção de páginas e mais páginas, destruição de florestas, para que em troca ofereçam o título de doutor. Por favor, se não deram a devida atenção ao poema, por gentileza, leiam ele antes de dar continuidade a leitura dessa introdução. Tudo estará perdido se não o fizerem.

Aqui a pretensão ao título foi apenas desculpa para nos forçar a escrever algo que possivelmente não seria escrito. Salve, então, a Academia fundada por Platão ou, o que é muito mais apropriado, a culpa por essa tese, é da Academia. Grande mãe parindo mais um filho que dispensa o sobrenome, só mais um, dos muitos dessa nobre senhora. O que nos importa é que o crime foi cometido, serão testemunhas todos que se derem ao trabalho de ler além da introdução e da

¹ PIMENTA, S.E. *Afectos*. Teatro. Biblioteca Pública. Registro- 354379. 2005. Teatro João Theotônio. RJ. Temporada de 21-09-2006 a 18-11-2006.

conclusão porque em ambas não estragaremos laudas para resumir e sintetizar nada. Usaremos esses espaços obrigatórios para poupar a natureza de mais laudas desnecessárias da “magra bibliografia da filosofia”² e assim diminuir ao máximo o dano.³ E seria bem menor, essa tese, se nos fosse possível decidir sobre isso. Como não, então nem barro, nem tijolo. O caminho do meio, o equilíbrio do aluno de Platão, Aristóteles. Feitas essas devidas ressalvas. Sigamos.

Também o histórico do Labirinto onde ficou preso o Minotauro (ANEXO A) não foi descrito em vão. Por favor, leiam antes dessa introdução. Labirinto do qual a musa de Nietzsche – Ariadne – ajudou o herói Teseu a sair. A escolha do filósofo dionisíaco não foi ao acaso. Sim, existem bem mais coisas entre o céu e a terra do que quer impor uma determinada Filosofia.⁴

Existe e insiste uma certa História, com H maiúsculo, que nos é apresentada como a História dos vencedores. Esse equívoco, ou mais essa condescendência entre tantas outras, é o que nos propomos a dismantelar. Ir, não por onde querem nos levar. Como é possível que uma mentira repetida e enaltecida aos ventos continue a fazer marolas? Como se fazem passar por vencedores esses que sempre perderam, perdem e perderão? Que estranha anuência coloca os que foram nocauteados no ringue como vencedores? Juízes? Mas quem aceita esse papel já é por isso suspeito e cúmplice. Carta marcada de um jogo não jogado? Nem isso são, nem carta marcada, pois não jogam, não têm esse talento. Gostam de julgar e não enxergam o rosto deformado dos que, como eles, jazem na lona. Por eles e com eles a escravidão continuaria como era, mas algo os obriga a ficar com os anéis e perderem os dedos, ou com os dedos e perderem os anéis. Alguém com um mínimo de lucidez – preferiríamos loucura – pode imaginar que foi por caridade que se transformaram as escravidões e as servidões? Jornada de 12 horas em 8 horas? O chicote no lombo pelo açoite do trabalho assalariado. A fivela do cinto pelo capital.

² Capítulo 1 - Assim Pois a questão.

³ Era nossa intenção imprimir essa tese em papel biodegradável para que voltasse ao mar o mais rápido possível, inclusive com uma *performance* durante a defesa quando a banca assistiria à decomposição da mesma e, minutos antes do fim do teatro acadêmico, esse que vos escreve, providenciaria a devida descarga e eliminação de mais um dejetivo da “magra bibliografia da filosofia”. Infelizmente, a indecência do preço do papel biodegradável e a própria ciência nos socorreram, e, portanto, esta pesquisa segue em papel comum. O tempo de decomposição do papel é de 3 a 6 meses. De qualquer forma, lamentamos e muito pelas árvores.

fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/reciclagem.htm. Acesso em 06 de novembro 2021.

⁴ Shakespeare, William. *Hamlet*. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2006. “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia”. Ato I, cena V.

Obrigamo-los à base de muita luta a recuarem e os forçamos a ceder. A frase certa seria: à base de muita porrada, os forçamos a ceder.⁵ No entanto, seria muito forte para a casta Academia. Retiramos a frase, apesar de a mantermos. Permitam-nos, senhores juízes do invento platônico. Não, não estamos pedindo. Apenas sendo educados, afinal, estamos apenas na nossa introdução.

História de vencedores que não venceram. Magra vitória que nunca aconteceu, mas que contam e repetem à exaustão esses que sempre vão por aí, acreditando nas mentiras que fabricam e outros que acreditam nos que fabricam essas mentiras. Pastores e rebanhos. Rebanhos e pastores.

Zaratustra viu toda a cena, o corpo do equilibrista caiu perto dele, todos fugiram.

Após algum tempo, o infeliz recuperou os sentidos e viu Zaratustra de joelhos a seu lado.

“Que fazes aqui?” disse, por fim. “Desde muito cedo eu sabia que o Diabo me daria uma rasteira. Agora, ele me arrasta para o inferno; pretendes impedi-lo?”

“Pela minha honra, amigo” respondeu Zaratustra, “não existe nada daquilo que disseste: não existe o Diabo nem o inferno. A tua alma estará morta ainda mais depressa do que teu corpo; portanto, não receies nada!”

O homem ergueu os olhos desconfiado. “Se o que dizes é verdade” falou depois, “eu, então nada perco, ao perder a vida. Não sou mais que um bicho, que ensinaram a dançar à força de pancadas e pouca comida.”

“Oh, não, retrucou Zaratustra; fizeste do perigo o teu ofício, nada há nisso de desprezível. Morres, agora, vítima do teu ofício, quero sepultar-te com minhas próprias mãos. (NIETZSCHE,1988a, p. 36).

O equilibrista soube antes de morrer, por Zaratustra, o que achavam dele, como fazem com outros: “um bicho que ensinaram a dançar à força de pancadas e pouca comida”. Contudo, o equilibrista não era como todos, seu ofício era o perigo. Por isso foi derrubado. Por isso o escravizam, por isso o ocupam e lhe dão pouca comida. Por isso, pão e circo. A partir de então, era preciso falar com os vivos, com os que assistiam sem desconfiar do adestramento e dançavam com a pouca energia da escassa comida. Literalmente, dançavam. Zaratustra/Nietzsche anuncia as três metamorfoses. Mas antes dele, bem antes, a questão já se colocava apesar dos véus fabricados pelos que se anunciam como vencedores e dos mortos em vida alimentados por eles.

⁵ MARX, K- *O Capital*. Livro I. São Paulo: Abril Cultural,1984b. p. 286. “A violência é parteira de toda a velha sociedade que está prenhe de uma nova”.

Parmênides, Platão, Aristóteles, Descartes, Kant e Hegel fizeram, forraram e cobriram com um lençol transparente o que a pouca comida e as dancinhas ensaiadas não permitem que se veja. Pouca comida para muitos e uma carnuda Academia alimentada, sustentada com laudas e florestas aquecendo, aplaudindo essa superveniência. Nenhuma surpresa que tenha ganhado a reitoria na Alemanha nazista, mas o traçado geométrico foi desenhado pelo mestre fundador, Platão.

Mimos foi traído – preferiríamos “corneado”, porém como mais um par de chifres seria pesado demais para a Academia, fica o traído – por Parsífae, sua mulher, com um touro, ele prende o fruto dessa união, o Minotauro e seu respectivo chifre, em um labirinto. Semelhante ao que irá acontecer depois, quando derrubarem e matarem o equilibrista sepultado com honras por Nietzsche? Será que por terem vivido perigosamente e roubarem ovelhas para fora do rebanho dos eternos chifrudos perdedores, uma certa Filosofia continua a servir e apresentar como vencedora, assim como a História a que nos referimos e tantas outras coisas que pretendemos desenvolver a seguir? O que os assusta tanto? Por que esse medo de touros e de artistas? Minos, o insaciável traidor de sua mulher, se vê trocado por um touro. Touro que ele mesmo pediu de presente a Poseidon e que admirava tanto que descumpriu acordo com o deus para continuar com o animal. Se fosse ele o escolhido pelo touro, a História seria diferente? Se Minos tivesse como seu mimo o lindo touro, a história seria outra? Não gostam nem um pouco de serem contrariados, mas foram, são e sempre serão. É isso que tentam manter embaixo do transparente lençol da cama de gato que tentam passar no mundo.

Nós decididamente não iremos por onde querem levar, e, claro, assumimos esse risco eximindo todos os que se sentirem desconfortáveis com as veredas que iremos tomar, de qualquer responsabilidade por nossas escolhas. Não, não iremos por onde sempre nos levam e querem levar. Isso é inegociável. As laudas que vêm a seguir deixarão isso mais claro ainda.

Ourobolos⁶, labirinto, estrelas, terra, mar. Que tenhamos com essa introdução, que pouco introduz, aguçado a curiosidade sobre o que está por vir. Foi

⁶ “A Ouroboros ou Oroboros é uma criatura mitológica, uma serpente que engole a própria cauda formando um círculo e que simboliza o ciclo da vida, o infinito, a mudança, o tempo, o tempo, a evolução, a fecundação, o nascimento, a morte, a ressurreição, a criação, a destruição, a renovação. Muitas vezes, esse símbolo antigo está associado à criação do Universo. Figura mitológica e, muitas vezes, religiosa, o Ouroboros está presente em muitos textos antigos do Egito, da Grécia, da Índia, do Japão e é encontrado também na cultura dos astecas, em que o Deus-serpente, surge mordendo a

por isso que derrubamos mais algumas árvores e escrevemos mais algumas laudas. Esperamos que não tenha sido em vão.

Por favor, venham, e não por aqui. Não é essa a questão. Virem a página e verão...

1 “ASSIM POIS A QUESTÃO...”⁷

É preciso pegar as coisas para extrair delas. As visibilidades...é necessário rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados.

Deleuze (1992, p. 20).

O que existiu, reinou soberano no mundo, antes da invenção da filosofia? O que guiava e orientava os homens? Como eram feitas as escolhas, como eram tomadas as decisões? O que, então, na aurora da humanidade, era o nosso suporte? O que e a que nos entregávamos? Algo sempre nos norteou desde que deixamos de ser caçadores-coletores, desde que nos sedentarizamos, desde que criamos o Estado⁸. Esse período, que vai aproximadamente de 3.500 a.C. até 700 a.C, é um período que não conheceu a filosofia, que não teve necessidade dela. A filosofia tem e sempre teve seus “caprichos”, talvez o principal deles e bastante esquecido seja o de jamais transigir com verdades, com imposições religiosas, com truques para a manutenção de privilégios de castas, com servidões, com submissões. Pelo menos é esta a filosofia que pretendemos resgatar neste estudo. O que existiu sem saber ainda que ganharia esse nome, sem suspeitar de sua infeliz duração, foi e será chamado depois de preconceito. Pré, anterior, que veio antes. E o nome é perfeito! Por não ser só um nome, um simples nome, por ser um: conceito! Eis sua força, seu poder, eis o que é um: conceito. O que existia antes da invenção da filosofia (e claro, depois também) vai acompanhar toda a história do homem após a etapa caçador-coletor. Existia e existe o preconceito! Mas devemos essa invenção, esse achado e sua exposição pública, à filosofia. Foi só com ela que o outrora soberano preconceito ganhou um... conceito. O tão caro conceito de: preconceito. A filosofia tornou público o que antes era privado. E esses que privavam o coletivo dessas informações, que se escondiam e ainda se escondem, terão, desde o momento de sua invenção (da filosofia) aos dias de hoje – mas nunca com dantes! – que travar com ela uma luta ou cooptá-la, como parece ter sido o caminho de uma

⁷ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *O que é a Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 7.

⁸ A primeira megamáquina. *DIÓGENES*, nº 6. janeiro-junho, 1984. Nesse texto, L. Mumford aponta os impérios arcaicos como os criadores dos primeiros Estados. Ali, no Crescente Fértil, acolhidos pelos rios Tigres e Eufrates na Mesopotâmia e Pelo Nilo no Egito, pela primeira vez os homens não precisaram continuar a longa trajetória nômade em busca de terras produtivas. Esses rios traziam o tempo todo novos ingredientes que renovavam e irrigavam as terras, não era necessário mais partir. Os homens se sedentarizaram; em mais ou menos 3500 a.C., inventamos o Estado, graças às águas, essas que serão tema de nosso estudo.

certa Filosofia, essa com “F” maiúsculo. De majoritária, de... “vencedora”⁹. E faremos e desvendaremos também esse caminho de cooptação.

Deve-se fazer uma genealogia, ver como foi possível que forças criassem isso e não aquilo – não partir de algo dado. Nem por deuses, nem por Deus, nem por alguns homens. Traçar o processo genealógico que permitiu tanto a invenção dos deuses, como do Deus, como dos homens. “Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos.” (NIETZSCHE, 1998b, p. 7).

Fazer essa procura é traçar essa genealogia – eis outro conceito. E a filosofia é “... a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE, 1992, p. 10).

Que mundo precede o nascimento da filosofia? Que mundo foi obrigado a parir a filosofia? “Assim pois a questão...”.

O mundo no começo do II milênio, no Mediterrâneo, tem um mesmo tipo de organização social. É uma vida centralizada em torno de um palácio, onde o Rei-divino reina absoluto. Esse soberano é inquestionável, a todos só é possível a obediência e em troca esses reis-divinos, em todos os lugares do mundo de então, “oferecem” a vida. É assim em Ugarit, em Alalakh, em Mari no Oriente Próximo. É assim em Cnossos, Pilos ou Micenas. Os deuses estão presentes na Terra. Não é necessário pensar (VERNANT, 1996, p.5).

Seria necessário fazer uma passagem pelo mundo mítico grego, por Homero¹⁰. Mas seria muito longo e não é pretensão deste estudo esgotar esse tema que Vernant desenvolveu brilhantemente em vários de seus escritos. É preciso realçar que, no mundo dos homens sedentarizados, dos pós-caçadores-coletores, no mundo onde foi inventado o Estado, os preconceitos eram as armas com as quais todos eram submetidos pelos reis-divinos. A filosofia surge exatamente

⁹ Trataremos e faremos uma distinção, ao longo de nossa tese, de duas filosofias. A Filosofia com “F” maiúsculo será essa a que nos referimos como majoritária, como vencedora. A dogmática. E filosofia, com “f” minúsculo, a que chamaremos de filosofia nômade. Diógenes Laértios (DL, IX, 72-108) chama de dogmática por oposição a outra que ele chamará de cética.

¹⁰ Outro período em que não existia o conceito. Os mitos tentavam explicar o mundo com fábulas. “Todos os povos, em dado momento de sua evolução, criaram lendas, ou seja, relatos maravilhosos nos quais, durante um certo tempo, e pelo menos em certa medida acreditaram. Na maioria das vezes, as lendas – por movimentarem forças ou seres considerados superiores aos humanos – pertencem ao domínio da religião. Elas se apresentam assim como um sistema, mais ou menos coerente, de explicação do mundo: cada gesto do herói cujas façanhas são narradas é um gesto criador e implica consequências que tem efeitos sobre todo o Universo.” (GRIMAL, 1982, p. 7).

quando novas exigências se apresentam ao mundo. Quando as respostas impostas por preconceitos não são mais suficientes, quando pela primeira vez a dúvida aparece, é assim que começa a filosofia. E assim aparecem os conceitos.

Após o desmoronamento das estruturas micênicas, à divisão dos privilégios de uma aristocracia, e que, por fim, a responsabilidade geral de todos e de cada um construiu-se graças à queda de poderes centrais que existiam outrora. Em suma, são esse desmoronamento e a construção que o segue que fazem a originalidade do estatuto político, e a cidade grega. (VERNANT, 2001, p. 102).

“De silenciosa veneração, a admiração faz-se questionamento, interrogação... As regras do jogo político – a livre discussão, o debate, o contraditório, o confronto das argumentações contrárias – impõem-se desde então como regra do jogo intelectual” (VERNANT, 1990, p. 481). Em um dos mais belos livros já escritos na história da humanidade: *As Origens do pensamento grego*, Vernant diz que o pensamento tem local e data de nascimento. Foi na Grécia, no final do século VII e início do século VI a. C. que pela primeira vez alguns homens, insatisfeitos com respostas paliativas e fantasmagóricas, ousaram mais. Não eram mais os Sábios. Sábios se camuflam em suas pretensas sabedorias. O mundo iria então conhecer um novo personagem que a partir deste momento irá desmascarar e denunciar essas falsas sabedorias. Foi assim que veio à luz esse alguém que não sabe, que desconfia, que precisa de algo que os tire da ignorância e da crença de quem imagina e se auto-intitula sábio. Foi assim, sem nenhum passe de mágica, sem nenhum milagre, que veio ao mundo esses criadores de conceitos. *Fiat-lux* da razão iluminando e desmascarando o que as trevas da superstição erigiam como verdades. Eis o parto dos amantes da sabedoria, esses que não sabem, mas querem saber, que desconfiam, que não creem. Foi assim que nasceu a filosofia. Lua de mel que pariu o pensamento. Seu berço: a Grécia.

Quando cai a realeza Micênica na Grécia, com o desaparecimento do Rei-Divino, os homens não assistem e obedecem mais a esses falsos deuses. Tornar-se-ão os homens-atores, não mais espectadores. Terão que encontrar a resposta entre eles. Que venhamos a trocar os antigos deuses por um único Deus, que substituimos os deuses antigos por demagogos, políticos e até Filósofos. Disso, trataremos no momento oportuno. Por ora, nos importa traçar as questões que gestaram e pariram a filosofia. No seu nascimento, quando de sua invenção, a

filosofia já aparece transgressora, se distanciando de qualquer pretensão a uma verdade vinda de um céu despótico – divino. Aparece em meio aos homens, não aos deuses, no final do século VII e início do século VI a.C, na Grécia. Foi lá que, pela primeira vez na história, o sábio Uno, do alto de sua pretensa divindade, foi destronado pelo amigo, pelo que tem amor à sabedoria, pelo filósofo. Não para substituir uma verdade escondida por outra revelada com os mesmos fins – não foi assim que a filosofia veio à luz. Essa história precisa de lentes mais potentes, de um olhar novo, ou melhor, de um olhar genealógico que não encubra sua história. E se a filosofia trouxe algo de extraordinário, foi essa nova forma de ver, sem véus. Sem céus, sem deuses. Lá se vão vinte e oito séculos desde seu advento. E de lá para cá, muitas águas rolaram. Águas que, para o primeiro filósofo, Tales de Mileto, segundo a tradição erudita (COLLI, 1992, p. 9), seria “o princípio de todas as coisas” (KIRK; RAVEN, 1994, p. 87). Águas que nos guiaram nessa tentativa arqueológica de apresentar a filosofia como ela veio ao mundo e como foi modificada ou domesticada. Vinte e oito séculos em que, por raros momentos, estivemos sóbrios o suficiente para ter essa clareza.

“Assim Pois a questão...” Talvez só possamos colocar a questão “O que é a Filosofia?” tardiamente, quando chega a velhice, que é a hora de falar concretamente. De fato, a bibliografia é muito magra. É uma questão que enfrentamos numa agitação discreta, à meia-noite, quando nada mais resta a perguntar. Antigamente, nós a formulávamos, não deixamos de formulá-la, mas de maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais; expúnhamos a questão, mas dominando pela rama, sem deixar-nos engolir por ela. Não estávamos suficientemente sóbrios. (DELEUZE, 1992, p. 9).

Em um dos seus últimos livros, Deleuze coloca uma pergunta como título, e uma pergunta bastante inusitada, dado o aparente conhecimento de todos sobre ela. Considerando que algo com essa idade (vinte e oito séculos) não necessitaria ser interrogado, no entanto, ele fez essa interrogação: *O que é a filosofia?* Seria uma pretensão vinte e oito séculos após o seu nascimento alguém fazer essa pergunta? Como? Não sabemos e sempre soubemos o que ela (a filosofia) foi e é? Seria só mais um dos inúmeros títulos perdidos no mundo: “*O que é a filosofia?*” Pergunta desnecessária ou pergunta poucas vezes feita por todos que pretensamente já sabem o que ela é?

É óbvio que a velhice que ele reporta não é a dele, filósofo, é a da filosofia, que tem uma bibliografia “muito magra”. Mas como “muito magra” diante dos milhões

de páginas? Diante de milhões de títulos que acumulou ao longo de sua história? Nas duas primeiras frases, duas explosivas afirmações. Duas explosões que passariam despercebidas pelos outros tantos milhões de páginas que a filosofia... sofreu. Seria isso o “muito magra”? Falta-nos algo para ler a filosofia, nos sobra tempo para ler a “muito magra” e quantitativa bibliografia, que inunda (imunda?) o mundo? Duas linhas... duas bombas explodindo todas as outras “magras” bilhões de frases?

É preciso de algo desaparecido do mundo, algo que perdemos, ou fizeram e fizemos por perder. Por isso, milhões de páginas podem ser “uma magra” bibliografia.

...faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido- e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam ‘legíveis’ – para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e não um ‘homem moderno’: o ruminar... (NIETZSCHE, 1998b, p.14- 15).

Nietzsche já alertava sobre isso tempos atrás. É preciso uma calma que o “homem moderno” não tem. Lê-se muito... Lê-se quantidade. Mas para ler duas frases como elas exigem, como elas explodem sobre o mundo, é preciso perceber o que se ocultou às custas de tantas árvores derrubadas para compor a “magra” bibliografia da filosofia. Não foi por acaso, não é por acaso essa pressa do “homem moderno”. Ela se presta a um objetivo: que não chequemos a questão, que fiquemos entregues às falsas questões. Nessas duas frases, essas bombásticas afirmações¹¹.

E na sua velhice (da filosofia), parece ser o momento perfeito para fazer a pergunta que nossa embriaguez (“Não estávamos suficientemente sóbrios”) sempre impediu. Que seja feita agora. Não que não tenhamos feito, fizemos sim, escreve Deleuze:

Mas agora, na velhice, sóbrios, não podemos mais nos furtar a questão que aqui e acolá sempre fizemos. Está mais que na hora. “Assim Pois eis a questão...” (...) as outras civilizações tinham Sábios, mas os gregos apresentam esses “amigos” que não são simplesmente sábios mais modestos. Seriam os gregos que teriam sancionado a morte do Sábio, e o teriam substituído pelos filósofos, os amigos da sabedoria, mas não a

¹¹ Esta tese não é uma tese sobre Deleuze, é uma tese com Deleuze. Para os nossos objetivos aqui, utilizamos as primeiras frases, do primeiro capítulo do livro *O que é a filosofia*. Nossa sugestão é que se leia todo o capítulo, melhor ainda se fosse lido todo o livro e o que for possível da obra de Deleuze, com a calma de um ruminante, não com essa fabricada pressa do homem moderno.

possuem formalmente... o velho sábio vindo do Oriente pensa talvez por Figura, enquanto o filósofo inventa o Conceito (DELEUZE, 1992, p.10-11).

Hora em que o conceito se fez necessário, hora que viu nascer a filosofia. Foi assim que, pela primeira vez, os homens se puseram a pensar. Ao descobrir o truque do Sábio, a filosofia trouxe a questão para a terra. Ela é filha da terra. Não se refugia em uma falsa sabedoria forjada por uma classe privilegiada para se manter no poder. Foi assim, com a filosofia, que pela primeira vez nós, homens, tivemos acesso ao nosso mundo.

1.1 Pitágoras: “Um filósofo”

Mais sábio é o tempo, que revela tudo.
Tales de Mileto (D.L, I, 22).

Existe, em quase toda Filosofia, também na ciência, mas não na arte, uma vontade de explicar e nominar tudo, de subordinar as coisas, dar-lhes sentidos, atribuir-lhes qualidades, características etc. Não é sobre essa Filosofia nossa tese. A Filosofia que venceu até agora a batalha das ideias – a que triunfa, a “vencedora”, essa Filosofia dogmática – é a opção que levou ao conhecimento e a suas consequentes explicações do mundo. É a que se arvora como instrumento para esse conhecimento e, assim, se coloca no mesmo nível das ciências. Mas essa Filosofia, no nosso entendimento, só viria depois. Essa Filosofia que se tornaria majoritária não foi a filosofia que a Grécia viu nascer. No seu nascimento, como corroboram todos os estudos, a filosofia se apresentou ao mundo como destacamos; não existe uma outra história do nascimento da filosofia, são todos concordes nisso. Foi nosso intuito realçar essa contingência em: “Assim pois a questão...”, uma passagem de um mundo governado por reis-divinos, para um mundo onde os homens inventaram o pensamento. De um mundo de preconceitos a um mundo com conceitos.

Agora, estamos apontando que esse desvio levou a Filosofia a se confundir com a ciência e até fazer com que a filosofia perdesse a sua potência, o que pretendemos analisar ao longo do nosso estudo (sobre a diferença entre a Filosofia com “F” maiúsculo e a filosofia com “f” minúsculo, ver a nota 12). Mais adiante, com mais elementos, iremos desenvolver melhor essa questão – que é a nossa questão.

Um determinado mundo e seu enorme tribunal de acusação, de formas distintas, mas bastante semelhantes, sempre procurou disfarçada, subliminarmente ou sem nenhum rodeio, obrigar que se apresente uma carteira de identidade, uma procedência, uma linhagem, uma categoria, um nome. Sempre.

Diógenes Laértios (1997, p. 230) corrobora nossa afirmação acima. Lêon, tirano de Fliús, se dirige a Pitágoras e pergunta “quem era ele”. Acuado pelo tirano, obrigado a se identificar, ele teria dito: “Um filósofo”. O que teria provocado o tirano? O que o fez querer saber quem era e o que fazia esse Pitágoras? O que Pitágoras teria feito que incomodou tanto o tirano, para que ele (um tirano!) se visse obrigado a exigir uma identificação? E a resposta de Pitágoras (“Um filósofo”) não deve ter agradado nem um pouco ao soberano. Os personagens do mundo eram todos conhecidos dele; eis que agora aparece um que ele não conhece e o que faz não deve de maneira alguma tê-lo agradado, pois se assim fosse, o tirano não sairia de sua confortável posição para querer saber quem era esse Pitágoras. Seria simplesmente Pitágoras, um nome como tantos outros. Esse Pitágoras que “comparava a vida aos grandes jogos, aos quais alguns compareciam para lutar, outros para fazer negócios... alguns crescem escravos da fama, outros ambiciosos de ganhos e os filósofos ávidos da verdade.” (LAÉRTIOS, 1977, p. 230).

Pitágoras, forçado a se identificar, teria pela primeira vez apresentado ao mundo esse personagem: o do filósofo.

“Um filósofo” foi o que disse pressionado pela pergunta sobre o que seria ele... “Um filósofo”. Ele não comparecia aos jogos para “ser escravo da fama”, nem para “fazer negócios”, como todos. Isso com certeza foi o que incomodou o tirano Lêon. Aparecia no mundo um novo personagem, um novo ator que não via somente os “grandes jogos” como todos, mas que ousava inclusive falar desses papéis e personagens, dos que organizam os jogos, dos que assistem aos jogos, dos que ganham com os jogos... Diógenes Laértios nada escreve sobre a reação do tirano, mas daquele dia em diante algo precisava ser feito, ou nenhum tirano, dormiria tranquilo... nunca mais. Todos os poderes e seus poderosos precisavam, a partir de então, ao menos tentar saber o que seria essa novidade. Esse algo – não custa lembrar, a filosofia – que, no final do século VII e início do século VI, iria atrapalhar os “Grandes Jogos”; foi isso que causou a pergunta indignada do tribunal de acusação presidido por Lêon. Ele vislumbrou a ameaça que se colocava com esse novo personagem, perigoso, que se inseria no mundo: “um filósofo”. Foi assim,

sabendo que trazia algo novo e poderoso, com simplicidade e determinação, que o filósofo se apresentou ao mundo. Foi... foi assim. Disso jamais poderíamos ter esquecido!

De dentro do mundo, participando do mundo, mas sem pleitear fama, sabendo dos perigos e anestésicos dela, sem ambicionar ganhos, sem fazer negócios... Eis como o filósofo estreia no mundo! Mas como? Como não querer fama? Como não ter interesse em ganhos? Ou se participa do espetáculo, ou se assiste, ou se é escravo da fama ou se ambiciona ganhos. Sempre foi assim, ou... era assim? Mas esse Pitágoras que se diz “um filósofo”, ele não! Tanto que chamou a atenção do tirano Lêon. Ainda que fosse outro o nome do tirano, e seu nome não importaria, não importa. Mas o nome de Pitágoras, esse importa e muito, não pelo nome, mas pelo que é: “Um filósofo”. Esse personagem novo no mundo... os grandes jogos acontecendo, as pessoas representando, outras vendendo coisas para os espectadores que assistem, a luta pela fama, a luta pelos ganhos dos negócios. No meio, dentro desse mundo, alguém até comprará a pipoca, o ingresso, até assistirá. Mas fará algo a mais, e foi esse algo mais que o diferenciou de todos, que chamou a atenção do poder. Não se limitou a ser como todos e isso não era bom... Agora podemos até ouvir melhor a entonação de Lêon, ele não fala simplesmente, ele grita (alguém tem dúvidas disso?). Diógenes não escreveu, mas está implícito, não é preciso fazer uma rubrica: Gritando! Ele gritou e com certeza apontou o dedo e se dirigiu brutalmente para Pitágoras: “Quem era ele?” Quem era esse que se comportava de forma tão estranha? “O primeiro mestre universal” (HEGEL, 1971, p. 72-73), esse personagem, tão diferente de todos, não tinha fama, não fazia negócios? O que falava esse Pitágoras?

“Um filósofo” talvez fosse o que menos se desejava ouvir... O que menos, sempre, se desejará ouvir. Menos ainda para um tirano.

Do mesmo modo, na vida, alguns são escravos da glória, outros do dinheiro, mas outros, mais raros, observam com cuidado a natureza: “são esses que chamamos de amigos da sabedoria, quer dizer, de filósofos”, comenta Cícero. A meio caminho entre o deus e o homem, o filósofo será doravante este ser enigmático, que lança um olhar sereno sobre o teatro da existência. Pode-se imaginar que no fim do espetáculo ele saberá jogar seu manto na espádua direita e partir, com o gesto soberano de um homem livre. (MATTEI, 2000, p. 6).

“Um homem livre”? Eis uma boa definição para filósofo – incompleta ainda, mas pode ser uma das definições, não deixa nada a desejar. “Um homem livre”, sim, será uma das características de um filósofo. Pelo menos dos filósofos nômades, que pretendemos estudar e conceituar na nossa tese.

E foi com certeza isso que chamou atenção do poderoso de plantão, esse “mais raro”, esse diferente. Foi assim, com esse desprendimento, “com o gesto soberano de um homem livre”, que o filósofo veio ao mundo. O que Diógenes Laêrtios nos legou e parece ter passado quase despercebido em toda a história da filosofia, ou, no mínimo, foi tido como de pouca relevância, foi isso. Essa curta cena, como as curtas primeiras duas linhas do texto de Deleuze, citadas anteriormente, parecem dizer bem mais, muito mais, que as “magras” milhões de páginas de toda a Filosofia dogmática.

Os detalhes parecem sempre nos escapar: somos chegados a um todo, a um universal, ou fabricaram todos e universais para que os detalhes nos escapassem? “Magras” milhões de páginas da Filosofia em que os detalhes são sistemicamente banidos? Por isso “magras”, já que, na imensidão de textos, os detalhes escapam? O mesmo aconteceu com esse relato de Diógenes Laêrtios em meio a tantas outras informações que nos deixou sobre Pitágoras? Foi minimizado? Esquecido? Menosprezado? Foi dada pouca ou quase nenhuma importância? Por que motivo? Não é um relato qualquer, e é corroborado por duas fontes distintas¹². Assim, somos informados de como, pela primeira vez, alguém teria se identificado como filósofo. As circunstâncias em que isso teria se dado estão lá, em poucas linhas, que Diógenes Laêrtios achou importante transcrever. E sobre isso, todo esse esquecimento, estranho, esquecimento.

Não foi a qualquer um dos personagens que habitavam o mundo, nenhum dos comuns dos mortais a que se dirigiu o tirano, ele sabia quem eram todos os outros: quem vendia, quem aplaudia, quem lutava para poder viver. Todos esses nunca foram alvo de perguntas do tirano. Não era necessário perguntar, estavam todos lá para lhe servir. Ele, o tirano, sabia bem disso. A atenção de Léon foi para com: Pitágoras. E a dedução é óbvia: esse Pitágoras, de alguma forma, era diferente de todos. Alguém que sabe dos papéis que todos têm que desempenhar na vida

¹² Heracleides do Pontos: “*A mulher Exânime*” (D. L., I 15) e Sosicrates: “*Sucessão dos Filósofos*” (D. L., VIII, 23).

(vender, lutar, assistir). É notório que todos os outros o saibam, e desempenhem com menor ou maior grau, e se ele, Pitágoras, fosse só mais um, não teria sido objeto da pergunta do tirano (“Quem ele era?”). Essa pergunta explicita que Pitágoras não era como nenhum dos personagens que habitavam aquele mundo. Se fosse, não seria o destinatário da pergunta. Ela, a pergunta, nem teria sido feita. Só o foi pelo estranhamento de suas atitudes, pelas informações que o tirano certamente tinha sobre ele, de como ele, na sua forma de viver, era diferente dos restantes dos mortais. Não se enquadrava em nenhuma das naturais atribuições a que todos prontamente se submetiam. Não tenhamos a menor sombra de dúvidas: foi isso que motivou a pergunta do poder.

Há um claro destaque para esse que incomoda, para esse que não se comporta como todos os outros. Pela primeira vez, há alguém que não participa da farsa, alguém que inclusive ousa falar sobre ela, que a denuncia. Como a filosofia, também foi assim que veio ao mundo o filósofo. Parece que havíamos esquecido isso. Pitágoras, um nômade.

1.2 Rumo à questão

O que precisa ser demonstrado para ser crido.
Não vale grande coisa.

Nietzsche (1976, p. 19).

O que tentamos explicitar acima, com a invenção da filosofia e o nascimento do filósofo, foi que esses acontecimentos são frutos de contingências que, ao aflorar na Grécia, tiveram uma particularidade inédita até então no mundo. A filosofia e os filósofos não caíram do céu. São imanentes¹³, o pensamento, suas origens, estão totalmente irmanados, jungidos. Respondem a um problema, a questões que só essas contingências gregas puderam propiciar. Foi na Grécia que, pela primeira vez, tornaram-se insatisfatórias as respostas impostas por reis-divinos e por mitos. Foi lá que, pela primeira vez, perguntas foram feitas, que se procurou respostas que não as que grassavam no mundo até então. E a maneira que isso se deu foi o que tentamos realçar. Foi nosso intuito apontar isso, mesmo sem ter elementos

¹³ “Imanência: diz-se de uma atividade que é imanente a um agente quando ‘permanece’ dentro do agente no sentido de que tem no agente o seu próprio fim. O ser imanente contrapõe-se, portanto, ao ser transcendente.” (MORA, 1974, p. 198).

suficientes, ainda de maneira imprecisa, dissemos que quem nasceu primeiro foi uma determinada filosofia, essa que grafamos com “f” minúsculo e que opomos à Filosofia, a com “F” maiúsculo, que só depois teria vindo ao mundo. Chamamos essa primeira filosofia de filosofia nômade, e a outra de Filosofia Dogmática. Pretendemos tornar essa questão mais clara a partir de agora, o que não seria possível sem as genealogias traçadas.

Nos seus vinte e oito séculos de existência, o que conhecemos ou o que triunfou e se apresentou com uma unicidade – a nosso ver – bastante suspeita, ganhou o nome de Filosofia (“F”), ainda que não tenha sido grafada assim, nem tenha jamais se apresentado dessa forma. Essa distinção não é encontrada em nenhum dos vinte e oito séculos de sua história. Mas para os objetivos desta tese, essa diferenciação se faz necessária. O que estamos inicialmente apontando é que, durante toda a sua existência, a filosofia, sem essa pretensão, trilhou dois caminhos. Para que se possa desenvolver melhor a questão, faz-se necessário distingui-los.

Um desses caminhos chamamos de filosofia nômade. O outro caminho seria o da Filosofia Dogmática. Durante quase toda sua existência, esses caminhos se confundiram tanto que não nos teria sido possível distingui-los. Fiquemos, por ora, com essa assertiva, ainda aguardando mais esclarecimentos. Mas que não percamos o que foi exposto anteriormente, que saibamos que no seu nascimento na Grécia ela se apresentou como realçamos, rompendo, estraçalhando qualquer das anteriores tentativas de submissão, sejam as soberanias despótico-divinas, sejam a dos mitos. Não podemos relevar, nem perder de vista, as páginas anteriores e as genealogias ali traçadas, ainda que de forma imprecisa, ainda que sem os devidos pormenores, que os limites do que traçamos permitiam e que, a partir de agora, pretendemos melhor conceituar.

1.3 A Filosofia Dogmática

Os filhos da sua cabeça cresceram-lhes acima da cabeça. Curvaram-se eles, que são os criadores diante das suas criaturas.

Marx (1984a, p. 7).

A Filosofia Dogmática é a que pretende nos apresentar verdades. Será a Filosofia do Ser. Sempre traçará o caminho de uma transcendência¹⁴. Sempre algo superior, maior, que nos apontará respostas do alto de sua soberania. Uma Filosofia tempestiva, que reflete o seu tempo, o que não significa de modo algum que tenha uma duração limitada. Será sempre uma Filosofia do e para o Estado, não importando que se ancore num Rei-Filósofo¹⁵, em uma substância, numa categoria¹⁶, em um Deus único legislador¹⁷. Uma substância pensante que more em um soberano Eu¹⁸, em uma Faculdade do pensamento¹⁹, ou em um absoluto qualquer²⁰. Sempre para um dogmático, esse algo fora do mundo, maior que mundo, mais sábio do mundo, que pode inclusive ser do mundo, mas só para poder gerenciá-lo. Sempre uma hierarquia e, lá no topo, um Ser. Esse algo com uma saudade nostálgica dos reis-divinos, travestidos em nomes mais pomposos em Conceitos – sim, com “C” maiúsculo. Foi o que ergueram esses gigantes da história do pensamento. E, a seguir, cabe uma ressalva que, só para não perder a estética, vai permanecer em letras minúsculas.

Platão, Aristóteles, Descartes, Kant e Hegel, que fique bem claro, são gigantes do pensamento. Não existe nenhum resíduo de dúvida quanto a isso em nossa exposição. Se a humanidade, em sua curta existência²¹, conheceu gênios, esses cinco são inquestionavelmente os maiores. Não é sequer possível aventar qualquer sombra de dúvida quanto a isso. Esses homens brilhantes nos legaram páginas gigantes que não são passíveis de questionamento. Não é esse, nem poderia ser o nosso intuito. A nossa história, o nosso mundo, só é o que é por ter sido presenteado pela passagem desses Filósofos por aqui.

¹⁴ Transcendência: “Em geral tem-se entendido que o transcendente é o que está ‘para lá de alguma coisa’; transcender é ‘sobressair’. Amíúde se tem admitido que algo ‘transcendente’ é superior a algo ‘imaneente’.” (MORA, 1974, p. 397).

¹⁵ Platão.

¹⁶ Aristóteles.

¹⁷ Idade Média.

¹⁸ René Descartes.

¹⁹ Immanuel Kant.

²⁰ Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

²¹ “Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da “história universal”: mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram que morrer...houve eternidades, em que ele não estava; quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido.” (NIETZSCHE, 1989, p. 31).

Esses gigantes inspiraram outros seguidores, alguns de menor envergadura, mas que figuram ao lado deles e se inspiraram neles; outros, nem isso. Sobre as genialidades e contribuições desses gigantes não pode pairar nenhuma dúvida. Não são gigantes por favorecimento de ninguém, mas pelo inquestionável merecimento que suas obras souberam provocar e ainda provocam. Nosso mundo é – e todos nós somos – platônico, aristotélico, cartesiano, kantiano e hegeliano. O gigantismo é tão forte que, como um neutrino²², passa por nós e, sem que sintamos, alguma coisa fica. No caso deles, muita coisa. O próprio mundo. Foram esses Filósofos os mentores de nosso mundo, eles constituíram nossa terra, nossas vidas. Herdamos tudo deles e com eles vivemos e tentamos respirar. Se existe um todo, ele está nesses pensadores. Levantar qualquer dúvida, qualquer suspeita, é no mínimo uma leviandade, um ressentimento. Só muito ressentimento poderia levar alguém a questioná-los, julgá-los, desmerecê-los. E nas laudas de nossa tese, que essa observação seja nosso carro-chefe. Os advogados de que esses gigantes nunca precisaram, que nunca contratariam, estão há bem mais que milhares de anos-luz deles. O caminho que escolhemos percorrer não é a terra e seus proprietários, mas o mar e seus navegantes. E esses navegantes são os filósofos menores, os filósofos nômades que não conseguiram tanta fama, e aqui todo o cuidado é pouco, dona dialética, dona escrita, dona razão... e tantas donas não querem permitir que possamos ir além do que criaram. Como se o que é fosse, o que se diz ser, e então nada mais poderia ser dito, poderia ser permitido dizer. Como mundo sensível e mundo inteligível²³. Como se tudo tivesse uma substância se mostrando para nós²⁴, como se tudo fosse uma dádiva de Deus ou como se o próprio Deus nos desse a razão para decifrarmos sua escrita divina. Mas não existe só essa Filosofia. Sabe-se que ela existe, que é gigante, e isso é inquestionável, mas ela não reina sozinha. Sempre existiu outra e é dela que pretendemos nos ocupar. Pretende-se que não sejam esquecidas todas essas ressalvas, que estas linhas não tenham sido escritas em vão.

²² Os neutrinos são partículas elementares, ou seja, eles são blocos fundamentais que constroem tudo no universo. Trilhões de neutrinos atravessam nosso corpo a cada segundo. Apenas 1 ou 2 dessas partículas irá interagir conosco ao longo da nossa vida. Disponível em: <https://propg.ufabc.edu.br/mnpef-sites/neutrinos/index.php/situando/o-que-e/> Acesso em 19 de janeiro de 2022.

²³ Platão.

²⁴ Aristóteles.

1.4 A filosofia nômade

Não foram as palavras, porventura, feitas para seres pesados? Não mentem todas elas, porventura, à criatura leve? Canta! Não fales mais!

Nietzsche (1998a, p. 237).

Em julho de 1972, no Centro Cultural Internacional Cerisy-la-Salle, na França, foi realizado um colóquio, “Nietzsche hoje?”, com várias intervenções. A que nos interessa foi a feita por Gilles Deleuze, e que depois foi transcrita²⁵ com o título “Pensamento nômade”²⁶. Outra vez, Deleuze se refere à velhice e mostra particular interesse em se dirigir aos jovens que estão presentes e todos os outros jovens que estariam descobrindo “Nietzsche hoje”. Fala sobre como a compreensão desses jovens sobre Nietzsche é bem diferente da compreensão das pessoas da geração dele, e – ele não diria, mas isso é claro para nós – essa outra compreensão de Nietzsche por parte dos jovens só foi possível a partir dele Deleuze, e de sua filosofia. E ao longo de sua intervenção nesse colóquio, ele irá nos dizer que toda obra de Nietzsche é a obra de um pensador inteiramente singular, vai dizer que ele tem um “pensamento nômade”. Em seus escritos sobre o filósofo²⁷, ele já havia destacado a diferença, a estranheza que Nietzsche trazia para a filosofia. Platão nos levou para a caverna, de onde pouco de nós saímos²⁸. O Zarathustra de Nietzsche vai para as montanhas, longe dos homens²⁹. Platão é um Filósofo Dogmático, Nietzsche é um filósofo nômade. Voltaremos a essa questão mais adiante.

Mas, ao falar da velhice e da juventude, como já destacamos anteriormente na seção 1 desta tese, aparentemente, ele está se referindo a ele e aos jovens. O que é velho, o que se repete enfadonhamente por longos vinte e oito séculos como um bloco aparentemente sólido e único, o que se empurra como uma única possibilidade é ser o pensamento, é ter o pensamento, se contentado com uma única possibilidade que foi crescendo até se fazer passar por única. E essa Filosofia

²⁵ DELEUZE, G. *Nietzsche aujourd'hui?* Tomo; Intensités, Paris; UGE, 10/18, 1973, p. 159–174.

²⁶ DELEUZE, G. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 319–329.

²⁷ DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 1994.

²⁸ PLATÃO. *A República*. Belém: EDUFPA, 2000. 514 a-517 a.

²⁹ NIETZSCHE, F. *Assim Falou Zarathustra*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998a, p. 27.

– a Dogmática – é regrada. Não há lugar para o novo nela, não quer o novo, o jovem. E esse Nietzsche é exatamente isso, o novo, o ar da montanha de Zarathustra. Escreve por aforismos, heresia filosófica? É que a linguagem com seus significantes e significados quer codificar, legislar, falar sempre do mesmo para os mesmos. E aí vem o Nietzsche rasgando a linguagem e a Filosofia, com seus aforismos³⁰.

Ora, se esse Nietzsche não pertence à filosofia, é talvez porque ele é o primeiro a conceber um outro tipo de discurso como uma contrafilosofia. Ou seja, um discurso antes de tudo, nômade, cujos enunciados não seriam produzidos por uma máquina racional administrativa que tem os filósofos como burocratas da razão pura, mas por uma máquina de guerra móvel. (DELEUZE, 2006, p. 327).

Sobre ser ele “o primeiro a conceber outro tipo de discurso contrafilosofia”, é nossa intenção neste estudo lançar outro olhar, o que faremos quando os elementos necessários para defender essa posição estiverem suficientemente enunciados. Mas o que salta aos olhos nessas linhas de Deleuze é a diferenciação entre duas posturas, uma seria a da Filosofia Dogmática, com seus Filósofos burocratas da razão. E a outra seria a postura nômade, que não se utiliza dos esconderijos da razão. “O nômade com sua máquina de guerra opõe-se ao déspota com sua máquina administrativa” (DELEUZE, 2006, p. 327)³¹.

Mas o que seria a filosofia nômade? Seria só uma filosofia em oposição à outra, à Filosofia Dogmática? O que diferencia e caracteriza essa filosofia?

No nosso entendimento – e, agora, começamos a desenvolver mais claramente o nosso caminho –, a filosofia nasceu nômade e só depois se sedentarizou. São Sócrates e Platão dois dos primeiros Filósofos Dogmáticos, mas o “pai” de ambos é, sem dúvidas, Parmênides. Iniciaremos nosso caminho por ele no próximo capítulo. E não por coincidência, Sócrates e Platão viveram no apogeu da Polis grega (cidades-Estado), no século V a.C., e refletiram sobre ela. A questão que envolve ambos é a administração das recém-inventadas, cidades-Estado. Quando se deu o fim da soberania despótica (reis-divinos), a questão que se colocou era quem e como administrar esse mundo que não tem mais esses déspotas e seus

³⁰ Deleuze esclarece: “O aforismo [...] é muito diferente da máxima, pois uma máxima, na república das letras, é como um ato orgânico de Estado ou um juízo soberano, mas um aforismo sempre espera seu sentido de uma nova força exterior.” (DELEUZE, 1997b, p. 46). O nômade Nietzsche escreve aforismos e não máximas.

³¹ Ver nota 11 desta tese.

preconceitos. Os primeiros Filósofos da Pólis se dedicarão a isso. Mas esses Filósofos só apareceram depois, bem depois.

E como é necessário ao menos tentar realçar alguns dos “disfarces”, algumas das infinitas máscaras dos nômades, não há nenhuma pretensão de esgotar, de catalogar. Isso não seria nem um pouco nomádico.

Vamos a algumas delas, de antemão, deixando claro que não são máximas, não são regras, que não existe cartilha nômade, são só máscaras que em breve vão desfilar por essas laudas.

Todo pensador nômade jamais irá pensar para o Estado. O Estado não é a questão da filosofia nômade. A filosofia nômade jamais toma o Estado como um fim, uma finalidade. Um nômade jamais participa da administração do aparelho do Estado.

Um nômade deplora qualquer hierarquia, qualquer transcendência. Um pensador nômade será sempre um pensador da imanência.

Não faz parte de suas questões perguntas que, para um nômade, simplesmente não têm sentido: Por quê? Princípio? Início?

Como? Sim. Por quê? Jamais. O porquê tem a pretensão de parar o movimento e explicá-lo, dando a ele uma inevitabilidade que não possui. O como não. O como não julga, simplesmente constata o que se deu, esse acaso que não é um destino, que simplesmente aconteceu.

Todo nômade não acredita em nada, nem que não acredita. Um nômade jamais tem crença, tem fé.

Para um nômade, a ideia de Ser não se coloca. É reducionista, servil.

Para um nômade, a razão não é razoável, mas um nômade não é um irracionalista, adjetivação reducionista que pressupõe só dois possíveis: o racional e o que, não sendo racional, seria irracional – algo bem característico das tentativas categorizáveis da razão.

Jamais são universais que tentam abarcar tudo, singularidades, acontecimentos únicos.

Todo nômade tem ojeriza a leis e regras. Sujeições, servidões.

Nômades são do mar, jamais da terra.

Eu, Deus e mundo. São acontecimentos, são fabricações e, como tal, não são inexoráveis verdades a sustentar nada além dessas crenças: Eu, Deus e mundo.

Um nômade será sempre um minoritário, jamais majoritário.

Nunca jogará uma âncora, procurará nenhuma verdade. Nem aqui, nem acolá. A verdade é coisa para fracos. Um nômade não assiste, joga. Jamais fará parte de seu tempo, será sempre em qualquer tempo, intempestivo. Será sempre revolucionário. São alguns dos traços do pensamento nômade, como destacamos, sem nenhuma pretensão a uma catalogação. E essa filosofia não é uma filosofia em oposição à Filosofia Dogmática, contra a Filosofia Dogmática. Essa questão não se coloca a não ser quando, por uma questão de clareza, seja necessário explicitar de que maneira a Filosofia Dogmática abordou e como isso será abandonado ou tratado de outra forma pelo pensamento nômade. Não existe, por parte do pensamento nômade, nenhuma vontade de um embate, nenhuma tentativa de persuadir, convencer. O pensamento nômade não se opõe ao pensamento Dogmático. Ele é só um outro tipo de pensamento que sabe dos limites da ideia de oposição, de contrário. Da ideia de contradição, da dialética. Não quer jamais arrebanhar. No máximo, roubar ovelhas... “Não deve Zaratustra tornar-se pastor e cão do rebanho! ... Atrair muitos para fora do rebanho – foi para isso que vim...ladrão quer chamar-se Zaratustra para os pastores.” (NIETZSCHE, 1998a, p. 39).

Um nômade não quer que o sigam para que não seja um novo pastor a vociferar verdades e seguidores dessas verdades.

Estranha forma de pensamento que não traz verdades, que não quer convencer ninguém de nada, que não oferece nenhuma receita, caminho, a não ser roubar todas as ovelhas de seus pastores. Um pensamento sem pastores, nem ovelhas. Tudo o que sempre nos foi – e ainda nos é – proposto. Respostas vindas do alto dos reis-divinos e seus preconceitos, dos mitos e suas fábulas. Deuses, mitos, Filósofos, Deus, reis, poderosos de todos os quilates, sempre guiaram as maiorias com suas respostas que aconchegaram e aconchegam os tementes a suas verdades, os que fizeram e fazem delas o caminho a seguir. E em meio a essas respostas sempre presentes e pastoralmente impostas, rebanhos das mais variadas espécies proliferaram, tendo em comum a servidão a que foram submetidos.

Bastante estranho esse pensamento que vê os limites de ser só uma oposição e que não se contrapõe a ele, oferecendo outro caminho para uma nova servidão; que só (só?) quer roubar as ovelhas dos cativos rebanhos que se acostumaram a vegetativamente seguir. Um nômade não se fixa, não se segura em nada, não oferta nenhuma aconchegante verdade para substituir por outra, pois foi

isso o que fez a vitoriosa Filosofia Dogmática: apresentou “verdades” sob vários véus.

Não se trata, pois, de fazer um debate e contestar a Filosofia que aparentemente seria a única. Ela exige um contraponto, que – sejamos claros – pressupõe que se tenha primeiro que contestá-la, pedindo licença e justificando com os “*a priori*” que ela colocou, que ela estabeleceu como necessários. E só então, se poderia pleitear algo. Ou seja, as regras do jogo teriam que ser as que essa Filosofia estabeleceu, e esse seria o único possível caminho.

As grandes ficções que foram tomadas como absolutas e inquestionáveis são as criadas por Universais como: Mundo, Deus, Eu. Se existe mundo, vamos descrevê-lo e pronto. Podemos fazer isso com um Deus que a tudo criou ou com um “Eu” gigante que, do alto de sua sapiência, tudo explica. Mundo, Deus ou esse “Eu” a nos guiar. Mas todas essas “verdades” – assim como Estado, leis, hierarquias e tantas outras – nasceram, foram inventadas. Portanto, que os filhos de nossa cabeça não nos façam temer o que criamos, como disse K. Marx. Se o mundo também foi criado, por um Deus onipotente, onisciente, origem de Si mesmo e causa de tudo. Esse é o campo da fé, incompatível com o pensamento nômade. Muitas águas vão rolar, até que os tais “animais inteligentes” (nós, os homens) venhamos a surgir por aqui, muitos milhares de anos, até que possamos ser tema da filosofia e da ciência. E quando essa questão se coloca, ela não teve uma resposta una como se pretende passar como dado, como se fez e ainda se faz “crer”.

Esse pensamento racional, essa invenção da filosofia não veio ao mundo embalsamado em uma só possibilidade, da sua invenção até os dias de hoje. A filosofia trilha esses dois caminhos distintos que pontuamos até aqui. O caminho da dogmática e o caminho nômade.

Por parte do pensamento nômade, nenhuma oposição ao outro caminho. Só uma outra opção. Como esse caminho não tem regras, máximas, leis, Estados, Universais, Ser, verdades, como o pensamento nômade não se faz por essas premissas, desconhece premissas. Sua natureza é não ter natureza. Só mesmo por pequenos desvios, veredas, poderemos e tentaremos traçá-los, cartografá-los³², sem um mapa, sem um dicionário, sem um guia.

³² Cartografia: “Somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. [...] E constantemente as linhas se cruzam, se

O que Gilles Deleuze chamou de “Pensamento nômade” estaria, então, delimitado ao pensamento de Nietzsche? Seria ele o primeiro filósofo a se indispor com o pensamento majoritário da dogmática? No nosso entendimento, não, e, ao longo de sua obra, Deleuze nos aponta isso o tempo todo. Também ele – Gilles Deleuze – não foi o primeiro, e essa questão não tem a menor importância e só estamos passando por ela para sair dela. Para ir para a questão. “Pensamento de fora”, como o chama M. Foucault (1986). E as nomenclaturas irão variar. O próprio Deleuze fala em “pensamento menor”, em uma literatura menor de Kafka³³. Menor não por ser inferior, mas por oposição à literatura Maior. Parece redundante salientar o “M” maiúsculo do “m” minúsculo, visto o que expusemos anteriormente quanto à Filosofia e à filosofia. O que seria importante realçar é que existe um Cinema Maior e outro menor. Um Teatro Maior e um teatro menor. Uma Ciência Maior e uma ciência menor e assim infinitamente³⁴ poderíamos exemplificar, para fins puramente pedagógicos: o Grande Cinema de John Ford e o cinema de cassavetes. O Teatrão burguês e o teatro de antonin artaud. A Física Clássica e a física quântica. Em todos esses exemplos só “Arte, Ciência e Filosofia!”. Só “arte, ciência e filosofia”. Formas distintas, diferentes, mas não antagônicas de tratar e de olhar o mundo. Opções que trazem em suas propostas um “enquadramento” que reflete essa opção. Sim, um belo retrato do Rei, encomendado e bem remunerado por ele. Também pode ser um belo retrato em que inclusive ele, o artista, Velázquez (1599/1660) aparece na pintura.

A pintura “As Meninas”³⁵ também retrata uma família Real, a de Felipe IV. Mas ali não se trata apenas de um talentoso retrato. O pintor é que nos mostra, se pintando na tela, o que quer que “vejamos”³⁶. Uma Arte linda é um retrato de um rei. Uma outra arte e eis... velázques. Um pintor, menor. Os exemplos se multiplicariam no cinema, na literatura, na ciência. Existe também nelas “o pensamento nômade”, “o pensamento de fora”, “o pensamento menor”. E esse menor não é inferior ou superior. Não está em oposição à coisa nenhuma. Aplausos para o perfeito retrato

superpõem a uma linha costumeira, se seguem por um certo tempo. [...] É uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem penetrar uma na outra”. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 77–76).

³³ DELEUZE, G. *Kafka* - por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

³⁴ BLANCHOT, M. *Conversa infinita*. São Paulo: Escuta. 2001.

³⁵ VELÁZQUES, Diego. [As Meninas]. 1656. Óleo sobre tela, 318 x 276 cm.

³⁶ Para uma análise mais detalhada da pintura ver: FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a . Capítulo I. Las Meninas.

do Rei Sol Luís XIV, o pintor é Hyacinthe Rigaud (1659-1743)³⁷, um gigante da Arte e merecidamente recebeu do monarca pelo lindo trabalho. Os dois pintores trabalharam para os reis de plantão na época. Ambos produziram belíssimos retratos, mas o nômade Velázquez pintou algo a mais que os retratos de seu tempo. Seu “enquadramento” nos fez ver outras possibilidades. Apesar do rei. Assim também cassavetes. Apesar do rei Hollywood. Alguns filmes para Eles, outros para nós. O que estamos tentando “pintar” nestas linhas iniciais é esse “enquadramento” diferente que sempre se fez presente no mundo, que mudou e o muda constantemente.

Os gigantes dinossauros jamais poderiam imaginar seu fim, seja pela queda de um asteroide, seja pela escassez de alimentos ou qualquer outra dessas “causas” e explicações científicas. Alguns milhares de anos depois, surgimos nós, homens, que de mamíferos “inferiores” passaríamos a ocupar o lugar outrora reservado aos dinossauros. E isso não estava “escrito nas estrelas”, isso simplesmente aconteceu. Também o lobo que nos atacava foi domesticado e agora é o cão a servir ao pastor do rebanho.³⁸ Mundo de dinossauros, mundo de homens. Mundo de homens Artistas que retratam, mundo de homens artistas que, ao escolher um “enquadramento” diferente, não retratam, criam outros mundos.

O que pretendemos, ao apresentar esse pensamento nômade, não é limitá-lo ao pensamento de Nietzsche. No nosso entendimento, o pensamento nômade antecede inclusive o homem; foi esse pensamento que um dia o possibilitou. E um belo dia foi até possível verbalizá-lo em um “fiat lux” não divino, não caindo do céu, mas vindo da terra – melhor ainda, da água...do mar. O que fizeram os primeiros filósofos, o que fez a filosofia, foi explicitá-lo. E de sua invenção até os dias de hoje, ainda que de forma menor, ainda que não majoritariamente, o que fez e faz é isso, pensar com outro “enquadramento” que não se limite a retratar.

Colocar-se, como desde sua invenção a filosofia fez, como um pensamento que transforma, que não se limita a descrever o que se acredita ter um ser. O que se atribui ao sofista Górgias: “Nada, diz ele, é: se é, é incognoscível; aliás, se é e se é cognoscível, não pode ser mostrado a outros” (CASSIN, 2005, p. 278); já é um esboço do pensamento nômade. Se “nada é”, é falsa questão tentar descrevê-lo,

³⁷ RIGAUD, Hyacinthe. [Retrato de Luiz XIV]. 1701. Óleo sobre tela, 277 x 194 cm.

³⁸ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*: Um livro para todos e para Ninguém. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998a, p. 39.

pois, no exato momento de todas as tentativas de descrever algo, esse algo já está se modificando, dando lugar a um novo qualquer, se metamorfoseando, se transformando, se revolucionando.

Quando digo dinossauro, ele não existe mais, é o homem que está sendo inventado... quando digo lobo, ele já foi docilizado, domesticado e é só um cão do pastor. Mas quem sabe, acorde de sua submissão pastoral e crie uma roupa, um devir devorador de pastores. Todas essas tentativas de codificar, rotular, julgar, justificar, dar nomes, estabelecer características servem ao conhecimento, ajudam ao ego descritivo dessa vontade de verdade. E no grande livro do conhecimento, ficamos a saber dos dinossauros, dos lobos, dos homens, dos pastores e rebanhos. Sim, isso nos acrescenta bastante coisa, a Ciência e seu conhecimento nos servem, mas não bastam. É um lindo retrato feito por brilhantes mentes científicas, mas ainda não é a pintura de Velásquez, ainda não é o cinema de um Cassavetes.

Por ter a Filosofia Dogmática optado por se passar por Ciência, ou uma Ciência descritiva do mundo, talvez por isso tenha sido lentamente relegada a um papel secundário ao longo de sua história, essa sua opção pelo conhecimento puro e simples a levou a ser subalterna da Ciência. Entretanto, a filosofia, a saber, o pensamento nômade, desde o seu nascimento, também trilhou outros caminhos, fez alianças que lhe deram e dão potência até os dias de hoje. Até com outra ciência, essa com “c” minúsculo – para ficar em um exemplo reducionista, mas que é útil a nossos propósitos –, a Física Clássica e o Mundo Macroscópico e a física quântica e o mundo microscópico. Do Macro à nanotecnologia³⁹.

Nos primórdios, e ainda hoje, a filosofia e só depois a Ciência: antes o pensamento, e só depois a experiência e possíveis comprovações. Primeiro alguém pensou uma partícula – Partícula de Higgs⁴⁰. Quarenta anos depois, foi possível comprovar a sua existência. Do pensamento para um mundo. Um pensamento mudando o mundo. Esse detalhe parece ter sido esquecido pela Filosofia Dogmática, que passou a somente descrever o mundo que ela mesmo criou. Passou

³⁹ A nanotecnologia trabalha com objetos entre 1 e 100 nanômetros. Em 1 metro há 1 bilhão de nanômetros. Disponível em: <https://www.ima.ufrj.br/index.php/pt/graduacao/a-graduacao> Acesso em 18 fev. 2021.

⁴⁰ Peter Higgs “Descoberta teórica de um mecanismo que contribuiu para a nossa compreensão da origem da massa de partículas subatômicas, e que recentemente foi confirmado pela descoberta da partícula fundamental, pelas experiências ATLAS e CMS no Large Hadron Collider do CERN”. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/physics/2013/higgs/facts/>. Acesso em 18 fev. 2021.

a ser uma descrição e legitimação de tudo que ela mesmo criou. “Os filhos da sua cabeça cresceram-lhes acima da cabeça. Curvaram-se eles, que são os criadores diante das suas criaturas” (MARX, 1984a, p. 7). Foi o que se deu: a Filosofia Dogmática se apaixonou pelo que ela própria criou. Apaixonou-se por si própria como Narciso⁴¹ e, desde então, o que faz é enaltecer sua própria criação. Uma mãe apaixonada por seu rebento que não consegue enxergar que é o espelho que olha e descreve como se nada mais houvesse, a Filosofia Dogmática a partir de então se separa da filosofia, de onde veio, esquece, renega-a, só enxerga “os filhos de sua cabeça”, e nessa paixão cega, só admira e vê o espelho e desde então pinta retratos. Lindos, maravilhosos retratos como só Grandes Artistas poderiam produzir. Uma Pólis e o “Mundo “das Ideias” de Platão. Uma Pólis e as “Categorias”. Ou a “Substância” Aristotélica. Santo Agostinho e “De Civitate Dei”. “A Cidade de Deus”. René Descartes e a “Substância” irá morar na glândula pineal dentro do cérebro, e a partir de então é o Homem e seu “Eu” gigante que irão administrar o Estado graças a sua Razão. Hegel e o “Espírito Absoluto”, Kant e as “Faculdades da Razão”. E nessa listagem, só um limitado passeio por esses “quadros”, por essas “pinturas”, esses “Conceitos” de alguns desses Geniais Gigantes da Filosofia, cada um deles, em cada momento histórico, apresenta seus “Conceitos” e retrata e justifica o mundo, o Estado e o Pastor de plantão nos respectivos períodos em que viveram. E é de dentro desses Estados, contratados e funcionários desses Estados, será nessa terra que produzirão sua Filosofia. Seus retratos e seus “Conceitos”. Dentro dessa terra, no interior desses territórios, só olhando e vendo internamente esses limites que construíram essa Filosofia Dogmática. Dentro do Estado e para o Estado, que se limita a uma tautologia do espelho. Alguns desses Gigantes sem suspeitar disso, dado o envolvimento com o seu respectivo mundo, outros nem tanto.

O que pretendemos desenvolver neste estudo é que, em algum momento na sua história, a filosofia foi invadida pela Filosofia. Ela, filosofia, nasceu e é nômade, o pensamento é nômade, independentemente da força, da máquina que quase nos impede de pensar de outra forma, a máquina da Filosofia Dogmática. Independentemente dela, a filosofia como pensamento nômade continuou e

⁴¹ Segundo a Mitologia Grega, Narciso era um jovem muito belo que foi objeto da paixão de muita gente, rapazes, ninfas, todos ficavam admirados com sua beleza. Mas Narciso simplesmente ignorava a todos. Os desprezados e desprezadas pediram auxílio a deusa Némesis que fez com que um dia Narciso visse a sua própria imagem em um lago e se apaixonasse por ela. Esse amor por sua própria imagem causa a sua morte. (GRIMAL, 1982, p. 322).

continua. Só que os caminhos dessa filosofia não nos levam ao ser, à verdade, ao Estado e tudo que foi erigido como única questão da Filosofia Maior, da Dogmática.

Isso nos força a ter cuidado, pois a filosofia nômade não tem somente um rosto, não segue somente um caminho, não apresenta Estados, verdades, não traz nem legitima pastores, reis de nenhuma natureza. Não existe para o pensamento nômade nenhum uno a procurar, nenhuma verdade, nenhum mundo dado a ser retratado, essa não é uma questão do pensamento nômade, ele começa exatamente por não reconhecer estados de coisas, por não fazer do que é apenas uma invenção temporal, algo imutável que deva custar laudas para ser descrito, retratado. Não é sua questão esse momentâneo, esse momentâneo e tantos outros só podem ser pensados como passagens. Sim, nós homens inventamos o Estado, inventamos deuses, Deus, o mundo de ontem e de hoje, contudo, não existe nessas criações nada além de serem invenções.

A partir dessas invenções, entendido que são tão e somente criações, invenções, podemos pensar e criar outros possíveis, ao passo que se nos debruçarmos sobre o que é dado como sendo um inevitável, um inexorável, algo que tenha algum ser, o máximo que faremos será uma reflexão sobre um ser. O ato de refletir só legitima, corrobora. Só mantém o que irá mudar por algum tempo coeso. Pouco depois, estaríamos a explicar e legitimar o que agora se apresenta de forma diferente, e assim ao infinito, sempre em busca de uma explicação depois da novidade apresentada. Mas isso não seria História? Não é a ela que se atribui tal papel?

Um dos pensadores nômades, Nietzsche, localizou e atacou essa questão e para isso foi obrigado a contestar o Gigante Hegel⁴² ao criticar o historicismo hegeliano e apresentar a possibilidade de “uma história para promover a vida, não para paralisar a vida.” (NIETZSCHE, 1989, *Considerações Extemporâneas* p. 22). Uma história nômade, não a História dogmática de Hegel. Assim também é a filosofia nômade, sem tentar paralisar a vida em julgamentos que pretendem dar a ela um sentido. E é notório que todas essas tentativas de paralisar a vida criaram um algo acima, um pretense superior para arrebanhar. Uma História que retrata e paralisa da vida e uma história que liberta a vida das prisões a que a querem

⁴² NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a utilidade e desvantagens da História para a Vida. Obras Incompletas. Vol.1-2, Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Coleção Os Pensadores.).

submeter. Uma Filosofia Dogmática com um: “tem que ser assim”, com um: “assim é, e te submeteremos”. E outra, a nômade. Fora de qualquer dentro, de qualquer centro, de qualquer pretensão de submeter o que quer que seja, a uma revelação, uma descoberta que será então alçada a guia. Uma filosofia para roubar as ovelhas de todo e qualquer rebanho.

Uma filosofia não para interpretar o mundo, mas para transformá-lo. É a famosa décima primeira tese sobre Feuerbach: “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo.”⁴³. Não para criar ídolos, mas para filosofar com o martelo, quebrando todos os ídolos criados para submeter⁴⁴.

Foi assim que a filosofia nasceu. Como pensamento nômade, insubmisso, revolucionário. Desde sempre a incomodar o poder, qualquer que seja ele. O fato de ter sido domesticada para ser o cão do pastor é somente uma opção que se pretende apresentar como única e que por motivos óbvios galgou a fama. A Academia de Platão fez e faz sucesso. Na sua época, era necessário saber geometria para ser candidato a aluno. De lá para cá, outras exigências foram pouco a pouco sendo acrescentadas e de forma sutil – ou nem um pouco sutil –, o lobo virou o pastor do cão. A nossa tese fez uma outra opção, por lobos nômades insubmissos. Foi assim que a filosofia nasceu, como destacamos no início destas laudas. Foi assim, como um lobo, que Pitágoras se apresentou ao tirano de plantão como “um filósofo”.

Será acompanhando alguns desses nômades pelos 28 séculos que pretendemos desenvolver nosso estudo.

1.5 O mar dos conceitos e a terra dos Conceitos

O espírito não é a natureza, não tem natureza. Ele é idêntico à ideia no espírito. A ideia é o dado tal como ele é dado, é a experiência. O espírito é dado. É uma coleção de ideias, nem mesmo um sistema.

Deleuze (2001, p. 12).

⁴³ MARX, K. *A ideologia alemã* – prefácio. 1. Ed. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 111.

⁴⁴ NIETZSCHE, F. *O crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

Toda tentativa de abarcar tudo, toda vez que a Filosofia teve essa pretensão, o Conceito (não o conceito) foi encontrado alhures. Partiu-se de um Universal e, lá de cima, do alto desse pedestal, acredita-se ser possível explicar o restante. Como se tudo fosse um conjunto matemático e o que estava escrito na fachada da Academia de Platão não deixasse dúvida. Tudo, portanto, faria parte desse conjunto que tem como Universal o Conceito de Mundo das Ideias; no caso de Platão, bastaria contemplar a Ideia e, dessa forma, conhecer as coisas aqui nesse mundo de cópias das Ideias. Assim, é solucionado o problema na Academia, e com variantes serão encontradas respostas em toda a História da Filosofia. Um Universal e eis a alavanca de Arquimedes, faltando apenas o ponto de apoio. Mas a Terra poderia mesmo ser levantada se tivesse esse ponto de apoio. E foi sempre da terra que essas ideias, esses Conceitos, partiram, e com eles inventaram-se céus de Ideias, inventaram-se deuses, Deus, Estados, servidões e tantas outras subjetividades que são os pontos de apoio inventados. Ou seja, se apoiam no que inventaram, e partindo desse apoio que não existe, desse Universal fabricado, derivam todo o restante. O fantasma gera a fantasia e essa fantasia se apoia num fantasma. A serpente comendo o rabo e aparecendo de novo. Ouroboros. E alguns simplistas nos dizem que o pensamento filosófico aparece como um rompimento com o mundo mítico. Será mesmo? Mas e o criador devorando o próprio rabo e depois renascendo? Não seria a História da Filosofia um Ouroboros com cobras mudando só de “pele”? Sai “a pele” Ideia de Platão, entra a “pele” do Deus monoteísta legislador? Da subjetividade de René Descartes às faculdades da razão de Immanuel Kant, não mudaram só as cobras?

Toda essa ideia de Universal, de algo superior, de transcendência que foi e é a “pele” com que se vestiu essa Filosofia Majoritária, toda ela parte desse princípio para se apoiar e, então, içar o mundo que criou. E esse mundo nada mais é que o espelho que fabricaram, que repete e inverte o que parece igual. A imagem que Narciso contempla e admira é a dele próprio e seus fantasmas. É do alto dessa ficção que tudo deriva e aparenta... Ser. O Ser é outra invenção dessa Filosofia, foi ele (o Ser) que nos deu todo esse mundo e seus Majoritários refletindo sobre seus fantasmas. É mais um mito de quem, pensando estar rompendo com ele, não se percebe... Narciso.

Com os nômades os conceitos, sem universais, sem essa pretensão de conhecer e contemplar o umbigo. Nenhuma impressão digital se repete como a

dizer: sabe ler? Pois sou a natureza e minha natureza é não ter natureza. Não inventem um sistema para tentar me prender. Tantas digitais quantas forem precisas e nenhuma repetição. Não procurem uma identidade onde só existe diferença. Na singularidade de minha digital está a impossibilidade de uma identidade que queira enquadrar, rotular. Eis a diferença do conceito da filosofia nômade e do Conceito da Filosofia Dogmática.

No Planeta Terra, um dia foi inventado o homem. E homens inventaram Estados, inventaram prisões para os que não obedecessem aos homens que criaram os Estados. Inventaram milhões de outras pequenas máquinas de sujeições e formatações nesse mesmo planeta, onde dois terços são constituídos de água, mas que chamamos de Terra. De toda essa água que possivelmente veio de fora, que é extraterrestre⁴⁵, vieram os pensadores que escolhemos estudar. E um velho provérbio popular diz que “o mar não tem cabelo, não tem onde se segurar”. É para o mar que iremos, o mar e seus marujos nômades criadores de uma filosofia diferente da Filosofia da terra. Achamos conveniente chamar atenção para esse caminho sem estradas, sem itinerários. Também sem embarcações e em que o livre movimento das marés e correntes nos joga e jogamos juntos, um jogo sem regras, desregrado. E se, em alguns momentos, nós nômades somos lançados à terra, também nela lançamos nossos dados, continuamos sempre a jogar.

Pitágoras jogou na cara do tirano de Platão: “Sou filósofo” e, nesse momento, já disse a que vinha a filosofia no seu nascimento. Mas muita subserviência, muitos acordos, muita docilidade, muita servidão e vassalagem lambuzada de terra, que depois viria a ser o bíblico barro, veio à luz num parto quase abortivo. Tempos depois, essa Filosofia que “Antes de mamar já cumprimentava a teta” (SHAKESPEARE, 2006, p. 109) continua ainda hoje a dar plantão nos gabinetes dos poderosos. Mas não é dela que nos ocuparemos, começamos com Pitágoras, começamos com um nômade respondendo com destemor ao tirano de plantão, que queria saber quem seria esse insubmisso e o que seria ele, ao se apresentar como filósofo. A filosofia mostrou a que veio. Tempos depois de fecundação artificial encomendada pelo poder, pariu-se essa a Filosofia Dogmática Majoritária criada para justificar e agasalhar na terra os que dela se apoderaram e subjugar o restante,

⁴⁵ “A ideia de que a água da Terra veio predominantemente por meio de asteroides não é nova. Ela é praticamente consensual entre os pesquisadores. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/novo-modelo-fisico-explica-de-onde-veio-a-agua-da-terra/26403/>. Acesso em 08 mar. 2021.

– isso já comentamos –, ainda que sem os elementos que temos agora e pretendemos desenvolver ainda mais ao longo de nossa tese.

É sobre essa filosofia e seus filósofos que “muitas águas vão rolar”. Intenta-se que, a partir do próximo capítulo, consigamos mergulhar nela. Agora já sabemos que o enorme cabelo do Ser em nada ajudará aos naufragos – “mar não tem cabelo” –, iremos zarpar mar adentro, vez por outra indo à terra, visitando os naufragos no que eles pensam ser seus territórios. Visitas que nunca deixamos de fazer e sem que os “donos” da terra pudessem suspeitar, sempre mudaram tudo. Um dia o sertão irá virar mar... (CUNHA, 1982).

2 À GUISA DA QUESTÃO

Homem livre, tu sempre gostarás do mar.
Baudelaire (1985, p. 75).

No capítulo anterior, foi nossa pretensão ter apresentado o problema. A partir de agora, vamos aos filósofos. Para iniciar, escolhemos um majoritário e um dogmático – Parmênides e um minoritário, um nômade – Heráclito. Eles são distintos em tudo, apesar de terem sido empacotados e vendidos como se fossem da mesma marca, da mesma linhagem, da mesma progenitora, a mãe Filosofia. Nós já apontamos que não, de forma alguma. Isso que se pretende uno, que se apresentou e se apresenta como uma só é mesma coisa, essa Filosofia, só comporta ela: Filosofia. Acreditamos que pelo menos essa separação e distinção já estejam devidamente esclarecidas. Essa escolha de iniciar com esse par de filósofos é uma opção que mesmo trabalhando com contrários, oposições, bifurcações, instrumentos típicos da Filosofia maior, da Filosofia dogmática, nos permitirá, ao conhecê-los por comparação, diferenciá-los, e claro, mais ainda que isso, bem mais, como a água e o vinho, que apesar de diferentes, não se opõem. Assim como na filosofia nômade, em que esses conceitos majoritários de oposição, contrários e muitos outros, não dão conta do problema, nunca deram e exatamente por isso, uma filosofia nômade.

Feita a comparação entre Parmênides e Heráclito com os fins já delimitados acima, vamos a Diógenes, o cínico, depois Nietzsche. Ao realizar o estudo desses pensadores, poderemos dar cabo das pretensões dessa tese. Apresentar o pensamento nômade.

“Homem livre, tu sempre gostarás do mar.⁴⁶”. Ao mar, ao mar. Vamos ao mar.

2.1 Parmênides e Heráclito

Parmênides de Eléia (530-460 A. C), Heráclito de Éfeso (540-470 A.C): em comum, terem sidos contemporâneos e terem escrito algo sobre o mesmo título. Ambos escreveram: “Sobre a Natureza”. Sim, exatamente o mesmo título. E as coincidências ficam restritas a essas duas coisas e param por aí. Como a água e o

⁴⁶ BAUDELAIRE, C. *As Flores do Mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1885. p. 75.

vinho. Água e vinho que alguns insistem em misturar, até hoje, escangalhando a pureza da água e a homogeneidade do vinho, que incautos acrescentam água. Essas misturas, essas sínteses tão ao gosto de quem não tem gosto. Estragam o paladar. O vinho, feito com todo cuidado para chegar ao ponto que chegou, e o viticultor meticuloso vendo indo, literalmente, por água abaixo o seu trabalho, quando um insensível mistura água ao vinho para que esse fique mais próximo do que gosta, nem água, nem vinho. Então que beba água, que não estrague o vinho. Assim também com Parmênides e Heráclito, e outros como teremos a oportunidade de ler nessa tese. Alguns os misturam e acabam ambos diluídos, nem vinho, nem água. Essa vontade de catalogar, rotular e empacotar em marcas o que não faz parte, o que nada tem de semelhante, já frisamos isso devidamente. Vamos então separar o joio do trigo de uma vez por todas. Sim, ambos são filósofos (Parmênides e Heráclito), mas como vinhos, existem nuances, paladares. Também na água, ela não é uma, as águas rolam e adquirem sabores do meio. A água é só uma tentativa de prender e enquadrar para fins imediatos sutilezas, sabores, que não cabem na definição de água. Não existe a água, são águas, “As águas vão rolar”, canta a marcha de carnaval.⁴⁷

2.1.1 Parmênides

É preciso que de tudo te instruas,
do âmago inabalável da verdade bem redonda.
Parmênides (1984, Fragmento 1-29-30).

Parmênides escreveu um poema que conheceu as mais diversas interpretações desde então. Não iremos adotar nenhuma delas, mas o comentário abaixo é uma boa apresentação das dificuldades.

Pouca era a sua facilidade de dicção e a luta que travou para submeter ideias filosóficas, novas, difíceis e sumamente abstratas, a uma forma métrica resulta frequentemente numa inextirpável obscuridade, particularmente sintáctica. Por outro lado, nos passos menos argumentativos do poema atinge uma espécie de tosca pomposidade (KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 251).

⁴⁷GONÇALVES, Zilda; GONÇALVES, José. *Saca-rolha*, 1953. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/marchinhas-de-carnaval/473887/>. Acesso em: 20 de maio 2021.

Ou seja, sua poesia pecava ao tentar expor ideias e dado essa obscuridade – e aí somos nós que arriscamos –, o leque de interpretações, como se não bastassem as dificuldades da incompletude do poema e desses fragmentos que chegaram até nós com citações posteriores de vários autores como Platão, Aristóteles e outros. Isso só acrescenta ainda mais dificuldade para uma interpretação que fosse a mais fiel ao seu pensamento, nos deixa à vontade para fazer a leitura, limitada aos nossos estudos quanto a filiação desse Filósofo. Nada mais que isso. E no seu poema, isso, sua filiação, se torna bem mais clara. Abaixo os fragmentos do poema que escolhemos comentar à luz da proposta de nossa tese.⁴⁸

PARMÊNIDES. *Sobre a Natureza* (DK 28 B 1-9). Trad. José Cavalcante de Souza.

Fragmento 1

As éguas me levam onde o coração pedisse
 conduziam-me, pois à via multifante me impeliram
 da deusa, que por todas as cidades leva o homem que sabe;
 por esta eu era levado, por esta, muito sagazes, me levaram
 as éguas o carro puxando, e as moças a viagem dirigiam.

Comentário:

O poema já inicia com o filósofo/poeta tendo o privilégio de ser levado à deusa. Esse, “o homem que sabe”, encontrará quem o guiará, esse homem é Parmênides.

O eixo nos meões emitia som de sirena
 Incandescendo (era movido por duplas, turbilhonantes
 Rodas de ambos os lados), quando se apressavam a enviar-me
 as filhas do Sol, deixando as moradas da Noite,
 para a luz, cabeças retirando com as mãos os véus.

⁴⁸ *Os Pré-Socráticos*. Coleção Os Pensadores, 1984, p. 87-91.

Comentário:

E esse escolhido para saber tem a preciosa ajuda das filhas do Sol, que retiraram os véus que impediam Parmênides de ver direito. De conhecer. Os véus turvavam seu olhar, os impedia de saber. Agora, graças a elas, eis o candidato a Filósofo livre dessas vendas/véus.

É lá que estão as portas aos caminhos de Noite e Dia,
e as sustenta à parte uma verga e uma e uma soleira de pedra,
e elas etéreas enchem-se de grandes batentes;
destes Justiça de muitas penas tem chaves alternantes.

Comentário:

As muitas chaves e muitas penas da Justiça lhe serão abertas.

A esta, falando-lhe as jovens com brandas palavras,
persuadiram habilmente a que a tranca aferroada
depressa removesse das portas; e essas, dos batentes,
um vão escancarado fizeram, abrindo-se, os brônzeos
umbrais nos gonzos alternadamente fazendo girar,
em cavilhas e chavetas ajustados; por lá, pelas portas
logo as moças pela estrada tinham carro e éguas.

Comentário:

E são mesmo abertas ao Filósofo as portas.

E a deusa me acolheu benévola, e na sua a minha
mão direita tomou, e assim dizia e me interpelava:

Comentário:

Aqui, teremos que nos deter um pouco mais. A escolha da mão para guiar o Filósofo, a mão direita, parece antecipar em séculos o que só tempos depois a

Revolução Francesa irá estabelecer⁴⁹, mas que já estava presente no poema. Deuses sempre apresentam respostas, suas respostas são sempre conservadoras, sempre são eles os guias, já que mortais nada sabem e dependem deles para isso. É claro, isso incluirá tempos depois o Deus monoteísta que irá revelar a verdade. Nada mais conservador, – e que não nos esqueçamos – um Filósofo Dogmático é sempre um conservador. A mão escolhida pela deusa não foi por acaso e quem a estendeu, Parmênides, sabia que estava se submetendo a uma transcendência. Desde quando subiu na carruagem rumo à deusa que iria lhe apresentar o saber, o candidato a Filósofo já assentia com uma servidão, uma das muitas características da Filosofia Dogmática, e Parmênides poderia tranquilamente reivindicar para si o título de fundador dessa escola.

Ó, jovem, companheiro de aurigas imortais,
 tu que assim conduzido chegas à nossa morada,
 salve! Pois não foi mal destino que te mandou perlustrar
 esta via (pois ela está fora da senda dos homens).
 mas lei divina e justiça; é preciso que de tudo te instruas,
 do âmago inabalável da verdade bem redonda,
 e de opiniões de mortais, em que não há fé verdadeira.
 No entanto também isto aprenderás, como as aparências
 deviam validamente ser, tudo atravessando,

Comentário:

O “jovem” Parmênides, melhor seria o jovem candidato a Filósofo, Parmênides, escolheu a via boa e inalcançável aos homens e essa via, para que ele a alcance, é preciso que se instrua e essa instrução lhe será dada pela deusa, e o levará a “verdade redonda”. Uma troca, uma negociação, tão ao gosto dos homens do Estado. A deusa lhe passa as chaves do saber e ele em troca as divulga como Filósofo. Na Idade Média, Parmênides seria chamado de teólogo. E as frases seguintes do poema não deixam dúvidas.

⁴⁹ Na Assembleia Constituinte (1789) que tinha como objetivo redefinir os rumos da França, encontravam-se no seu lado esquerdo pessoas que tinham uma posição política não conservadora e do lado direito os conservadores. Mas, o que apontamos é que a escolha da mão direita feita pela deusa para guiar Parmênides não teria sido aleatória, já anunciava “isso”, que só depois foi cunhado como: Direita.

Fragmento 2

Pois bem, eu te direi, e tu recebe a palavra que ouviste,
os únicos caminhos de inquérito que são a pensar:
o primeiro, que é e, portanto, que não é não ser,
de Persuasão é caminho (pois à verdade acompanha);
o outro, que não é e, portanto, que é preciso não ser,
este então, eu te digo, é atalho de todo incrível;
pois nem conhecerias o que não é (pois não é exequível),
nem o dirias...

Comentário:

Agora a deusa será incisa: que ele, Parmênides, receba a palavra e pronto, isso também ecoou na Idade Média, mas não com deusas, com Deus, o que foi bem pior. A farsa.⁵⁰ A deusa ordena a servidão do candidato a Filósofo e deixa claro a existência de um só caminho. O reto caminho do que é o único caminho. E faz uma advertência, como o “não olhes para trás” do Deus monoteísta ao destruir Sodoma e Gomorra.⁵¹ Não ouse pensar no que não é pensável, no que não é. Isso, o não ser, o como as cidades bíblicas foram destruídas tem que ficar para trás. Eis o que o jovem Parmênides terá que fazer para se tornar filósofo.

Fragmento 3

.....Pois o mesmo é a pensar e, portanto, ser.

Comentário:

E quem pensa e quem é o ser, senão as Divindades.

Fragmento 4

Mas olha embora ausentes à mente presentes firmemente;

⁵⁰ “...Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos grandes personagens da história mundial são encenados duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”. (MARX, 2011, p. 25).

⁵¹ “Livra-te, salva a tua vida; não olhes para trás, nem pares em toda a campina; foge para o monte, para que não pereças ... então, fez o Senhor chover enxofre e fogo, da parte do Senhor, sobre Sodoma e Gomorra.” (GÊNESIS, 19:17).

pois não deceparás o que é de aderir ao que é,
nem dispersado em tudo totalmente pelo cosmo,
nem concentrado...

Comentário:

E que sua atenção seja para com os que aderirem ao que irá anunciar, sim, graças à deusa.

Fragmento 5

..... para mim, é comum
donde eu comece; pois aí de novo chegarei de volta.

Comentário:

Ouroboros traçado pelos deuses. Eterno retorno do mesmo, isso é Platão. Não Nietzsche, para Nietzsche o que retorna é a diferença.

Fragmento 6

Necessário é dizer e pensar que (o) ente é; pois é ser,
e nada não é; isto eu te mando considerar.
Pois primeiro desta via de inquerito eu te afasto,
mas depois daquela outra, em que mortais que nada sabem
erram, duplas cabeças, pois o imediato em seus
peitos dirige errante pensamento; e são levados
como surdos e cegos, perplexas, indecisas massas,
para os quais ser e não ser é reputado o mesmo
e não o mesmo, e de tudo é reversível o caminho.

Comentário:

E mais claro não poderia ser o vaticínio da deusa: o que é necessário, o que é possível, o que interessa, o que é único, é o caminho do que é, já que só se pode falar do que existe, e está proibido – pois da outra via e eu te afasto – que se ouse falar do que não é, pois se não existe, só pode ser coisa de mortais, surdos e cegos desviados pelo que não é. Essas massas indecisas que confundem ser com não ser. Essas massas precisam encontrar o caminho teriam que esperar um século para o

anúncio oficial do Rei-Filósofo de Platão⁵². O caminho reto do ser. E se o jovem Parmênides, que fez a escolha certa segundo a deusa, quer ser Filósofo, deverá conhecer o caminho, o único caminho por ela ofertado. O caminho do ser. E, como Filósofo, defendê-lo, com unhas e dentes.

Fragmento 7-8:

Não, impossível que isso prevaleça, ser (o) não ente.
 Tu, porém, desta via de inquerito afasta o pensamento;
 nem o hábito multiexperiente por esta via te force,
 exercer sem visão um olho, e ressoante um ouvido,
 e a língua, mas discerne em discurso controversa tese
 por mim exposta.

Comentário:

A deusa reitera o que foi dito anteriormente. Reforça e previne o candidato a Filósofo sobre do que deve se afastar e, assim, aprenda a lição dada pela deusa para legitimar suas pretensões a Filósofo.

Só ainda (o) mito de (uma) via.
 resta, que é; e sobre esta indícios existem,
 bem muitos, de que ingênito sendo é também imperecível;
 pois é todo inteiro, inabalável e sem fim;
 nem jamais era nem será, pois é agora todo junto,
 uno, contínuo; pois que geração procuraria dele?
 Por onde, donde crescido? Nem de não ente permitirei
 que digas e penses; pois não dizível nem pensável
 é que não é: que necessidade o teria impelido
 a depois ou antes, se do nada iniciado, nascer?
 Assim ou totalmente é necessário ser ou não.
 Nem jamais do que em certo modo é permitida força de fé
 nascer algo além dele; por isso nem nascer
 nem perecer deixou justiça, afrouxando amarras,

⁵² PLATÃO. *A República*. 2000, Livro VI. 484a.

mas mantem; e a decisão sobre isso está no seguinte:
 é ou não é; esta portanto decidido, como é necessário,
 uma via abandonar, impensável, inominável, pois verdadeira
 via não é, e sim a outra, de modo a se encontrar e ser real.
 E como depois pereceria o que é? Como poderia nascer?
 Pois se nasceu, não é, nem também se um dia é para ser.
 Assim, a geração é extinta e fora de inquérito perecimento.

Comentário:

Tudo é, sempre foi e será. Nada começa nem acaba, tudo já está escrito nas estrelas e o que se deve fazer é nada, é ficar imóvel e não tentar atrapalhar o que já está traçado. Ou seja, o que é, é e será sempre, assim como foi, será. Diante desse único caminho pela deusa revelado. Só resta abandonar, de uma vez por todas, qualquer ilusão com o que não é e jamais será. Eis a missão do candidato a Filósofo, do jovem Parmênides, sabedor dessa “verdade redonda”, divulgá-la para os mortais. Não podemos deixar de destacar o medo que a deusa tem – não só ela – do outro caminho. Parece dizer o tempo todo: cuidado garoto, você vai cair, não corra. Não é por aí, não é esse o caminho. Não tem nada depois dessa porta, não olhe para o que não existe. O mundo é, o que é. Não tente mudar. Nada muda. Vem para cá, para o lado direito da Assembleia. Vem para a terra, sai do mar. Tudo está escrito pelos deuses, e que o mensageiro Parmênides divulgue às massas “perplexas, indecisas”, mesmo que seja através de um Poema, mas que não esqueça de revelar a fonte. A fonte é a deusa, as éguas que o levaram, as filhas do sol, que tiraram o véu para que o jovem Parmênides encontrasse a deusa e conseguisse ver e ouvir dela a verdade. Eis a fonte da Filosofia.

Nem divisível é, pois é todo idêntico;
 nem algo em uma parte mais, que o impedisse de conter-se,
 nem também algo menos, mas é todo cheio do que é,
 por isso é todo contínuo; pois ente a ente adere.

Por outro lado, imóvel em limites de grandes liames
 é sem princípio e sem pausa, pois geração e perecimento
 bem longe afastaram-se, rechaçou-os fé verdadeira.

O mesmo e no mesmo persistindo em si mesmo pousa.
 e assim firmado aí persiste; pois firme a Necessidade
 em liames (o) mantém, de limite que em volta o encerra,
 para ser lei que não sem termo seja o ente;
 pois é não carente; não sendo, de tudo careceria.

Comentário:

E lhe é passado o quão redondo, o todo cercado que mantém tudo coeso,
 que nunca começou e nunca terminará. Tudo amarrado, circunscrito, delimitado,
 completo. A Necessidade garante essa harmonia geral que nada poderá abalar, pois
 é. E sendo, nada falta.

O mesmo é pensar e em vista de que é pensamento.
 Pois não sem o que é, no qual é revelado em palavra,
 acharás o pensar; pois nem era ou será
 outro fora do que é, pois, Moira o encadeou.

Comentário:

Se ainda restava alguma dúvida quanto ao único caminho do pensamento, é
 agora anunciado com todas as letras – “Pois não sem o que é” e aqui eu colocaria
 uma enorme exclamação, mas a Academia, que será criada tempos depois pelo
 herdeiro intelectual⁵³ do aqui ainda candidato a Filósofo Parmênides, até hoje,
 mantém nas rédeas das éguas que guiaram essa Filosofia aos deuses e às deusas,
 essa proibição, ou sendo fiel ao Poema, não indica esse caminho. Então
 exclamamos, sem exclamar.

E então, costurando ainda mais o único caminho, avalizando esse caminho
 para Parmênides já de muito convencido, eis a Moira que tudo encadeou,
 apresentando seu testemunho. Do destino ninguém foge. E quis o destino
 Parmênides, o escolhido para ser guiado e apresentado ao único caminho, que irá
 divulgar, que já está divulgando nesse Poema/panfleto com que estreia a Filosofia
 Maior, a Filosofia Dogmática.

⁵³ Platão.

a ser inteiro e imóvel; por isso tudo será nome
quando os mortais estatuíram, convictos de ser verdade,
engendrar-se e perecer, ser e também não,
e lugar cambiar e cor brilhante alternar.
Então, pois limite é extremo, bem terminado é,
de todo lado, semelhante a volume de esfera bem redonda,
do centro equilibrado em tudo; pois ele nem algo maior
nem algo menor é necessário ser aqui ou ali;
pois nem não-ente é, que o impeça de chegar
ao igual, nem ente é que fosse a partir do ente
aqui mais e ali menos, pois é todo inviolado;
pois a si de todo igual, igualmente em limites se encontra.
Nesse ponto, encerro fidedigna palavra e pensamento
sobre a verdade; e opiniões mortais a partir daqui
aprende, a ordem enganadora de minhas palavras ouvindo.

Comentário:

Frase bastante curiosa “a ordem enganadora de minhas palavras”. A deusa deixou uma brecha? De certa forma, anuncia meio escondido no poema que ela também engana ou temos aqui o candidato a Filósofo, ele mesmo duvidando desse único caminho? Afinal, o poema é de Parmênides, por mais que a deusa o tenha inspirado e guiado. Quem sabe se o Poeta/Filósofo, por alguns segundos, sem que o soubesse, nos teria passado algo mais em meio a tantas certezas?

Pois duas formas estatuíram que suas sentenças nomeassem,
das quais uma não se deve - no que estão errantes -;
em contrários separaram o compacto e sinais puseram
à parte um do outro, de um lado, etéreo fogo de chama,
suave e muito leve, em tudo o mesmo que próprio
mas não o mesmo que o outro; e aquilo em si mesmo (puseram)
em contrário, noite sem brilho, compacto denso e pesado.
A ordem do mundo, verossímil em todos os pontos, eu te revelo,
para que nunca sentença de mortais te ultrapasse.

Comentário:

A deusa tenta blindar Parmênides, assim como a mãe de Aquiles tentou torná-lo invulnerável,⁵⁴ no entanto, o calcanhar o traiu. No nosso caso, a deusa que blindou Parmênides deu um cochilo e deixou passar em um verso a vulnerabilidade da mãe enganadora, tanto quanto os mortais seriam. E então reforça que só existe um caminho e que esse jamais pode ser o apontado por mortais. Isso não deve ser esquecido, foi essa a finalidade da viagem na carruagem até ela.

Fragmento 10

Saberás e expansão luminosa do éter e o que, no éter,
 é tudo signo, do sol resplandecente, límpido
 luzeiro, efeitos invisíveis, e donde provieram;
 efeitos circundantes saberás da lua de face redonda
 também o céu que circunda,
 e sua natureza; e saberás também o céu que circunda,
 donde nasceu e como, dirigindo, forçou-o Ananke
 a manter limites de astros.

Comentário:

E para corroborar mais ainda, o time da via de um único caminho ganha o reforço da mãe das Moiras, Ananke.

Fragmento 11

.....Como terra, sol e lua,
 éter comum, celeste via láctea, Olimpo
 extremo e de astros cálida força se lançaram.

Comentário:

E vão adentrando astros, éter, Olimpo. Tudo que pode aumentar o time vai sendo lançado e agora parece ser o Filósofo Parmênides a dizer que só existe mesmo esse caminho. O caminho do ser.

⁵⁴ Aquiles foi banhado por sua mãe na água do Estige, o rio infernal. Está água tinha o poder de tornar invulnerável quem nela mergulhasse. Contudo, o calcanhar, pelo qual Tétis segurava o filho, não foi atingido pela água mágica e ficou vulnerável. (GRIMAL, 1982, p. 36).

Fragmento 12

Pois os mais estreitos encheram-se de fogo sem mistura,
 e os seguintes, de noite, e entre (os dois) projeta-se a parte de chama;
 mas no meio destes, a Divindade que tudo governa;
 pois em tudo ela rege odioso parto e união
 mandando o macho unir-se à fêmea e, pelo contrário,
 o macho à fêmea.

Comentário:

Tudo tendo a Divindade que governa e rege. Ver Comentário do Fragmento a seguir.

Fragmento 13

Primeiro de todos os deuses Amor ela concebeu.

Comentário:

Se o primeiro dos deuses concebidos é o Amor, resta aos mortais segui-lo. A Idade Média, sem dúvida, bebeu aqui.

Fragmento 16

Pois como cada um tem mistura de membros errantes,
 assim a mente nos homens se apresenta; pois o mesmo
 é o que pensa nos homens, eclosão de membros,
 em todos e em cada um; pois o mais é pensamento.

Comentário:

A mistura de membros errantes e como consequência a mente dos homens também confusa. O pensamento é puro, pois vem dos deuses. Aos homens cabe segui-los. São os deuses, os guias e Parmênides o que os traduz.

Fragmento 19

Assim, segundo opinião, nasceram estas (coisas) e agora são
 e em seguida a isso se consumarão, uma vez crescidas;

um nome lhes atribuíram os homens, distintivo de cada.

Comentário:

As coisas nascem e são e se consumarão. Um sentido, um destino, um caminho, que começou a ser traçado no Poema graças aos deuses e seu fiel escudeiro, o Filósofo Parmênides.

A nossa leitura do poema, ainda que apenas focada no nosso intuito, o de só ressaltar o que se refere à opção, a tomada de posição do Filósofo Parmênides já havia sido explicitada por nós. Aqui só uma lembrança para que não percamos o fio da meada.

Confortavelmente sentado em uma carruagem puxada por éguas, por filhas do Sol, o jovem Parmênides vê nessa viagem ao encontro da deusa, ao mundo dos deuses, portas e gonzos se abrindo, sons de sirena, tudo devidamente espetacularizado de forma a impressionar também o futuro leitor do Poema. E seu título é bem claro: “Sobre a Natureza”. A natureza tem como fonte o mundo que a carruagem leva seus leitores a conhecer. Depois desse espetáculo de luzes, sons e cores, chegamos todos a essa fonte. Lá está a deusa, a responsável pela “Natureza”, a responsável por tudo. Deusa que irá nos revelar, depois dessa viagem, depois desse caminho que nos levou até ela, o único caminho. Esse caminho é traçado, enaltecido, realçado, repetidas e inúmeras vezes. Eis o caminho, o caminho do ser, o único caminho onde o candidato a Filósofo Parmênides, e depois nós, seremos levados. O caminho do homem que sabe, e sabe graças à deusa que o apresenta a Natureza de tudo, descortina, o caminho único da verdade. As filhas do Sol já haviam preparado o jovem Parmênides, retirando os véus que o impediam de ver, de conhecer, e nós, mortais, pegamos carona no Poema. Graças à deusa e seu discípulo, também seremos informados o que devemos seguir, desde que ouçamos Parmênides, avalizado pela deusa. E a grande nova é que só se pode, se deve, se tem que falar, enaltecer, venerar, o que é. E o que é tem uma natureza imutável posto que sempre o foi, é e será. É. Simplesmente isso: É. E sendo, é sobre o que se tem que falar. Tanta ênfase, tanto zelo, tanta pompa. Carruagem, éguas, filhas do Sol, portas se abrindo magicamente, toda uma pirotecnia, um deus ex-machina, para

anunciar isso. Resta aos mortais seguir esse caminho. Eis a genealogia nômade⁵⁵ do Poema.

A Filosofia, essa majoritária, dogmática, essa Filosofia Maior, foi parida não aqui, mas no outro mundo. É filha da deusa. E vem ao mundo assim, cercada de um aparato do qual nunca irá se libertar da verdade, da redonda verdade. Libertar pressupõe liberdade, e isso é algo que nunca fez parte de sua linhagem e linguagem. Tanto a mãe deusa quanto o jovem discípulo e divulgador dela não pouparam palavras para explicitar do que se pode falar a partir de então. Pensar é pensar pela única via: a via do ser, do que é. A via que legitima tudo. A via do: é assim mesmo. Do: te afastes de qualquer pretensão de mudança. Essa via nos fará, a partir de então, meros mortais que ganharam de presente da deusa, dos deuses, o Filósofo Parmênides e todos os seus futuros seguidores, que não pouparão esforços para nos dizer o mesmo de forma aparentemente diferente. Se olharmos com atenção, veremos que esses gigantes da Filosofia são bastantes parecidos. Parmênides, o pai intelectual de Platão – e é necessário salientar, nunca houve parricídio⁵⁶ –, é uma continuação do mestre.

Nem Platão, nem Aristóteles, nem Descartes, nem Kant, nem Hegel, nem nenhum de seus seguidores, em momento algum deixaram de cultuar e expandir o redondo único caminho. Raspemos um pouco a barba de Aristóteles e no rosto glabro de Descartes, veremos lá, o mesmo Conceito de Substância com menos pelos e séculos mais velho. E o Eu gigante de Descartes, que se disfarça em Faculdades da Razão em Kant? E o Transcendente de Platão com outra roupa, o Transcendental de Kant? Mas sobre isso, como já frisamos nas páginas iniciais, já foram dizimadas florestas inteiras transformadas em livros que falam a mesma coisa

⁵⁵ Um genealogista, um nômade não perguntam o porquê. Porque remete a um princípio, um início. Um genealogista pergunta “Como?”. “Como” nos coloca dentro do movimento, nos afasta da falsa questão do princípio, do início. A pergunta “Por quê?” paralisa o movimento ao tentar dar a ele causa e efeito e fica o tempo todo correndo enquanto o movimento não parou. Um genealogista não julga, só estuda as condições de possibilidades que permitiram isso ou aquilo. Éguas, filhas do Sol e o caminho da redonda verdade. Caminho uno, que exclui qualquer outro. É isso que nos faz ver um genealogista. Com ele, não precisamos ser guiados por deusas, deuses, Deus ou qualquer outra transcendência.

⁵⁶ Parricídio: Platão teria matado seu pai intelectual, Parmênides. Isso nunca aconteceu. Platão herdou do seu pai intelectual, o Mundos das Ideias e como o pai fez pelo Poema “Sobre a Natureza”, ele, Platão, também fez, tornou público – *A República* – o redondo caminho da verdade, em diálogos onde aparentemente coisas do mundo dos sentidos, desse mundo que nos engana, teriam o distanciado de seu mentor intelectual e então teria cometido o assassinato intelectual do pai. A mesma coisa fará com outra das suas inspirações, Sócrates. Mas sem jamais ter matado nenhum dos dois. Pelo contrário.

de forma um pouco diferente. São as obras desses gigantes, dessa Filosofia, e não é esse o nosso tema. Então que não se queime ainda mais árvores e argumentos em vão. Não é esse nosso caminho.

Desde o seu nascimento, essa Filosofia Maior diz claramente a que veio e como veio. Na verdade, não veio. São sempre os Filósofos que vão procurá-la em algum lugar e no Poema que a inaugura isso está muito claro. A única possibilidade de conhecê-la nos é apresentada pelo único caminho possível, e esse caminho é o do pensar o que é, nos afastar do perturbador caminho que não é. Se assim nos comportarmos, tudo estará resolvido, nos serão ofertadas respostas sobre a natureza das coisas, é inclusive esse o título de seu trabalho de apresentação ao mundo: Sobre a natureza. Um toma lá dá cá que é de sua Natureza assim como tantas outras características que já apontamos. A seguir esse caminho, e ao seguir esse caminho uno que ele aponta, as respostas foram sempre encontradas. Ao nos ocuparmos do estudo de seu estatuto de fundação e do jovem candidato a seu defensor, o fizemos com esse único intuito. Agora com isso consolidado, com o Poema e seu jovem autor e inspiração devidamente expostos, podemos, acreditamos que seja possível um contato com a outra possibilidade, o da filosofia. E, ainda engatinhando pelo caminho da comparação, da oposição, dos contrários, como anunciamos que iríamos fazer nesse capítulo, vamos a esse outro caminho. Vamos a Heráclito.

2.1.2 Heráclito

Às vezes, entretanto, suas expressões - de Heráclito – são a tal ponto brilhantes e nítidas que até a pessoa mais obtusa pode entendê-las facilmente e sentir a alma elevar-se.

Laértios (1977, p. 252).

Se Parmênides tinha dificuldade de se expressar, se seus dotes literários eram limitados⁵⁷, o caso de Heráclito é bem outro, ele é acunhado de “o obscuro” jamais de pouco talentoso para se expressar. Obscuro por não dizer o que é. Por

⁵⁷ (KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 251).

não apontar o que querem os deuses. Por não ter pegado carona na carruagem da verdade que a deusa revela. Vejamos como é tratado:

A maioria destas histórias baseia-se em bem conhecidos ditos de Heráclito; muitas delas tinham por fim ridicularizá-lo, e foram inventadas com intuídos maliciosos por pedantes autores helenísticos, ressentidos com o seu tom de superioridade (KIRK, G.S. RAVEN, J., 1994, p. 188).

Não o acusam de falta de talento para expor suas ideias. Tentam ridicularizá-lo por ele não apontar o redondo caminho da verdade. Sua superioridade causa em ressentidos essa vontade de diminuí-lo, acunhá-lo de obscuro e assim afastá-lo de todos, esse que não os convida a ouvir deusas que apontam a verdades. Conhecemos esse tribunal de julgadores de quem incomoda, de quem não se limita a dizer o que querem que diga, esse tribunal de papagaios. A história está repleta deles e seus ressentimentos. Mas o que os assusta tanto em Heráclito além, muito além, de ele não ser o fiel e cordeiro Parmênides, é tudo. Principalmente a sua escrita rasgando os significantes e significados que idolatram hermeneutas dos deuses. O que os incomoda é não ser – eis a questão – Heráclito um pensador do ser. E ousar escrever assim, com aforismos⁵⁸, sem maquiagem, maquinagem, sem “Deus Ex-Machina”. Mas também bem mais, muito mais. Heráclito acunhado de obscuro para que todos se afastassem desse cálice de vinho nômade, da filosofia nômade, essa que é a música de nossa tese. Vamos ao seu: Sobre a natureza de natureza inteiramente diferente. Como a água do vinho, como Parmênides e Heráclito, como a Filosofia e a filosofia.

Abaixo, os fragmentos de Heráclito que, como no caso de Parmênides, serão comentados à luz da proposta de nossa tese, porém, ⁵⁹ com uma enorme diferença: A natureza de Heráclito não nos quer em um caminho único. Sua natureza – a natureza – não tem natureza.

⁵⁸ Deleuze esclarece: “O aforismo [...] é muito diferente da máxima, pois uma máxima, na república das letras, é como um ato orgânico de Estado ou um juízo soberano, mas um aforismo sempre espera seu sentido de uma nova força exterior.” (DELEUZE, G. *Capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Ed 34, 1997b. p. 46). O nômade Heráclito escreve aforismos e não máximas reveladas por deusas.

⁵⁹ *Os Pré-Socráticos*. Coleção Os Pensadores, 1989, p. 51-64.

HERÁCLITO. *Sobre a Natureza* (DK 22 B 1-126). Trad. José Cavalcante de Souza.

Fragmento 1

Deste logos sendo sempre os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse logos, a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo (a) natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa quanto fazem despertos, tal como esquecem quanto fazem dormindo.

Comentário:

A natureza de Heráclito e a dificuldade de enquadrá-la, nominá-la. De como, por mais que se tenha por algum momento a impressão de tê-la, ei-la escapando e nos dando outra sensação, e mais uma e outra. Blocos de sensações como quando acordados ou dormindo. Nenhuma hierarquia. Sensações.

Fragmento 2

Por isso, é preciso seguir “o-que-é-com”, (isto é, o comum; pois o comum é o-que-é-com). Mas, o logos sendo o-que-é-com, vivem os homens como se tivessem uma inteligência particular.

Comentário:

O que é, não é, a não ser com alguma outra coisa. Com o momento, com os momentos, com as misturas, sem distinção de tempos, de gêneros, sem proibições, sem incompatibilidade nenhuma, de nada com nada. Só nossa pretensão de sermos uma espécie possuidora de uma inteligência particular poderia legitimar essa forma de pensar. Muita pretensão, muita arrogância de nossa espécie.⁶⁰ E ainda acusam Heráclito de ser obscuro e fazer passar por superior, por dizer isso sem nenhuma deusa para referendar sua afirmação. É por isso. Um mortal sem avalista divino não

⁶⁰ Voltamos a lembrar: "Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da " história universal": mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram que morrer...houve eternidades, em que ele não estava; quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido." (NIETZSCHE, 1989, p. 31).

pode ser um Filósofo. Mas Heráclito, sabemos, é filósofo, e sua filosofia já está fazendo essa distinção. E ainda estamos no Fragmento 2. Sem carruagens, sem éguas, sem filhas do sol.

Fragmento 3

(Sobre a grandeza do sol) sua largura é a de um pé humano.

Comentário:

Se o próprio sol é da largura de um pé humano, nenhum motivo para que suas filhas em uma carruagem de imaginação limitada nos tire véus e coloque outros. E, deitado tranquilamente, o filósofo olhando seu pé não se assusta, nem se curva diante do astro. Ora tira o pé da frente e é banhado inteiro pelo sol, ora limita sua quantidade de luz. Relação harmoniosa com a natureza. Outro filósofo que iremos estudar a seguir, Diógenes, “o cão de Sinope”, também se banhará ao sol.

Fragmento 4

Heráclito disse que se felicidade estivesse nos prazeres do corpo, diríamos felizes os bois, quando encontram ervilha para comer.

Comentário:

A vida é muito mais que trabalhar para comer, de viver para comer. O boi sabe disso. Alguns homens não. E sua sede de falso conhecimento é tão grande que aceitam qualquer carona, em qualquer carruagem que lhes garanta alimentar sua fome de verdade com mentiras.

Fragmento 5

Purificam-se manchando-se com outro sangue, como se alguém, entrando na lama, em lama se lavasse. E louco pareceria, se algum homem o notasse agindo assim. E também a estas estátuas, eles dirigem suas preces, como alguém que falasse a casas, de nada sabendo o que são deuses e heróis.

Comentário:

Um outro filósofo nômade talvez tenha se banhado nesse rio de Heráclito para escrever essa pérola nômade: “Os filhos da sua cabeça cresceram-lhes acima

da cabeça. Curvaram-se eles, que são os criadores diante das suas criaturas” (MARX, 1984a, p. 7), tentar se lavar na lama que nós mesmos criamos é fazer preces para o nada.

Fragmento 6

O sol não apenas, como Heráclito diz, é novo cada dia, mas sempre novo, continuamente.

Comentário:

Então é sobre o novo, com o que não se repete, que devemos caminhar e como ele criar, não repetir. Ser artista, continuamente.

Fragmento 7

Se todos os seres em fumaça se tornassem, o nariz distinguiria.

Comentário:

É preciso ver e conviver com as diferenças. Ter a sensibilidade de sentir as distinções no que só é aparentemente igual. Ter um bom olfato.

Fragmento 8

Heráclito (dizendo que) o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia.

Comentário:

A discórdia nos possibilita ver as naturezas diferentes que convergem e divergem em harmonia. Harmonia de várias notas. Além de ter olfato (Fragmento 7), ter uma boa audição.

Fragmento 9

Diverso é o prazer do cavalo, do cão, do homem, tal como Heráclito diz que asnos prefeririam palha a ouro.

Comentário:

Diferenças de todos os tipos, algumas satisfazem-se com muito pouco e recebem em troca ouro para se empanturrarem de palha. O que foi dito no Fragmento 4 com bois e ervilhas.

Fragmento 10

Conjunções o todo e o não todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissoante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas.

Comentário:

Heráclito antecipa o que só há bem pouco tempo a ciência conseguiu enxergar. Em uma série de televisão “Cosmos”, o astrônomo Carl Sagan disse:

Tudo o que está em nós um dia foi uma estrela. Nós somos um meio para o universo conhecer a si mesmo. Uma parte do nosso ser sabe que essa é a nossa origem. Nós desejamos voltar. E podemos, porque o cosmos também está dentro de nós. Nós somos feitos de matéria estelar.⁶¹

É o que disse Heráclito antes, bem antes que nossa moderna ciência conseguisse chegar lá. Eis a filosofia nômade, intempestiva.

Fragmento 11

Pois tudo que rasteja é preservado a golpe, como diz Heráclito.

Comentário:

O que rasteja, o que vive de uma resposta simplista, é preservado por esse golpe de inventar deuses.

Fragmento 12

Aos que entram nos mesmos rios outras águas afluem; almas exalam do úmido.

Comentário:

⁶¹ 1. MENDES, C.C.A. *As estrelas, uma viagem pela estrutura do átomo* — Astroquímica para o estudo do átomo e outros conceitos químicos. Editora Livraria da Física, São Paulo, 2011.

A mudança constante e a impossibilidade de falar do ser. Participar dessa criação ao entrar nas águas que se renovam, renovando tudo. Não é a seca terra, mais o úmido rio, as úmidas águas exalando o movimento inconstante das mudanças. A natureza de Heráclito não é serva de nenhuma deusa, é natureza criadora que nos convida todo tempo a entrar nessa dança de novas águas que trazem mais águas e mais águas para quem se cansa com esse movimento, para quem não suporta tantas novas paisagens, o Poema e a Natureza estática a serviço da deusa. O caminho da verdade bem redonda do ser. Nada mais distante de Heráclito, mais longe da filosofia que a Filosofia. Parmênides, Heráclito. Água e vinho. Terra e mar.

Fragmento 13

Porcos em lama se comprazem, mais do que em água limpa.

Comentário:

Ver Fragmento 5 e no nosso Comentário sobre ele. "... como se alguém, entrando na lama, em lama se lavasse." Quanta clareza no "obscuro" Heráclito. Procurar respostas em outro lugar que não aqui é acreditar no que se inventou: "E também a estas estátuas eles dirigem suas preces, como alguém que falasse a casas, de nada sabendo o que são deuses e heróis", Fragmento 5.

Fragmento 14

A quem profetiza Heráclito de Éfeso? Aos noctívagos, aos magos, às bacantes, às ménades, aos iniciados; a estes ameaça com o depois da morte, a estes profetiza o fogo; pois os considerados mistérios entre os homens impiamente se celebram.

Comentário:

Os que cultuam enaltecem os que inventam deuses e servidão, a estes o fogo por usarem de artifícios para se colocarem acima dos homens.

Fragmento 15

Se não fosse a Dioniso que fizessem a procissão e cantassem o hino, (então) às partes vergonhosas desavergonhadamente se cumpriu um rito; mas é o mesmo Hades e Dioniso, a quem deliram e festejam nas Lenéias.

Comentário:

A arte, festa ao deus do vinho, o delírio no lugar de uma explicação que quer impor um só e redondo caminho. A isso é preciso brindar. Que venha o vinho!

Fragmento 16

Do que jamais mergulha como alguém escaparia?

Fragmento 17

Muitos não percebem tais coisas, todos os que as encontram, nem quando ensinados conhecem, mas a si próprios lhes parece (que as conhecem e percebem).

Comentário:

Nos dois fragmentos acima, 16 e 17, a mesma questão. Esses que são enganados pelo que lhes ensinam os deuses acreditam perceber algo quando o mais que fazem é seguir o caminho que lhes apontam, sem nunca nada questionarem. Esses da servidão, como escapariam?

Fragmento 18

Se não esperar o inesperado, não se descobrirá, sendo indescobrível e inacessível.

Comentário:

Mais uma vez, o “obscuro” Heráclito é bastante claro para os que não se fecham em saberes revelados por deusas e deuses. É preciso se despir de certezas, estar aberto para o inesperado, para o que ainda não é. Para o que pode vir a ser e logo depois outra vez se metamorfosear.

Fragmento 19

Homens que não sabem ouvir nem falar.

Comentário:

Homens fechados em suas verdades só podem falar desse caminho que lhes parece único. Nada ouvem da natureza e então só podem falar do que não sabem.

Fragmento 20

Nascidos querem viver e deter suas partes, ou antes repousar, e atrás de si deixam filhos a se tornaram partes.

Comentário:

Os homens que simplesmente vegetam e passam esse parasitismo como se fosse vida para os filhos, para o mundo. Ovelhas que seguem pastores e então mais ovelhas servis. Mas, só existem pastores graças à servidão voluntária dessas ovelhas, geração após geração.

O Fragmento 4 já apontava isso: “Heráclito disse que se felicidade estivesse nos prazeres do corpo, diríamos felizes os bois, quando encontram ervilha para comer.”. Viver é bem mais que vegetar alimentando apenas o corpo e deixando a mente acreditar que a servidão é destino, o caminho.

Fragmento 21

Morte é tudo que vemos despertos, e tudo que vemos dormindo é sono.

Fragmento 22

Pois ouro os que procuram cavam muita terra e o encontram pouco.

Fragmento 23

Nome de Justiça não teriam sabido, se não fossem estas (coisas).

Fragmento 24

Os que Ares mata honram-nos deuses e homens.

Fragmento 25

Mortes maiores sortes recebem.

Comentário:

Os Fragmentos 21, 22, 23, 24 e 25 tratam dessa maioria de homens que parecem despertos, mas que apenas vegetam. Mas entre os homens se encontram alguns de ouro, serão os que farão a diferença. Nessa guerra, a seletividade fará triunfar esses que não dormem despertos e sua sorte é saberem-se homens de

ouro, esses que mudaram, mudam e sempre mudarão o caminho que a servidão os apresenta como único. Ver Fragmento 49. “Um para mim vale mil, se for o melhor.”

Fragmento 26

O homem de noite uma luz acende para si, morto, extinta a vista, mas vivo ele acende do morto quando dorme, extinta a vista, e, quando desperto, se acende do que dorme.

Comentário:

Eis os homens. Esses raros encontrados depois de tanto se cavar a terra. Esses são os homens da luz, trazem a vida onde a maioria vegeta servindo.

Fragmento 27

O que para os homens permanece quando morrem (são coisas) que não esperam nem lhes parece (que permaneçam).

Fragmento 28

Pois é o que se estima que o mais estimado conhece e guarda; e, contudo, certamente a Justiça captará os artesãos e testemunhas de falsidades.

Fragmento 29

Pois uma só coisa escolhem os melhores contra todas as outras, um rumor de glória eterna contra as (coisas) mortais; mas a maioria está empanturrada como animais.

Comentário:

Mais uma vez, nos Fragmentos 27, 28 e 29, a clareza do “obscuro” Heráclito não poderia ser mais explícita.

Nesses fragmentos, ficam desenhados os dois caminhos. As duas maneiras de conceber a filosofia:

Primeiro caminho – Repete-se o que inventaram ter visto ou ouvido dos deuses e, com essa enganação, surrupiam riquezas e propagam a morte em vida para os que são engabelados com essa ladainha.

Esse caminho que deu ao jovem Parmênides o título de Filósofo – e já demonstramos como sua Natureza é criada por deuses e deusas. O que ele fez foi

receber destes a verdade e propagandeará-la, mas é uma questão de tempo, ou não, até que se capte “esses artesãos e testemunhas de falsidades”, é o que estamos tentando destacar nesta tese.

Segundo caminho – É o caminho trilhado pela filosofia, o caminho corajoso de Pitágoras não se dobrando ao tirano de plantão, o caminho de Heráclito. Para esses, a escolha é se distanciar dessa “maioria...empanturrada como animais” desse mundo tão imediato de satisfações momentâneas.

Uma natureza totalmente diversa na qual homens mortais, sabedores dessa natureza, não se escoram em naturezas fabricadas em suas mentes em busca de uma glória passageira e temporal. Um pensador nômade, um filósofo, é sempre um intempestivo. Sua glória é “eterna contra as (coisas) mortais”.

Fragmento 30

Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus ou homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas.

Comentário:

Esse mundo não foi criado por deus nenhum, por homem nenhum, esse mundo é vivo, não é um mundo, um planeta, não são galáxias e só homens e animais vivos. Tudo tem vida. Nosso planeta vive, não é um lugar criado para abrigar vida. Não existe essa separação. Vida é criação. É fogo acendendo tudo, sempre.

Fragmento 31

Direções do fogo: primeiro mar, e do mar metade terra, metade incandescência... Terra dilui-se em mar e se mede no mesmo logotipo, tal qual era antes de se tornar terra.

Comentário:

Nesse fragmento, Heráclito fala do que chamamos de pensamento nômade, e de como ele vem do mar para a terra. É do mar que tudo veio, logo, esses sedentários pensadores da terra devem entender que ela, a terra, foi só um cochilo do mar. Um nômade até vem, vez por outra à terra, mas logo o fogo da mudança o

leva ao mar e depois de volta à terra, sempre trazendo as mudanças que a terra tenta explicar com deuses, e somos obrigados, mais uma vez, a voltar a Marx.: “Os filhos da sua cabeça cresceram-lhes acima da cabeça. Curvaram-se eles, que são os criadores diante das suas criaturas”.⁶²

Um pensador nômade sabe que eles – deuses – não existem a não ser na cabeça dos “artesãos e testemunhas de falsidades. ”, Fragmento 28.

Fragmento 34

Ouvindo descompassados assemelham-se a surdos; o ditado lhes concerne: presentes estão ausentes.

Comentário:

Esses que não sabem filtrar, selecionar o que escutam, que só tem ouvidos para escutar o comum, surdos para o conhecimento, para o pensamento. Fragmento 19: “Homens que não sabem ouvir nem falar.” Passam pelo mundo com suas servidões.

Fragmento 35

Pois é preciso que de muitas coisas sejam inquiridores os homens amantes da sabedoria.

Comentário:

Os fragmentos 34 e 35 traçam o perfil da maioria: “presentes estão ausentes. ” Para ser um amante da sabedoria, para ser um filósofo, é preciso que se duvide, que se pergunte sobre as coisas. A filosofia não nos é revelada e muito menos nos aponta um único caminho, ela exige do filósofo que ele seja um insistente inquiridor das coisas. Já a Filosofia e seus Filósofos, a esses a coisa já lhes é ofertada pronta pelos deuses. As coisas para esses sempre foram, são e serão. De nada duvidam e não amam a sabedoria, idolatram o que inventaram como Narciso a sua imagem. Outro Ouroboros.

⁶² (MARX, 1984a, p. 7).

Fragmento 36

Para almas é morte tornar-se água, e para água é morte tornar-se terra, e de terra nasce água, e de água alma.

Comentário:

Mais uma vez a questão da água e da terra que estamos salientando desde o início de nossa tese. Pensadores nômades do mar, da água, e pensadores Dogmáticos da terra. É da água que vem o pensamento, da terra vem a servidão.

Fragmento 37

Porcos banham-se em lama e aves domésticas em poeira ou em cinza.

Comentário:

É melhor ficarmos só com o fragmento. Ele por si só é de tamanha virulência que dispensa comentários.

Fragmento 40

Muita instrução não ensina a ter inteligência; pois teria ensinado Hesíodo e Pitágoras, Xenófanos e Hecateu.

Comentário:

Diferença entre instrução e inteligência. Homens instruídos são instruídos, o que é bem diferente de inteligência. Parmênides foi instruído pela deusa.

Heráclito no Fragmento 30: "Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez". Foi a inteligência que formulou esse pensamento. Ele não foi soprado por deus nenhum.

Fragmento 41

Pois uma só é a (coisa) sábia, possuir o conhecimento que tudo dirige através de tudo.

Comentário:

Ver comentário dos Fragmentos 7 e 8.

Fragmento 42

Homero merecia ser expulso dos certames e açoitado, e Arquíloco igualmente.

Comentário:

O motivo de tanto rigor e impaciência com os autores citados só podemos creditar ou especular como sendo por conta da forma como ambos se utilizam da arte para fins pessoais. No caso de Arquíloco⁶³, por ter usado sua poesia para uma luta particular contra um pai que não permitiu que se casasse com sua filha. Em Homero, pela hidrolatria aos deuses e heróis. Em ambos, os mortais só assistem ao que esses dois, os autores, patrocinam em causa própria.

Fragmento 43

A insolência é preciso extinguir, mais que o incêndio.

Comentário:

Seria a insolência de Homero e de Arquíloco, como suspeitamos no comentário do Fragmento acima.

Fragmento 45

Limites de alma não os encontrarias, todo caminho percorrendo; tão profundo logos ela tem.

Comentário:

Não existe um caminho único e todos os outros não existem como quer a Natureza descrita por Parmênides a mando da deusa. Na natureza de Heráclito, almas encontram respostas nelas mesmas e com elas mesmo.

Fragmento 46

A presunção ele dizia que é a doença sagrada e que a visão engana.

⁶³ Arquíloco teria feito de sua poesia uma luta particular contra um pai que não lhe permitiu que se casasse com sua filha. Não poupando xingamentos, denúncias de vícios sexuais, etc. Tudo para atacar o seu adversário particular. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/raiva-do-poeta-grego-arquilo-co-fez-surgir-o-genero-iambico/>.

Comentário:

Outra vez a clareza do “obscuro” Heráclito. A presunção dos deuses de serem o que tudo conhecem e revelam engana tanto seus propagandistas, quanto aos que se deixam levar por essa doença.

Fragmento 47

Não conjeturemos à toa sobre as coisas supremas.

Comentário:

Não percamos tempo com o que não existe, deuses. Com o que alguns inventaram para suprir suas deficiências. Com o que nos ocupa com falsas questões “os filhos da sua cabeça”. Marx. “Porcos em lama se comprazem, mais do que em água limpa”, Fragmento 13. Ver também comentário do fragmento.

Fragmento 49

Um para mim vale mil, se for o melhor.

Comentário:

Os que não se contentam em criar e seguir rebanhos, os que não vieram ao mundo para assistir. Esses, são os melhores, os criadores de naturezas. Valem por mil.

Fragmento 49a

Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos.

Comentário:

O mundo em eterna mutação, os movimentos que o constituem e que também constituímos. O jogo onde jogamos e somos jogados.

Fragmento 50

Não de mim, mas do logos tendo ouvido é sábio homologar tudo é um.

Comentário:

Não existe nada separado de nada. Não existe um mundo dos deuses e um mundo dos homens, não existe uma Natureza separada da natureza.

Fragmento 51

Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira.

Comentário:

O tudo em um do fragmento anterior e essa harmonia, essa música com várias notas, com vários instrumentos e tudo formando esse um indivisível. Não existe um mundo e mais outro e mais outro. Tudo em um.

Fragmento 52

Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado.

Comentário:

Eis o fragmento, o aforismo mais poderoso já escrito na história da humanidade. Comentá-lo seria um sacrilégio. É como descrever uma pintura, explicar um filme, dissertar sobre o vento sem ser poeta. Não cometeremos tal afronta a essa pintura. Pelo menos por enquanto, pelo menos até o próximo capítulo e com a companhia de Diógenes, o cínico. Por enquanto, nossa homenagem a Heráclito. Silêncio.

Fragmento 53

O combate é de todas as coisas pai, de todas rei, e uns ele revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres.

Comentário:

Vamos para a luta, para o combate, sempre, mesmo que alguns duelem para erguer estátuas a deuses que inventaram e que deles sejam escravos. Sobre esse caminho, cabe apenas lamentar essa escolha, nada mais. O que interessa a Heráclito são os homens, os homens livres que nada ergueram acima deles.

Fragmento 54

Harmonia invisível à visível superior.

Comentário:

Jamais poderão ver esse único mundo, os que com seu olhar de escravo só enxergam o que inventam e constituem como outro mundo e nele colocam deuses de sua limitada imaginação para legitimar essa cegueira.

Fragmento 55

As (coisas) de que (há) visão, audição, aprendizagem, só estas prefiro.

Comentário:

As coisas que vejo, que ouço, a essas prefiro. As que a pouca imaginação e a covardia inventam para se esconderem, essas desprezo.

Fragmento 56

Estão iludidos os homens quanto ao conhecimento das coisas visíveis, mais ou menos como Homero, que foi mais sábio que todos os helenos. Pois enganaram-nos meninos que, matando piolhos, lhe disseram: o que vimos e pegamos é o que largamos, e o que não vimos nem pegamos é o que trazemos conosco.

Comentário:

Aqui, vamos recorrer a uma citação sem a qual esse fragmento se tornaria de difícil explicação.

...Homero interrogou o oráculo para saber quem eram os seus pais e qual a sua pátria, e o deus assim respondeu: 'A ilha de Ios é a pátria de sua mãe, e ela te acolherá morto; mas tu, previne-te contra o enigma de jovens homens'. Não muito depois...chegou a Ios. Lá, sentado num penedo, viu alguns pescadores que se aproximavam da praia e perguntou-lhes se tinham alguma coisa. Eles, visto que não haviam pescado nada, mas catavam piolhos, pela falta de pesca, disseram: 'O que pegamos deixamos, o que não pegamos trazemos', aludindo com um enigma ao fato de que mataram os piolhos que haviam catado e deixaram-nos cair, e os que não haviam catado traziam-nos nas roupas. Homero, não sendo capaz de resolver o enigma, morreu de desgosto. (COLLI, G.,1992, p. 51).

Ao mesmo tempo em Heráclito aponta Homero como sendo o mais sábio de todos os helenos, sabemos e fomos esclarecidos melhor graças à nota acima que, ainda assim, ele foi enganado por meninos.

Como aventamos no Comentário ao Fragmento 42 sobre a utilização de deuses por Homero como forma de se legitimar junto aos mortais, já que seria de alguma forma, amigo ou no mínimo conhecedor dos deuses, assistimos agora a esse sábio Homero, esse que não é um amigo da sabedoria – filósofo – mas alguém que sabe ser iludido. Heráclito destaca isso, a ilusão do conhecimento de um sábio que nem os deuses impediram de ser enganado por humildes pescadores e que, ao não solucionar o enigma, verá cumprida a previsão do oráculo, a não solução do enigma lhe custará a vida. Morrerá de desgosto. Diante do enigma, posto por jovens pescadores, sucumbirá o sábio Homero, nem os deuses o salvaram. Voltaremos a essa questão.

Fragmento 57

Mestre da maioria é Hesíodo; pois este reconhece que sabe mais coisas, ele que não conhecia dia e noite; pois é uma só (coisa).

Comentário:

Tudo é um. Ver Fragmento 50.

Fragmento 58

Os médicos, quando cortam, queimam e de todo torturam os pacientes, ainda reclamam um salário que não merecem, por efetuarem o mesmo que as doenças

Comentário:

O humor nômade de Heráclito. Todo nômade tem humor. Jamais a ironia, peculiar aos dogmáticos, assim como a falta e humor.

Fragmento 61

Mar, água mais pura e mais impura, para os peixes potável e saudável, para os homens impotável e mortal.

Comentário:

Talvez por isso a nossa fuga para a terra, embora tenhamos vindo dela.⁶⁴

Fragmento 62

Imortais mortais, mortais imortais, vivendo a morte daqueles, morrendo a vida daqueles.

Comentário:

Um nômade sabe do truque dois imortais, sabe que morrem. Já os nômades mortais acabam deixando o que não morre, esses fragmentos de Heráclito são imortais.

Fragmento 63

Diante do ali-presente erguem-se e tornam-se guardiães em vigília de vivos e mortos.

Comentário:

Ali presente, não em outro mundo, aqui. Eis esses imortais nômades de vigília para não permitir o triunfo dos enaltecedores dos “filhos da sua cabeça.” Marx.

Fragmento 64

De todas (as coisas) o raio fulgurante dirige o curso.

Comentário:

Raio da natureza, não da Natureza e seus deuses. Raio fulgurante do acaso dirigindo o mundo.

Fragmento 65

E o chama (ao fogo) de fartura e indignância.

⁶⁴ A biologia evolutiva chegou ao ancestral mais antigo do homem, o Pikaia um pequeno animal marinho que viveu há meio bilhão de anos no chamado período cambriano, quando só existia vida nos mares. Disponível em: <http://labs.icb.ufmg.br/lbem/aulas/grad/evol/especies/burgess.html> . Acesso em 24 de junho 2021.

Fragmento 66

Pois todas (as coisas) o fogo sobrevivendo discernirá e empolgará.

Fragmento 67

O deus é dia, noite, inverno verão, guerra paz, saciedade fome; mas se alterna como fogo, quando se mistura a incensos, e se denomina segundo o gosto de cada.

Comentário:

Nos Fragmentos 65, 66 e 67, vê-se não o raio que veio do céu ofertado por deuses aos homens para que esses gerissem a terra, eis a religiosidade do pensamento Dogmático e sua causa, deuses, e efeito homens. E ainda, entre esses homens, alguns que se utilizam desse truque para guiarem os outros em nome dos deuses.

Mas, em um pensador nômade como Heráclito, o raio acaso a acender o fogo para o grande jogo da vida.

Fragmento 70

Jogos de crianças Heráclito considerou as opiniões humanas.

Comentário:

Crianças criam mundos, o tempo todo mudando, sem as certezas dos dogmáticos. “Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado.”, Fragmento 52.

Fragmento 71

É preciso lembrar-se também do que esquece por onde passa o caminho.

Comentário:

Sim, é preciso lembrar do que esquece onde passa o caminho. Sempre, pois esse que esquece descobriu que é preciso esquecer os que querem ofertar o caminho. Não existe caminho a não ser para seguidores de destinos inventados por suas respectivas fraquezas, esses que passeiam em carruagens puxadas por éguas, por filhas do sol. Sim, é preciso lembrar desse caminho que não existe.

Fragmento 72

Do logos com que mais constantemente convivem, deste divergem; e (as coisas) que encontram cada dia, estas lhes aparecem estranhas.

Comentário:

Como o tempo todo nos deparamos com coisas que não se encaixam, não são suficientes como resposta. Diante disso, teremos que pensar, não ruminar preconceitos. O rio passando por entre nossas pernas. Fragmento 49a: “Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos.”.

Fragmento 73

Não se deve agir nem falar como os que dormem.

Fragmento 75

Os que dormem, creio que chama Heráclito de obreiros e colaboradores das (coisas) que no mundo vêm a ser.

Comentário:

Nos Fragmentos 73 e 75 estão – esses que dormem – muito ocupados em tentar nos ocupar com seus passeios de pouca imaginação rumo aos deuses e suas respostas, o tempo todo tentam nos empurrar esse caminho da “verdade redonda”. Não percamos tempo com eles. É tudo que querem, nos ocupar. Nenhum agir para com eles, e nenhum falar. Eles dormem: Eles passarão, nós passarinho⁶⁵.

Fragmento 76

Vive fogo a morte de terra, ar vive a morte de fogo, água vive a morte de ar, terra a de água. Morte de fogo gênese para ar, morte de ar gênese para água. Lembrar-se sempre do dito de Heráclito, que morte de terra é tornar-se água, morte de água é tornar-se ar, de ar fogo, e vice-versa.

⁶⁵ “Todos esses que aí estão/ atravancando o meu caminho/ eles passarão [...] Eu passarinho” QUINTANA, M. *Prosa e verso*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1978. p. 48.

Fragmento 77

Donde também Heráclito dizer que, para as almas, é prazer ou morte tornarem-se úmidas. Prazer seria para elas a queda na geração. Em outra passagem, ele diz que vivemos nós a morte delas e vivem elas a nossa morte.

Comentário:

Nos Fragmentos 76 e 77, surgem as mudanças que advêm das transformações que compõem novas gêneses. Não finalidades, não início. Movimentos e novas gerações. Nós somos feitos de matéria estelar, nota 64.

Fragmento 78

O modo humano não comporta sentenças, mas o divino comporta.

Fragmento 79

O homem como uma criança ouve o divino, tal como a criança o homem.

Comentário:

Nos Fragmento 78 e 79, o vaticínio de verdades e sentenças vem sempre desse divino que os homens inventaram. Assim, ouvem o divino como as crianças ouvem o homem, porém crianças ouvem e criam outros possíveis enigmas, e, um desses, teriam vitimado o amigo dos deuses, o sábio Homero que não o decifrando teria morrido de desgosto. Ver comentário do Fragmento 56.

Fragmento 80

É preciso saber que o combate é o-que-é-com, e justiça (é) discórdia, e que todas (as coisas) vêm a ser segundo discórdia e necessidade.

Comentário:

O combate, a luta e a criação de novos possíveis como resposta ao problema. Resposta aqui e por tudo o que está aqui. Nenhuma iluminação emanada de um outro mundo inventado.

Fragmento 81

Ancestral dos charlatães (Pitágoras).

Comentário:

Como outro aforista, Nietzsche, Heráclito também não terá muita paciência com seus antecessores. No caso de Pitágoras, possivelmente por ter envenenado o mundo dizendo que “voltara do Hades para junta-se aos homens... seus discípulos se chamavam de ‘Profetas de Deus’” (LAËRTIOS,1977, p. 232). Talvez o bastante para Heráclito desconsiderar a sua coragem diante do tirano ao se apresentar como filósofo (LAËRTIOS,1977, p. 230).

É charlatão e todo aquele que enaltece a mentira que inventa para ludibriar os outros.

Fragmento 82

O mais belo símio é feio, a se confrontar com o gênero humano.

Fragmento 83

O mais sábio dos homens em face de deus se manifestará como um símio, em sabedoria, beleza e tudo mais.

Comentário:

Fragmentos 82 e 83, de como se constitui o tribunal da razão divina.

Fragmento 84b

Fadiga é pelos mesmos (princípios) pensar e ser governado.

Comentário:

Explicita constatação da servidão dos que são usados pelos que governam.

Fragmento 86

A maior parte das (coisas) divinas, segundo Heráclito, por desconfiança esquivam-se de modo a não se conhecerem.

Comentário:

Esquivar-se é o possível para o que não existe. Então esquivam-se e só aparecem para os que inventaram essas coisas divinas. Apenas esses iniciados veem o que inventam.

Fragmento 87

Um homem tolo gosta de se empolgar a cada palavra.

Comentário:

É só olhar um crente de deuses falando.

Fragmento 88

O mesmo é em (nós?) vivo e morto, desperto e dormindo, novo e velho; pois estes, tombados além, são aqueles e aqueles de novo, tombados além, são estes.

Comentário:

Ver comentário sobre Fragmentos 76 e 77. “Somos feitos de matéria estelar”.

Fragmento 89

Heráclito diz que para os despertos um mundo único e comum é, mas os que estão no leito cada um se revira para o seu próprio.

Comentário:

O medo da morte fabricando um outro mundo para agasalhar a covardia do homem tolo, Fragmento 87.

Fragmento 91

Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, segundo Heráclito, nem substância mortal tocar duas vezes na mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança dispersa e de novo reúne (ou melhor, nem mesmo de novo nem depois, mas ao mesmo tempo) compõe-se e desiste, aproxima-se e afasta-se.

Comentário:

Ver comentário Fragmento 49a.

Fragmento 92

E a Sibila com delirante boca sem risos, sem belezas, sem perfumes ressoando mil anos ultrapassa com a voz, pelo deus nela.

Fragmento 93

O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinais.

Comentário:

Nos Fragmentos 92 e 93, Sibila⁶⁶ e o oráculo de Delfos nada dizem nem ocultam. O que fazem é dar sinais aos homens, são eles que terão que descobrir. Nem Sibila, nem o oráculo revelam nada, nem nada ocultam, pois, assim como os homens, de nada sabem, a não ser o que procuram saber.

Podemos agora avançar um pouco mais na morte por desgosto de Homero (Comentário, Fragmento 56). Ele perguntou aos jovens pescadores por peixes. Foi o que pensou do alto de sua sabedoria. Só que, como todo sábio, ele acredita que sabe. Só não sabe que jovens pescadores que estavam ainda a catar piolhos em suas roupas, que esses pudessem imaginar que Homero estivesse perguntando por peixes uma vez que estavam entretidos com os piolhos e só poderiam supor que se tratava deles – piolhos – jamais de peixes a pergunta. O sábio Homero, do alto do autoritarismo que caracteriza todo sábio, não teve a humildade de fazer a pergunta de forma clara e recebeu o que imaginou ser um enigma como resposta. Não tinha nenhum enigma a não ser o que sua cabeça acreditou ser um enigma. Morreu de desgosto por não ter resolvido como sábio que era o enigma que não era. Tivesse ele feito a pergunta certa, estabelecido um diálogo com os pescadores, nada disso teria acontecido. A pergunta seria: “Pescadores, vocês pegaram peixes? ”, e certamente receberia a resposta completa por parte deles. Mas como simplesmente perguntou: “O que vocês pegaram? ”, os pescadores responderam que os piolhos que eles pegaram, eles deixaram no mar, os que não pegaram, eles trouxeram e estavam tentando se livrar deles quando Homero os indagou.

⁶⁶ Sibila é, essencialmente, o nome de uma sacerdotisa encarregada de dar a conhecer os oráculos de Apolo. (GRIMAL,1997, p. 416).

Se Homero tivesse feito a pergunta de outra forma: “Pegaram muitos peixes?”, os pescadores iriam responder “Não, não estava dando peixe, o mar não estava favorável para a pesca”. Então ficamos catando piolhos e deixamos os piolhos que pegamos lá e, estamos aqui, tentando nos livrar dos outros que involuntariamente trouxemos”. Mas não foi o que fez o sábio Homero e, por isso, morreu vítima do enigma que a cabeça dele inventou. “Os filhos de sua cabeça...” Marx.

Não só Homero, muitos se deixam envenenar pelo que suas cabeças inventam. Acham enigmas onde só existem piolhos. Carruagens, caminho, deuses, melhor fariam se catassem piolhos.

Fragmento 94

Pois Hélios não transpassará as medidas; senão as Erínias, servas da Justiça, descobrirão.

Fragmento 95

Pois ignorância é melhor ocultar. Mas é trabalhoso no desaperto e com vinho.

Fragmento 96

Pois cadáveres, mais do que esterco, são para se jogar fora.

Fragmento 97

Pois cães ladram contra os que eles não conhecem.

Fragmento 98

As almas farejam no (invisível) Hades.

Fragmento 99

Não fosse o sol, com os outros astros seria noite.

Fragmento 100

Destes (os períodos anuais) o sol sendo preposto e vigia, define, dirige, revela e expõe à luz as transmutações e horas, as quais traz em todas (as coisas), segundo Heráclito.

Comentário:

Nos Fragmentos 94 a 100, a dificuldade de iluminar o que a ignorância cultua e tenta erigir sobre cadáveres mantidos mortos em vida ou no invisível Hades. Mais um deus a reinar, mais uma ameaça, como se fosse possível impedir os que não se dobram a fantasmas. O sol do conhecimento e a invisível noite das superstições da ignorância.

Fragmento 101

Procurei-me a mim mesmo.

Fragmento 101a

Pois os olhos são testemunhas mais exatas que os ouvidos.

Fragmento 102

Para o deus são belas todas as coisas e boas e justas, mas homens umas tomam (como) injustas, outras (como) justas.

Comentário:

Nos Fragmentos 101, 101a e 102, vemos a resposta no homem, não nos deuses. Olhos veem, ouvidos se deixam levar por falsos mundos. O que é cômodo para os deuses não o é para os homens. Alguns homens se servem de deuses que inventam e então é cômodo para esses, essa simulação. Mas os homens que enxergam esse truque sabem que não é justo o que foi inventado para submetê-los.

Fragmento 103

Pois comum (é) princípio e fim em periferia de círculo.

Comentário:

O caminho do simplismo onde tudo se repete, círculo perfeito, verdade redonda que a deusa revelou para Parmênides e para quem tem ouvidos para isso. Se existe um princípio, esse foi criado por deuses. Esse único caminho, tudo explica.

Fragmento 104

Pois que inteligência ou compreensão é a deles? Em cantores de rua acreditam e por mestre têm a massa, não sabendo que "a maioria é ruim, e poucos são bons".

Comentário:

É o caminho do senso-comum que a humanidade irá santificar. O mediano, o medíocre, a esses se curvará e os erguerá como senhores. A maioria fará isso por acreditar mesmo nos seus ouvidos surdos, ouvidos que foram treinados por esses outros que fabricaram esse mau gosto e enaltecem o burburinho como se fosse música. "Um para mim vale mil, se for o melhor", Fragmento 49.

Um nômade sempre vale por mil.

Fragmento 105

Dessa passagem, Heráclito afirma que astrólogo foi Homero, assim como daquela em que o poeta diz "do destino, eu afirmo, jamais homem algum escapou".

Comentário:

Mais uma vez, o fornecimento do caminho causa-efeito. Deuses e homens, e então já está tudo escrito nas estrelas.

Fragmento 106

Com razão, Heráclito censurou Hesíodo por fazer uns dias bons e outros maus, dizendo que ignorava como a natureza de cada dia é uma e a mesma.

Comentário:

Hesíodo – meados do séc. VIII a.C – está exatamente na passagem entre o mundo mítico homérico e o nascimento da filosofia. Escreve, duas grandes obras: *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias*. Na *Teogonia*, descreve a geração dos deuses, sua genealogia. Em *Os Trabalhos e os Dias*, irá explicar a condição humana, causada pelo roubo e entrega do fogo aos homens praticada por Prometeu⁶⁷, Zeus se vingará de Prometeu, e dos homens. Envia-nos Pandora como presente, uma criatura por ele forjada para punir a raça humana. Pandora vem à Terra trazendo um

⁶⁷ GRIMAL, 1997, p. 396.

vaso, ao abri-lo, todos os males que estavam dentro dele se espalharam sobre a humanidade. Só a esperança, que estava no fundo, ficou dentro do vaso. A partir de então os homens foram condenados a sofrer toda a casta de males, tendo a esperança como pobre consolação⁶⁸.

A tal censura de Heráclito a Hesíodo, como a feita a Homero nos Fragmentos 42 e 56 deve-se ao trabalho de propaganda que fazem dos deuses. Hesíodo, ao fazer levantamento e registro dos deuses na *Teogonia*, nos dá a esperança em *Os Trabalhos e os Dias*. Quem tem esperança, espera, não faz. Espera os deuses. Nas duas obras, o que subjaz é o enaltecimento à servidão e ao traçado do destino a que fomos nós, mortais, condenados pelos deuses. Claro que o talento literário e o imaginário de Hesíodo, assim como o de Homero na *Ilíada* e *Odisseia*, não podem ser sequer passíveis de questionamento. Jamais o foram por Heráclito e por nós, em nossa tese, da qual não devem pairar dúvidas quanto a isso.

Fragmento 107

Más testemunhas para os homens são olhos e ouvidos, se almas bárbaras eles têm.

Comentário:

Homens bárbaros, ignorantes, são enganados pelos sentidos. Ouvem e veem, o que a sua ignorância fabrica. Ver também Comentário ao Fragmento 104.

Fragmento 108

De quantos ouvi as lições nenhum chega a esse ponto de conhecer que a (coisa) sábia é separada de todas.

Comentário:

O seletivo Heráclito ouviu lições, e esses que selecionou para ouvir, nenhum deles fez essa separação. Nenhum deles sucumbiu à submissão de constituir um algo mais sábio, um algo maior, nenhum deles construiu um algo apartado que existiria em um além.

⁶⁸ Idem, p. 353-354.

Seletivo Heráclito, seus olhos e ouvidos não se deixam levar por cantos de sereias.⁶⁹

Fragmento 110

Para homens suceder tudo que querem não (é) melhor.

Fragmento 111

Doença faz de saúde (algo) agradável e bom, fome de saciedade, fadiga de repouso.

Fragmento 112

Pensar sensatamente (é) virtude máxima e sabedoria é dizer (coisas) verídicas e fazer segundo (a) natureza, escutando.

Fragmento 113

Comum é a todos o pensar.

Comentário:

Nos Fragmentos 110 e 111, 112 e 113, a vida, não os deuses, não o destino, nos colocam problemas, e são esses problemas que nos fazem pensar, sair da mesmice, e, assim, perceber que somos, o tempo todo chamados a participar da vida, e não a assisti-la.

Fragmento 114

(Os) que falam com inteligência é necessário que se fortaleçam com o comum de todos, tal como a lei a cidade, e muito mais fortemente: pois alimentam-se todas as leis humanas de uma só, a divina: pois, domina tão longe quanto quer, e é suficiente para todas (as coisas) e ainda sobra.

Comentário:

Os que falam com inteligência precisam saber a fonte de onde se ancoram as leis, o que as alimenta. Do que se nutrem para tentarem se impor. Esses poucos

⁶⁹ HOMERO, 2011.Canto XII.

que falam com inteligência têm e sabem que o divino é fabricado. Como sabedores disso, que se fortaleçam para não aceitar o que vive de uma falsa superioridade ou com a ignorância que os impedirá de pensar.

Fragmento 115

De alma é (um) logos que a si próprio se aumenta.

Fragmento 116

A todos os homens é compartilhado o conhecer-se a si mesmo e pensar sensatamente.

Comentário:

Mas não o fazem, preferindo ficar na ignorância e conseqüente servidão a ela.

Fragmento 117

Um homem quando se embriaga é levado por criança impúbere, cambaleante, não sabendo por onde vai, porque úmida tem a alma.

Comentário:

Os Fragmentos 115, 116 e 117 esclarecem melhor o Fragmento anterior, 114. Dissecam como muitos são levados à embriaguez que lhes aumenta a cegueira. Almas, deuses, leis e eis um rebanho acreditando no que eles próprios inventaram ou que se deixaram acorrentar pela impossibilidade de pensar sensatamente. Mais uma vez, a criança: “Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado”, Fragmento 52, despidas que são de preconceitos, são as que poderão levar o embriagado homem dos preconceitos divinos para o conceito dos homens.

Fragmento 118

Brilho seco (é a) alma mais sábia e melhor. Ou antes, segundo a leitura de Stephanus: Alma seca (é) a mais sábia e melhor.

Comentário:

Embriaguez, ignorância, servidão. Almas úmidas.

Lucidez, conhecimento, atuação. Almas secas

Fragmento 119

Heráclito dizia que o ético no homem (é) o demônio (e o demônio é o ético).

Comentário:

Homens que fabricam deuses não são éticos. Então quem sabe outra invenção (demônio) que não serve nem a esses homens, nem a seus deuses. Por isso, ético.

Fragmento 120

Limites de aurora e crepúsculo (são) a Ursa e em face da Ursa a baliza do fulgurante Zeus.

Comentário:

Aqui na Terra, os homens balizam.

Fragmento 121

Merecia que os efésios adultos se enforcassem e que os não adultos abandonassem a cidade, eles que a Hermodoro, o melhor homem deles e o de mais valor, expulsaram dizendo: “que entre nós, ninguém seja o mais valoroso, senão que se vá alhures e com outros.”

Comentário:

Hermodoro⁷⁰ teria sido vítima da ignorância dos que se deixam ser enganados por ela. Fragmento 107: “Más testemunhas para os homens são olhos e ouvidos, se almas bárbaras eles têm. ” Ver também nosso comentário do fragmento.

Fragmento 123

Natureza ama esconder-se.

⁷⁰ Amigo de Heráclito e que teria sido banido de Éfeso por seus habitantes. (LAËRTIOS, 1977, p. 251).

Comentário:

Deseja-se que nossa curiosidade nos permita conhecer a natureza em seus esconderijos mutantes como ela, como nós que fazemos parte dela. Fazer parte desse jogo, não se contentar em ser jogado.

Fragmento 124

(Como?) coisas varridas e ao acaso confundidas (é?) o mais belo mundo.

Comentário:

O mais belo do mundo é essa natureza jogando. “E quando seus concidadãos lhe pediram – a Heráclito – para elaborar leis, ele se recusou... e foi jogar ossinhos com as crianças... Por que vos admirais, canalhas? Não é melhor fazer isso do que participar convosco do governo da cidade?” (LAËRTIOS, 1977, p. 251).

Fragmento 125a

Que não vos abandone a riqueza, efésios, a fim de que seja provada a vossa ruindade.

Comentário:

“Porcos em lama se comprazem, mais do que em água limpa.”, Fragmento 13.

2.2 Da água para o vinho, da terra para o mar. Da estrela aos homens

O jardim de veredas que se bifurcam.
O livro é um acervo indeciso de rascunhos contraditórios. Examinei-o certa vez: no terceiro capítulo morre o herói, no quarto está vivo.
Borges (1998, p. 529).

Acreditamos que a leitura comentada de Parmênides e Heráclito tenha permitido, de uma vez por todas, distinguir, lá no seu nascimento, lá onde a filosofia se apresentava ao mundo, as opções que irão a partir de então seguir. A brilhante distinção feita por Diógenes Laértios entre filósofos dogmáticos e céticos, não dá mais conta da questão. O que estamos o tempo todo caracterizando, ressaltando e

apontando, não é uma simples oposição e caminhos distintos que a filosofia teria tomado. Isso, apesar de não totalmente óbvio ainda hoje, de certa forma, parece ser aceito. Pode até se camuflar em subdivisões, em ramificações, em especializações que a Filosofia criou e, assim fazer crer que se tem sim vários caminhos, e que isso a que estamos nos dedicando seria só um novo nome para a mesma coisa, assim como novos nomes pomposos que se inventam para coisas antigas ou novas, como se novidades fossem. E assim, árvores são assassinadas para encher laudas e mais laudas, a entupir vasos, ralos, lagos rios e mares⁷¹. Mas não é isso, não é de um modismo ou de uma falsa distinção para encher laudas e barganhar títulos que estamos falando. O que pretendemos é bem diferente.

O que nos chegou do: “Sobre a Natureza”, tanto de Parmênides quanto o de Heráclito, é constituído por dezenove fragmentos, cento e sessenta frases, através de nove autores – no caso de Parmênides, e de cento e trinta fragmentos (seriam cento e vinte seis, mas, quatro deles se subdividem); e cento e trinta frases e vinte e seis autores, no caso de Heráclito.

Entre esses, vinte e oito autores, a maioria absoluta, é constituída de platônicos, além do próprio Platão, aristotélicos, além do próprio Aristóteles e de neoplatônicos e cristãos. O time de autores não deixa nenhuma possibilidade de dúvidas, e o que estamos jogando é o jogo da Dogmática – contabilizando, nominando, esquadrando, enquadrando, mas agora para fins nomádicos.⁷² E, ainda assim, por mais que tenham puxado a sardinha para a suas respectivas brasas, o que lemos de forma bastante truncada é uma tentativa de melhorar o que Parmênides teria deixado confuso por conta de sua falta de talento literário. Os nove autores responsáveis pelo Poema fizeram o possível, mas as dificuldades continuaram. No entanto, o “obscuro” não é Parmênides, e sim Heráclito. E Heráclito não teve só nove intérpretes, teve vinte e seis.

Apesar disso, de brasas puxadas para a sardinha Dogmática, em seus primórdios, o que se vê traçado, apesar desses pesares, é um caminho relativamente calmo em que passeamos rumo à verdade que nos será revelada por

⁷¹ Nos referimos aos campos, subcampos, divisões e mais divisões e subdivisões da Filosofia. Não os necessários, mas, coisas, empulhações como Filosofia Clínica.

⁷² Acreditamos que, agora, estejamos explicitando um pouco mais ainda o pensamento nômade. Ele não se opõe ao pensamento Dogmático a não ser como maneira pedagógica de diferenciação. Não é um pensamento contra a Dogmática, usará os instrumentos da filosofia dogmática, sempre que for necessário.

uma deusa, disso, não podemos ter a menor dúvida. E uma outra natureza que já vem de cara com uma depreciativa alcunha de obscura, e, portanto, difícil, feita por alguém – Heráclito – que seria propositalmente enigmático, que teria se afastado do convívio humano.⁷³ Convenhamos, não é uma apresentação isenta, mas Platão e Aristóteles sempre foram próceres nesse tipo de atitude, seus alunos e seguidores herdarão e darão continuidade. Essa prática de “farinha pouco meu pirão primeiro” fará História, inclusive a da Filosofia. E não poderíamos sequer supor que fosse diferente. Assim foi como chegou o pensamento desses dois filósofos, mesmo diante de jogadores e torcida cega, com toda uma vontade de fazer triunfar o pirão que defendem. Mesmo assim, vimos que não conseguiram. A nossa leitura do que chegou desses filósofos, apesar desses pesares, que nada têm de inocentes, apontou o que, cuidadosamente, retiramos desses escritos. Por mais mirabolantes que possam ser as leituras, interpretações e interpretações de interpretações do Poema de Parmênides, três coisas não são passíveis de questionamento. Não permitem dúvidas:

- 1- Esse Poema nos apresenta o caminho para conhecer a verdade.
- 2- Esse caminho nos leva à deusa, e será ela que nos revelará essa verdade.
- 3- O Filósofo Parmênides será o responsável por divulgar esse caminho.

Estaremos em vantagem caso ao menos isso tenha sobrado de nossa leitura. E sobre o “Obscuro” Heráclito, o que foi “lido”, “olhado” e “deturpado” e nos apresentado por quem, no mínimo, não compartilhava ou não entendia aqueles escritos, mesmo com todos esses infortúnios, o que chegou para nós, não é passível de questionamentos. Repetindo as observações acima quanto às leituras, interpretações e reinterpretações de seus fragmentos, vamos também nos fixar em apenas três coisas, retiradas desses escritos:

- 1- São os homens os que podem encontrar as respostas.
- 2- Não existe uma natureza fora da natureza.
- 3- A filosofia não recebe recados de deuses.

⁷³ LAÉRTIOS, 1997, p. 251.

Como anunciamos no início desse capítulo, tínhamos com objetivo ao fazermos essa comparação entre dois tipos distintos de pensadores de chegar a algo fora de uma dicotomia, de oposições, de rotulagens, de nomenclaturas que aprisionam ou temam enquadrar algo. Já apontamos que seria muito mais que isso a nossa pretensão. Não se trata de uma escolha ao acaso, o uso de um Poema – ainda que com os problemas que levantamos – foi uma escolha reveladora de uma opção, o acaso passou longe de Parmênides ao escolher versos para chegar à morada da deusa. No caso de Heráclito, é bem possível que o aforismo tenha chegado por acaso. Importa realçar que foram escolhas reveladoras de opções, e que foi isso que inaugurou essas duas formas distintas de olhar a filosofia, mas, muito além do que dogmáticos e céticos, racionalistas e empiristas, muito além dessas e outras distinções, começamos separando água do vinho, mas era o possível, naquele momento, carregar nas cores para diferenciar esses dois pensadores. Se essa nossa linguagem, ela mesma viciada, nos impõe os seus limites, se é com ela que teremos que contar para nos levar a outras paragens que não moradas divinas, prossigamos.

A nossa própria noção de pensamento nômade não sendo uma exclusão do pensamento Dogmático ganhou uma maior visualização ao escolhermos analisar os fragmentos de ambos. Sim, tem água no vinho, em todos os vinhos. Mas não vinho na água, a não ser que coloquemos.

Tudo o que está em nós um dia foi uma estrela. Nós somos um meio para o universo conhecer a si mesmo. Uma parte do nosso ser sabe que essa é a nossa origem. Nós desejamos voltar. E podemos, porque o cosmos também está dentro de nós. Nós somos feitos de matéria estelar. (MENDES. Apud SAGAM,2011).

Houve um dia, sobre o qual nos dedicamos ao primeiro capítulo, em que um corajoso nômade – Pitágoras – se apresentou ao mundo como filósofo. Foi a primeira vez que se ouviu o nome filósofo. O tirano de plantão foi surpreendido pela inusitada resposta. Heráclito também foi convidado por um rei a visitá-lo no palácio e explicar sua filosofia. Lhe foram oferecidos todos os privilégios e padrão de vida adequados ao mérito que o rei atribuiu a ele. E Heráclito respondeu:

Todos os homens sobre a terra permanecem longe da verdade e da justiça, e por causa de sua miserável loucura, devotam-se sofregamente à satisfação de suas ambições e sede de popularidade. Eu, que esqueci de

toda a maldade e evito a insolente saciedade de todas as aspirações, intimamente associada à inveja, e desdenho a ostentação, não posso ir à terra dos persas, contente com pouco e obediente à minha razão. (LAÉRTIOS, 1977, p. 254).

Essa é uma resposta semelhante à de Pitágoras, o tipo de resposta que irá caracterizar todos os pensadores nômades: nenhum acordo com o poder, nenhuma aliança com os que acreditam que se compra filosofia no varejo ou a granel – como se houvesse um bilhete de entrada para a filosofia graças a avalistas divinos que inventam ou que acreditam, para que, assim, possam usufruir e satisfazer sua miserável vontade de ostentação. “Como se alguém, entrando na lama, em lama se lavasse” (Fragmento 5) – se rendem e então, vendem deuses. Se rendem e vendem-se a reis para terem saciada sua sede de popularidade a qualquer custo.

Comparações que acreditamos necessárias, pois elucidativas das escolhas feitas desde então e que continuam a serem feitas até hoje. Entre bajular ou enfrentar reis não se colocam só duas opções, se coloca a própria questão da filosofia. Entre um show pirotécnico de um Poema cheio de artifícios a nos acusar de mortais e uma natureza onde nos constituímos e nos afirmamos como mortais. Entre uma Filosofia e outra filosofia. Isso, para ficarmos por hora, nas três coisas que destacamos de ambos. Além e sobretudo que, o que se deu em sua aurora, essa escolha, entre ser a Filosofia uma mera atravessadora da verdade de deuses ou ser a filosofia o instrumento de homens – mas a coisa não parou por aqui – foi ganhando novas roupas, novos esconderijos, novos senhores a Filosofia. E a filosofia continuará a exercer o seu papel, o de atriz e ator principal. Não veio ao mundo para representar deuses, reis, ser coadjuvante. Não, jamais.

A partir do próximo capítulo, mas também nesse e no anterior, e até o final dessa tese, o personagem principal foi e será a filosofia, ela e alguns dos seus pensadores nômades. Vez por outra um ou outro Dogmático, mas como coadjuvante.

E, se estamos conseguindo nosso objetivo, esse lugar ocupado pelos Dogmáticos: coadjuvantes, sempre esteve claro. Inclusive e principalmente na História da Filosofia, mas isso ainda estamos devendo.

Sim, talvez tudo que está em nós tenha vindo de uma estrela, como disse Carl Sagan. Mas que estrela? De que espécie de estrela?

3 O SÉCULO V A.C. E PLATÃO, O “PRIMO RICO” DE SÓCRATES: TRAGÉDIA E FARSA

Não estávamos suficientemente sóbrios.
Deleuze & Guattari (1992, p. 7).

O Século V a.C. foi o século no qual a Polis atingiu seu apogeu. Sobre essa questão, J-P. Vernant escreveu de forma brilhante⁷⁴. É nesse momento que as Cidades-Estado conheceram os seus primeiros pensadores: Sócrates, que nada escreveu, e Platão, o primeiro Filósofo que nos legou uma vasta obra, não fragmentos. Isso marcou a História da Filosofia. Platão foi o responsável por toda uma forma de pensar e gerir a Filosofia e fez, literalmente, Escola. A frase de Alfred North Whitehead, “A definição mais precisa da Filosofia Ocidental é a de que ela não passa de uma série de notas de rodapé da obra de Platão”⁷⁵, é precisa, pelo menos em se tratando dessa Filosofia Dogmática, majoritária. Traçamos no capítulo anterior a genealogia desse caminho, começamos a alinhar que o pai intelectual de Platão foi Parmênides. Agora estamos afirmando que Platão foi o primeiro organizador, formalizador, dessa Filosofia assim como a temos até hoje. Se no seu nascimento com Parmênides essa Filosofia apelou para deuses como avalistas, com Platão os deuses continuaram, mas agora junto a mais um deus, o Estado. Se a tragédia volta, ela volta como farsa⁷⁶. Parmênides e os deuses foram a tragédia e Platão e o Estado, a farsa.

Doravante, a história da Filosofia estará sempre com esse par inseparável: Deuses ou Deus e Estado, e as notas de rodapé serão acrescentadas por novos nomes⁷⁷ e seus Conceitos – sempre como afirmou Alfred North Whitehead, comentando o pai Platão.

⁷⁴ VERNANT, J-P. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996; *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; *Mito e política*. São Paulo: EDUSP, 2001.

⁷⁵ WHITEHEAD, A. *Process and Reality: an essay in cosmology*. New York: The free press, 1978, p. 34.

⁷⁶ “...Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos grandes personagens da história mundial são encenados duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”. (MARX, 2011, p. 25).

⁷⁷ Depois de criador Parmênides e da criatura Platão, o time vai entrando em campo: Aristóteles, Descartes, Kant e Hegel.

Platão foi membro de uma família da aristocracia ateniense e até descendente de reis⁷⁸. Sua obra versa sobre a organização e controle das emergentes cidades- Estado. Para isso, não poupou laudas e sua própria vida para tentar colocar em prática suas ideias. Como Platão não é o tema de nossa tese e como as informações sobre ele são abundantes, nos limitaremos a realçar o que nos interessa.

Seu mentor intelectual em vida foi Sócrates e as informações que temos sobre ele são basicamente fornecidas pelo mesmo⁷⁹ e por outro aluno de Sócrates, Xenofonte. É com Platão que se instaura essa forma particular de fazer filosofia que chamamos de Filosofia. Se Parmênides tem os deuses, Platão tem, além deles, a ele próprio e sua disposição em direcionar e encaminhar as coisas de acordo com sua vontade. Dessa forma, o Sócrates que temos é o Sócrates de Platão. Assim como fez com os Pré-socráticos, inserindo nos fragmentos muito do que pensava, o fez também com Sócrates. Seu futuro aluno, Aristóteles, herdará do mestre essa característica que jamais será abandonada por nenhum dos pensadores dessa Filosofia que o mestre Platão formalizou.

Com ele nasce a Filosofia atrelada ao Estado, a que pensa e faz do Estado um deus. A Filosofia inaugural do mestre Platão prega a serviço do Estado para o Estado e desse papel nunca mais arredará o pé. Contudo, tem algo muito importante que parece ser, sobremaneira, minimizado em toda história da Filosofia que é o fato de que o mundo o qual o aristocrata Platão viu nascer apresentou algo que alguém com hereditariedade de Reis não poderia aceitar, não publicamente ou de forma clara. Esse algo era a emergente democracia. Criticá-la somente não seria prudente, então Platão fará uma crítica a todas as formas de governo da época e, assim, parecerá aos olhos do seu tempo, até os dias de hoje, como imparcial. As suas viagens para prestar serviços a tiranos em Siracusa⁸⁰ serão creditadas a inexperiência, a ter acreditado ser possível convencer um déspota com suas ideias. Não é difícil imaginar um Platão de bigode aceitando a reitoria de uma universidade, acreditando, ou fingindo acreditar, que teria liberdade de colocar suas ideias em

⁷⁸ PLATÃO. *A república*. Introdução, Benedito Nunes, 2000, p. 4.

⁷⁹ Sócrates foi condenado à morte e uma das acusações foi de não crer nos deuses da cidade de Atenas. Platão, que assistiu a tudo isso, fará da defesa da religiosidade – essa que matou seu mestre – um dos baluartes de sua obra. Seria curioso e trágico, se não fosse farsesco.

⁸⁰ JAEGER, W. *Paideia*. São Paulo: Martins Fontes, 1979. p. 547-548.

prática na Alemanha nazista. Platão tragédia ou o que recebeu a reitoria da Universidade de Freiburg⁸¹. A farsa da farsa? Platão fez escola, sua Academia já anunciava o reto caminho da geometria: “Que ninguém entre aqui se não for geômetra”⁸², assim como as éguas de Parmênides, sempre por um condutor e sedutor caminho, fabricando um Sócrates como São Paulo fabricou um Cristo⁸³. Outra vez, tragédia e farsa.

Há algo que se mantém ao longo de toda sua obra, que perpassa todo o Platão, muda vez por outra de tonalidade e se disfarça um pouco, mas a ideia que costura sua obra se mantém. Há um claro saudosismo da soberania despótica que antecedeu seu mundo⁸⁴ e que, diante da impossibilidade de retorno, terá que ser maquiada. O que é o Rei-Filósofo de *A República*⁸⁵ senão um avatar do déspota? Como não é mais possível um rei-divino, substitui-se pelo Rei-Filósofo, e no seu último escrito, *As Leis*, não é mais preciso que o Rei seja Filósofo, podendo ser qualquer um que faça a intermediação entre deuses e mortais e implemente *As Leis* que os deuses inspiram. As éguas de Parmênides são substituídas pela geometria de Platão que nos encaminha para o mundo das Ideias, as quais devem se submeter todos os mortais, e aqueles que ousarem serem ímpios serão penalizados com a pena de morte⁸⁶.

O divino Platão, que inventa ao mesmo tempo a intolerância religiosa, a inquisição e os campos de concentração, não limita a repressão aos ateus *stricto sensu*. Os mágicos e os feiticeiros, os praticantes de sortilégios, que tentam manipular as forças ocultas e divinas, terão a mesma sorte. Haverá uma religião oficial de Estado, obrigatória: todo e qualquer culto privado, toda e qualquer prática supersticiosa, bem como a indiferença, serão punidos severamente, até a morte. (MINOIS G, 2014, p. 52)

⁸¹ FAYE, J.P. *A Razão Narrativa - A Filosofia Heideggeriana e o Nacional-Socialismo*. São Paulo:Ed. 34,1996.

⁸² SAFFREY, Henry. *Ageometrêtos mêdeis eisito: une inscription légendaire. Revue grecques*. N.81 p.67-87.1968. A referência é datada posteriormente, nos escritos dos neoplatônicos João Filopono e de Olympodoro, que viveram no século VI d. C., e por João Tzetzes, autor bizantino do século XII.

⁸³ DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. Nietzsche e São Paulo, D.H. Lawrence e João de Patmos. São Paulo: Ed. 34, 1997b. “Como São Paulo fabricou um Cristo para consumo religioso”.

⁸⁴ Sócrates e Platão viveram no apogeu da Polis grega (cidades-Estado), no século V a.C., e refletiram sobre ela. A questão que envolve ambos é a administração das recém-inventadas, cidades-Estado. Quando se deu o fim da soberania despótica (reis-divinos), a questão que se colocou era quem e como administrar esse mundo que não tem mais esses déspotas e seus preconceitos. Os primeiros Filósofos da Pólis se dedicaram a isso. (p. 21 e 22 desta tese)

⁸⁵ PLATÃO. *A República*. Belém: EDUFLA, 2000, Livro VI.

⁸⁶ “...mais incorreu em atos de impiedade de pessoa adulta, quer por ter erigido um santuário em terreno privado ou em terreno público, quer por ter realizado sacrifícios a quaisquer deuses, pelo fato de ter sacrificado num estado de impureza, será sentenciado à morte. PLATÃO. *As Leis*. Bauru, SP: EDIPRO, 1999. p. 435.

Sabemos que o personagem histórico Sócrates estava longe de ser um abastado como Platão. Podemos e suspeitamos que ele tenha sido usado por Platão para seu ataque, a nosso ver, pouco dissimulado à democracia. Entretanto, o que temos de concreto e o que nos interessa de Sócrates passa longe de Platão e de sua máquina de propaganda, a Academia, o que já está nos custando muitas linhas e mais árvores mortas à toa. Vamos ao que interessa.

3.1 “O cínico ‘primo pobre’ de Sócrates e o humor: Diógenes peida.”

Levantai vossos corações, ó meus irmãos, alto, mais alto! E não esquecei tampouco as pernas! Levantai também as vossas pernas, vós, bons dançarinos, e melhor ainda: erguei-vos também sobre a cabeça!

Esta coroa do ridente, esta coroa grinalda-de-rosas: eu mesmo coloquei esta coroa sobre minha cabeça, eu mesmo declarei santo o meu riso. Não encontrei nenhum outro, bastante forte para isso, hoje.

Zaratustra, o dançarino; Zaratustra, o leve, que acena com as asas, pronto a voar, acenando a todos os pássaros, preparado e pronto, um bem-aventurado leviano:

Zaratustra, o verodizente; não um impaciente, não um incondicional, mas um que ama os saltos e os saltos laterais: eu mesmo coloquei essa coroa sobre minha cabeça!

Esta coroa do ridente, esta coroa grinalda-de-rosas: a vós, meus irmãos, eu vos atiro esta coroa! O riso eu declarei santo: vós, homens superiores, aprendei-rir!

Nietzsche (1992a, p. 23).

O Sócrates divulgado por Platão e sua Academia foi domesticado aos interesses do Estado, além de ter sido vítima dele⁸⁷, algo que nem Platão conseguiu censurar. Por mais que faça ainda muito sucesso, outros Sócrates teriam inspirado formas bem distintas de se fazer filosofia, outras “escolas” – se é que podem se

⁸⁷ Sócrates foi condenado à morte pela Pólis de Atenas.

chamar assim⁸⁸ – que se apresentaram ao mundo, tendo Sócrates como influência. E, se a História da Filosofia foi feliz algum dia, em alguma coisa, foi na escolha ao denominar essas escolas “As Escolas socráticas menores”⁸⁹. Sem que soubessem, elas referenciavam e faziam a distinção da filosofia nômade, que é essa a filosofia menor⁹⁰, e a Filosofia Maior, formalizada por Platão. É sobre “o cão de Sinope”⁹¹, “quem não ouviu falar no cão de Sinope?” Perguntou Gregório de Nazianzo. (GOULET, M. O.; BRANHAM, R. B., 2007, p. 245). É sobre Diógenes, o cínico, que falaremos nesse capítulo, o filósofo que “se autoproclamava um cão em guerra com o mundo, que pôs em xeque e condenou as normas e convenções” (NAVIA. L. E., 2009, p. 22-23).

Como todos os filósofos menores, como todo nômade, Diógenes não é um cidadão do Estado. Como todo nômade, é um cosmopolita, um apátrida, “Sou um cidadão do mundo” (LAËRTIOS D., 1997, p.168). Morando em um tonel, carregando uma lanterna acesa em plena luz do dia à procura de um homem de verdade, não o encontrou na Grécia de então e teria essa dificuldade também em todos os tempos vindouros. Esteve na Academia de Platão, não para aprender nada, mas para trocar de Platão que o “viu como alguém que traiu o verdadeiro espírito da filosofia e, contudo, alguém cuja companhia buscou, nem que fosse para latir para ele e recordá-lo de sua ambiguidade” (NAVIA. L. E., 2009, p. 71). Quando Platão “definiu o homem como um animal bípede, sem asas, recebeu aplausos; Diógenes depenou um galo e o levou à Academia e jogando o galo, disse: ‘Eis o homem de Platão!’ ” (LAËRTIOS. D., 1997, p.162). “Dizia que as preleções de Platão eram perda de tempo” (Ibidem. p.158). Quão ousado esse Diógenes. Em meio a palmas arrancadas as custas de falácias do dono da Academia, o cão lhe joga um galo em sala de aula. O galo briga com a arrogância de Platão. “Vejo a bile aqui, porém não consigo ver o

⁸⁸ “O cinismo não foi uma ‘escola’: os filósofos cínicos não davam aulas num local específico, nem encontramos entre eles mestres sucedendo uns aos outros na liderança de uma instituição”. (GOULET-CAZÉ, M. O.; BRACHT, R.B. *Os cínicos- O movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 12).

⁸⁹ Escolas socráticas menores: Cínica, cirenaica e megárica.

⁹⁰ “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior.”. (DELEUZE, G; GUATTARIG, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro, 1997a, p. 35). Troque-se a palavra literatura por filosofia e eis a definição de filosofia menor, de filosofia nômade.

⁹¹ Diógenes, quando perguntado o que havia feito para ser chamado de cão, respondeu: “Balanço a cauda alegremente para quem me dá qualquer coisa, ladrão para os que recusam e morde os patifes.”. (LAËRTIOS, 1997, p. 167).

orgulho” teria dito aquele que para alguns foi o criador do pensamento cínico, Antístenes, ao examinar o vômito de Platão. (Ibidem, p. 154).

Sócrates teria inspirado outras possibilidades para a filosofia além de ser babá e empregada do Estado, como a pintou Platão. Algo não servil. Diógenes não medirá palavras, nem atitudes para desmascarar no seu berço, essa servilidade da qual jamais, dogmático algum, deixaria de ter.

É com Diógenes de Sinope que, pela primeira vez, será denunciada claramente a Filosofia plantada por Parmênides, em Eleia, e que está germinando daninhamente na Atenas no Século V. Diógenes Laértios nos deixou um relato que ilustra muito bem isso: Platão, vendo Diógenes lavando verduras, se aproximou e lhe disse no ouvido: “Se cortejasses Dionísios não estarias lavando verduras” Diógenes teria lhe respondido: “ E se lavasses verduras não terias de cortejar Dionísios” (Ibidem, p. 167), referindo-se às já comentadas visitas de Platão para cortejar tiranos em Siracusa. Independente da veracidade do relato, mesmo que seja falso, é verdadeiro para nossos propósitos. A aliança com tiranos não faz parte da vida de Diógenes. Lavar verduras é bem mais ético que amar o dinheiro: “metrópole de todos os males” dizia o cínico (Ibidem, p.165). Estes são alguns dos exemplos das denúncias feitas por Diógenes. Sem meias-palavras – *parresia*⁹², o falar francamente –, um conceito encontrado na sua vida, sendo essa uma forma de expressar sua filosofia, não uma transcendência que lhe afaste da lavagem das verduras em troca de submissão. Diógenes e todos os filósofos nômades sempre souberam disso e essa coragem da verdade, realçada por Michel Foucault, os aproxima da lavagem das verduras sem nenhum problema quanto a isso, e os afasta do que está podre desde o nascimento. Diógenes é, sem dúvida, o primeiro a fazer isso sem rodeios, ele parece antecipar o perigo do teratológico que dará à luz em Atenas, mas a fecundação, como apontamos, teve éguas, deuses; o primeiro que não queria lavar verduras – Parmênides, o jovem candidato a Filósofo – e sua redenção aos deuses; e agora o seu rebento, o pensador do Estado, Platão. Isso não passou em branco para Diógenes, e o próprio Platão viu-se, pela primeira vez, em maus lençóis. Não foi à toa que chamou Diógenes de “Sócrates demente”, “cão”

⁹² Sobre *parresia*: FOUCAULT, M. *A coragem da verdade*. São Paulo, 2011. Foucault, dedicou seu último curso, no Collège de France, à análise desse conceito, inclusive à luz do mundo contemporâneo. Também: HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Edições Loyola, 2014a. Exercícios espirituais e Filosofia Antiga. São Paulo: É Realizações Editora, 2014b.

(Ibidem, p. 162-165) e tentou difamar alguém que não se curvava a suas “Ideias” vindas de um mundo que inventaria. Entretanto, Diógenes não se furtou ao combate: “A mesa e a taça eu vejo, Platão, porém tua mesidade e tacidade não posso ver de forma alguma’ (Ibidem, p. 165) e, sobre ser um cão, “É verdade, pois volto sempre a quem me vendeu” (Ibidem, p. 162). Inclusive o próprio Sócrates, ouvindo Platão ler o Lísias, exclamou “Por Herácles! Quantas mentiras esse rapaz me faz dizer”, e Diógenes Laértios completa: “Com efeito, Platão atribui a Sócrates não poucas afirmações que este jamais fez” (Ibidem, p. 93). Tais afirmações só corroboram o que estamos defendendo sobre a parcialidade deturpadora do mentor da Academia. Para o alcance do além disso, estamos localizando o primeiro parresiasta e como se tornou necessário, como Diógenes foi o calcanhar de Aquiles dessa forma estatal de pensar a Filosofia. O primeiro sapato da submissão foi Platão quem calçou, mas a primeira pedra devemos ao nosso cão.

Enquanto Platão lança e funda as bases e caminhos que a Filosofia Maior irá trilhar, com laudas e mais laudas que depois serão acompanhadas por enormes notas de rodapé de seus continuadores,⁹³ Diógenes, nosso cão, irá enxugar e denunciar a demasia que, infelizmente, graça até hoje. Como nômade, escreverá aforismos onde evidenciará pela primeira vez, sem meias palavras, as grandes diferenças entre filosofia e a Filosofia⁹⁴.

Vamos a mais alguns de seus aforismos. Que venha Diógenes.

Sobre o mundo grego entregue a mesmice: “Atenção, homens!’ e quando muita gente acorreu ele brandiu o seu bastão dizendo: ‘Chamei homens, e não canalhas!’” (LAËRTIOS, D. 1977, p. 160). “Estava regressando de Olímpia e lhe perguntaram se havia muita gente lá. ‘Sim’, disse...muita gente, porém poucos homens”. (Ibidem, p. 167).

O mundo está cheio de gente, mas despovoado no que se refere a homens que não só repitam o que seu “mestre mandar”⁹⁵. Era o que procurava Diógenes, com a lanterna acesa em plena luz do dia em Atenas, um homem que não fosse um

⁹³ Aqui devemos justificar o tamanho dessa tese: o menor possível. Seria bem menor, mas estamos cumprindo o que a Academia do mestre prescreveu e vinga até hoje. Salientamos isso páginas atrás: “assim árvores são assassinadas para encher laudas e mais laudas, a entupir vasos, ralos, lagos rios e mares”. - Página 94. Ver também nota 74 que segue a essa afirmação na mesma página.

⁹⁴ Ver as seções “1.4- Filosofia Nômade” e “1.5 O mar dos conceitos e a terra dos Conceitos” desta tese.

⁹⁵ Brincadeira infantil nem um pouco inocente: “Bento que bento é o frade (frade) na boco do forno (forno) tudo que o seu mestre mandar, faremos todos. Se não fizer levaremos bolo”.

papagaio a repetir Ideias do mestre Platão, que era aplaudido na Academia ao definir o homem como um bípede sem asas. Essa gente que repete e aplaude, sem nada saber, constitui com sua ignorância Academias e seus donos. Podemos acrescentar mais um comentário de Diôgenes Laértios:

Admirava-se – Diógenes – vendo os críticos estudarem os males de Odisseus apesar de ignorarem seus próprios males; ou os músicos afinarem as cordas da lira, sem cuidarem de obter a harmonia de sua alma; ou os matemáticos perscrutarem o sol e a lua, mas ignorarem a realidade sob seus próprios olhos; ou os oradores cansarem-se de falar em justiça, mas não a praticarem; ou os avaros esbravejarem contra o dinheiro, enquanto na realidade o amam exageradamente. (LAÉRTIOS,1977, p. 159).

Será necessário lembrar que Platão, apesar de abastado, foi a Sicília atrás de mesas fartas? “Vendo certa vez num banquete suntuoso Platão serviu-se apenas de azeitonas, Diógenes comentou:

‘Como tu, filósofo que navegaste até a Sicília por causa de mesas iguais a esta, agora que elas estão diante de ti não as desfruta?’ Platão respondeu: ‘Mas pelos deuses, Diógenes, lá eu também comia azeitonas e coisas semelhantes.’ ‘Porque, então, replicou Diógenes, ir a Siracusa? Será que na época a Ática não produzia azeitonas?’ (LAÉRTIOS,1977, p.158).

Relembrando: “Diógenes definia o amor ao dinheiro como a metrópole de todos os males”. (p. 165). Desnecessário comentar, Diógenes já disse tudo!

Sobre adutores do poder: “Durante uma recepção oferecida por Platão a amigos vindos da parte de Dionísios, Diógenes pisou em seus tapetes e disse: ‘Estou pisando na vanglória de Platão’” (Ibidem, p. 159). “Perguntaram-lhe de que animal a mordida era pior, e ele respondeu: ‘Do sicofanta entre os animais selvagens, e do adutor entre os animais domésticos’”. (Ibidem, p.165).

A bajulação de Platão ao poder passará a ser norma para todos os seus comentadores que irão corroborar isso em imensas notas de pé de páginas, segundo o nosso entendimento. É assim que estamos caracterizando os Filósofos Maiores. Uma subserviência ao poder tão grande quanto deplorável para qualquer pensador nômade. É o que deixa bem claro o cão de Sinope e, antes dele, Antístenes examinando o vômito de Platão: “Vejo a bile aqui, porém não consigo ver o orgulho” (ibidem, p. 154). Em comum uma ojeriza a tanta vassalagem que, claro, o acompanhamos.

Sobre religião: “Certa vez ele viu guardiões de um templo arrastando um serviçal que roubara uma taça pertencente ao tesouro sagrado, e disse ‘Os grandes

ladrões arrastam o pequeno ladrão”. (Ibidem, p. 163). “Notando a admiração de alguém diante das oferendas votivas em Samotrácia, seu comentário foi: ‘Haveria um número muito maior se as pessoas que não se salvaram tivessem podido trazer as suas oferendas’”. (Ibidem, p. 167). “Vendo um casal oferecer um sacrifício aos deuses para ter um filho, Diógenes disse: ‘Mas não sacrificastes para saber que espécie de filhos nascera?’” (Ibidem, p. 168).

Percebe-se a ligação entre religiosidade e roubo, o uso da religião pelo Estado e a religiosidade como instrumento punitivo. Mais uma vez, lembramos que Sócrates, o mestre de Platão, foi condenado à morte pela religiosidade que o fundador da Academia irá defender veementemente com unhas e dentes.

Já o humor, outra das características da filosofia nômade, está presente também na questão das oferendas entre os mortos e os pais que desejam filhos. Com esses pequenos três aforismos, eis a religião desossada. Não é difícil imaginar Diógenes repetindo a cena: “Durante um banquete algumas pessoas lançaram-lhe ossos como a um cão; levantando-se, o filósofo urinou sobre os ossos, como faria um cão” (Ibidem, p. 164). Diógenes mijava.

Sobre o nômade Diógenes e os poderosos:

Enquanto Platão bajulava o poder e colhia os seus frutos⁹⁶, até ser vendido como escravo⁹⁷. Diógenes escrevia com o seu corpo e atitudes, antecipando em mais de dois milênios o que outro magnífico nômade iria desenhar com mais um de seus aforismos brilhantes que merece ser repetido: “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo” (MARX, 1984a, p. 111). Foi o que fez Diógenes.

Mijou em quem zombava dele. Escarrou em um burguês: “Alguém o levou a uma casa magnífica e o proibiu de cuspir; diante disso, ele pigarreou profundamente e expectorou no rosto da pessoa, pois não encontrava, disse, um lugar pior” (LAËRTIOS, 1977, p. 160). Se não fosse uma tese, iríamos colocar os deploráveis “kkkkk” ou “Há-há-há-há-há”, mas, como nem Platão, nem sua Academia admitiriam isso, retiramos mais uma vez, apesar de mantermos. Diógenes não parou, ainda fez mais. Um nômade não interpreta o mundo. Um nômade muda o mundo e sabe que, para mudar, é preciso não servir, mas ter coragem. E ter coragem não é criar

⁹⁶ A carta VII revela as frustrações porque passou Platão ao servir a tiranos.

⁹⁷ Platão foi salvo por um amigo que o comprou. Diferentemente, Diógenes, que também foi preso, conseguiu a liberdade de forma bem diferente da de Platão. Mais adiante voltaremos à questão.

transcendência para agasalhar covardias. “A alguém que se exibia orgulhosamente vestindo uma pele de leão Diógenes disse: ‘Pára de desonrar as vestes da coragem!’” (Ibidem, p. 163).

Seria repetitivo voltar às “Ideias” de Platão, à “Substância” de seu aluno Aristóteles, ao Deus monoteísta de Santo Agostinho, São Thomaz e companhia, ao “Eu penso” de R. Descartes, às “Faculdades da razão” de Kant? Seria muito repetitivo? Esquecemos Hegel? Não, de forma alguma. Leiamos o que escreveu sobre o cinismo: “...não há nada particular a dizer sobre os cínicos, pois eles possuem pouca filosofia e não colocaram o que tinham num sistema científico” (GOULET-CAZÉ, M.-O.; BRACHT, R.B. 2007, p. 40). Ou seja, não deixaram as enormes laudas e nada de “cientificidade” no século V a.C., como queria Hegel do alto da superioridade que ele dava ao seu século. Que crime. Seria repetitivo apontar essa roupa de leão escondendo covardia que começou com éguas em Parmênides? Então, deixemos isso para depois.

Há algo em comum entre os pensadores nômades que já apontamos. Apesar de não seguirem cartilhas, compartilham, como uma simbiose, a coragem, a não subserviência ao poder.

No caso específico do nosso cão, o poder foi obrigado a se curvar diante de tanto brilhantismo. Diógenes, sem nada negociar, fez o poder se recolher a sua insignificância hereditariamente. Felipe, rei da Macedônia, e seu filho, Alexandre, o Grande, em momentos distintos, reconheceram em Diógenes qualidades e capacidades muito além das que eles e suas respectivas cortes propagandeavam de si próprios. Sem que o filósofo os tenha bajulado em momento algum – muito pelo contrário, a língua ferina do cão jamais os poupou de críticas – ainda assim, o que temos é o reconhecimento por parte desses dois estadistas em relação à grandeza de Diógenes.

Após uma batalha, Diógenes “foi detido e levado à presença de Felipe; perguntando-lhe este quem ele era, sua resposta foi: ‘Um observador de tua ambição insaciável’. Por essa resposta Diógenes conquistou a admiração do rei e foi posto em liberdade”. (LAËRTIOS, 1977, p. 163). Quem o libertou não foi a bajulação ou o oferecimento de dinheiro⁹⁸, Felipe viu o filósofo e sua coragem da verdade, viu na sua frente a parresia. O falar francamente, tão incomum ao mundo de Felipe, de

⁹⁸ Ver nota anterior.

alguma forma o libertou. O filho de Felipe, Alexandre, o Grande, teve a mesma atitude diante de Diógenes. Alexandre foi aluno de Aristóteles, o que só tornaria ainda mais difícil qualquer tipo de afinidade com o cão, no entanto ele, assim como seu pai, foi mordido pela filosofia do filósofo do tonel. “Se não tivesse nascido Alexandre gostaria de ter nascido Diógenes” (Ibidem, p. 160). Alexandre não enaltece o professor de seu mestre, Platão, nem seu mestre Aristóteles. Ele, se não tivesse nascido Alexandre, gostaria de ter nascido Diógenes e suas atitudes mostram isso, apesar de conhecedor dos aforismos de Diógenes sobre ele e todos os homens que cultuam e vivem para o Estado. “Certa vez Diógenes, presente à chegada de uma carta enviada por Alexandre a Antípatros em Atenas por intermédio de um certo Ártlios, disse: ‘Um infeliz descendente de um infeliz, por intermédio de um infeliz a um infeliz.’” (Ibidem, p. 163).

Uma nota de pé de página explica melhor e enaltece a hilária e precisa observação de Diógenes. “Athios, além de ser o nome do mensageiro, significa ‘infeliz’; daí a quádrupla repetição.” (Ibidem, p. 163). Apesar das incansáveis mordidas com que nosso cão ataca o poder, ainda assim, é enaltificado por ele. Que força tem um aforismo que, mesmo minando os poderes e as pessoas que os mantêm, ainda assim os força ao reconhecimento de seus limites? Que potência faz com que os atacados sejam obrigados a reconhecer o talento de quem os quer distante, a quem lhes mostra os dentes e outras coisas mais, a quem deles, nada quer e exige distância de tudo que referenciam? Diógenes, o cínico, é o primeiro a deixar claro a vulnerabilidade que habita o poder e a mostrar o quão podre estará não só o futuro, e não só o reino da Dinamarca.⁹⁹, mas sempre onde submetidos, submetam-se a ele. Essa clareza que não deixa dúvidas se pôs nua pela primeira vez e ejaculou seu sêmen com Diógenes. Foi ele o primeiro quem, sem meias-palavras, mostrou ao que veio a filosofia nômade.

Ao se deparar com ela, os poderosos de plantão na época foram obrigados a reconhecer que algo diferente, e não mais obediente e alimentado pelas tetas do Estado como a serviçal Filosofia, se oferecia ao mundo. Não só isso, nos seus primórdios, não tiveram outra opção senão reconhecer a grandeza e potência dela, mas não foi o que aconteceu depois. Todos os pensadores nômade posteriores

⁹⁹ SHAKESPEARE, W. Hamlet. Tradução de Millôr Fernandes. Rio de Janeiro: L&PM. “Há algo de podre no reino da Dinamarca.” Ato I, Cena IV.

sofreram na pele por não se curvarem ao poder. Os poderosos usaram de assassinatos, como o de Sócrates, perseguições, de perdas de direito até censura. Necessitou-se de somas incalculáveis de dinheiro para contratar fabricantes de intrigas com quem não se submete, moldando e propagando o mau gosto que triunfou a partir de então, enaltecendo quem os bajula com uma bateria de instrumentos para destruição dos que ousam não se submeter. Depois de Diógenes, o jogo anunciado com o sempre cordeiro direito, no maracutado¹⁰⁰ julgamento de Sócrates, irá se sofisticar gradativamente. Os reacionários se unirão ao direito e à sempre serva religião na submissão e no auxílio técnico e intelectual ao massacre a quem ou qualquer tentativa de contestação. Uma grande parte da ciência, uma arte, que só irá contar, cantar e dançar conforme a música das moedas de quem os compra para representar tão torpe papel. Tudo isso embrulhado e justificado pela Filosofia. Triste história. Voltemos a Diógenes.

São bastante semelhantes as atitudes de Pitágoras e Diógenes diante do poder. O primeiro não se furtou à intimidação do poderoso¹⁰¹ e se apresentou ao mundo como filósofo. Foi quando, pela primeira vez, se teria ouvido essa palavra. Ser filósofo é não vir ao mundo para assistir, vender ou se vender.

“Um filósofo” foi o que disse pressionado pela pergunta sobre o que seria ele... “Um filósofo”. Ele não comparecia aos jogos para “ser escravo da fama”, nem para “fazer negócios”, como todos. Isso com certeza foi o que incomodou o tirano Léon. Aparecia no mundo um novo personagem, um novo ator que não via somente os “grandes jogos” como todos, mas que ousava inclusive falar desses papéis e personagens, dos que organizam os jogos, dos que assistem aos jogos, dos que ganham com os jogos...

Alexandre, o Grande, foi sendo informado sobre Diógenes, um filósofo que andava pelas ruas de Atenas, de suas atitudes, seu modo de viver, de sua filosofia. Podemos imaginar o quanto de maledicência e deturpação chegava a Alexandre por seus informantes. Nenhum deles poderia ter a menor simpatia por alguém como esse que se apresentava como cão. Deve ter sido embaraçoso para eles reproduzir os incisivos e nada respeitosos comentários do filósofo sobre o governante. Mesmo assim, Alexandre foi pouco a pouco sendo levado a admirar o filósofo do tonel e

¹⁰⁰ Marinho Boffa. *Maracutado*. Santiago, Chile: Gravadora: Pez Records, 4:44.2018.

¹⁰¹ Ver: “1.1 Pitágoras: ‘Um filósofo’” dessa tese.

seus aforismos ao ponto que um dia quis oferecer algum tipo de conforto, de ajuda, de retribuição pelo que ouvira. Possivelmente tenha até lembrado de seu pai, Felipe, que não poupava vilipêndios para com seu mentor intelectual. Alexandre deveria ter presenciado como o seu pai retribuía, de bom grado, financeiramente o professor de seu filho, Aristóteles, pela educação filosófica que ministrava a ele. Agora senhor do mundo, o grande Alexandre, em reconhecimento a filosofia, sem a qual jamais seria o que foi, se achava no dever de fazer o mesmo com tão sábio homem, esse Diógenes. Deve ter mandado mensageiros para sondar o cão, mas sabemos como Diógenes gostava de fazer ou dar como resposta a essas tentativas de bajulação: sons emitidos não pela boca, cuspidas, defecações. Ainda assim, apesar das inúmeras tentativas de dissuasão por todos na sua corte, Alexandre foi um dia ao encontro de nosso cínico.

“Alexandre, o Grande, chegou, pôs-se à sua frente e falou: ‘Pede-me o que quiseres!’ Diógenes respondeu: ‘Deixa-me o meu sol!’” (LAËRTIOS, 1977, p. 162). A única coisa que Diógenes queria era que Alexandre saísse da frente do sol que ele estava “pegando” e que o rei atrapalhou com sua chegada. Não é preciso muita imaginação para ver em detalhe a cena: Alexandre, o Grande chegando com seu cortejo de serviçais, pois nunca se sabe o que pode fazer o cão. Diógenes poderia estar se masturbando publicamente como fazia sempre. O Grande teria que esperar que diminuísse o ímpeto do cão para só depois se dirigir a ele. Todo o cortejo e o próprio Alexandre esperando a ejaculação de Diógenes para, então, tentar o encontro. Diógenes agora tomava um banho de sol calmamente. Em compassados passos, Alexandre e os prováveis acompanhantes que o auxiliavam na tentativa de contato se põem diante do cão. Não percebem que seus corpos estão tapando o sol que Diógenes agora, após o gozo da masturbação, usufruía. Diógenes, certamente, não deu a menor atenção a toda aquela movimentação. A própria posição em que o sol o banhava impedia que visse alguma coisa, mesmo que quisesse. Então, em questão de segundos, duas coisas simultaneamente aconteceram: o sumiço do delicioso sol e a imprudência de alguém que se interpõe e tenta estabelecer um diálogo e o faz da pior forma possível. “Pede-me o que quiseres! ”. Como? De onde vem tal petulância, certamente pensou Diógenes. Quem é esse que ousa tapar o meu sol e ao mesmo tempo tentar me subornar com oferendas? É bem possível que Alexandre tenha repetido a oferta, vendo na indiferença do olhar de Diógenes, um possível não entendimento. Então, pela primeira vez, Diógenes deve ter olhado para

aquele intruso ostentoso e, sacudindo a mão que ainda trazia uma parte do esperma da recente masturbação, acertou ambos na cara de Alexandre: O restante do esperma e o “Deixa-me o meu sol! ”. Um “sai da frente, não quero nada de você”. Alexandre ainda tentou usar o argumento de autoridade aprendido com seu mestre Aristóteles, mas a situação só piorou para ele. ”Sou Alexandre, o Grande rei’: ‘E eu’ disse ele, ‘sou Diógenes, o cão” (ibidem, 1997, p. 167). Nem precisou latir, Alexandre percebeu que ali, com aquele filósofo, tudo o que acreditava ser suficiente para que no mínimo um diálogo fosse possível não funcionaria. Alexandre havia perdido sua primeira batalha. Suas armas, sua força, seu dinheiro, seu poder não fizeram a menor diferença e não intimidaram Diógenes que só exigiu: sai da frente do meu Sol. Não lhe reconheço como nada e nada quero de você e do que representa, só distância. O “Deixe-me o meu Sol! ” é um: Vá tratar de sua vida. Vá para onde se curvam diante de seu poder. Vá, vá para.... Aqui não! Aqui estou eu, Diógenes, o cínico, e de tipos como você quero distância.

Alexandre viu que seria mais prudente ir embora e deixar o filósofo e o Sol. O rei notou que qualquer outra atitude levaria a um confronto em que o filósofo seria vítima. Estávamos ainda em um tempo em que, por pequenino tempo, coisas assim podiam acontecer. Ali, Alexandre foi grande, talvez por ter estudado filosofia, talvez por ter visto entre ele e o sol um gigante: Diógenes. Por um tempo, tudo o que aprendeu com Aristóteles lhe pareceu pequeno, ou não teria dito o que disse: “Se não tivesse nascido Alexandre, gostaria de ter nascido Diógenes” (ibidem,1997, p. 160).

Como Pitágoras, Diógenes disse ao que veio. Em ambos, assim como em todos os filósofos nômades, há esse desprendimento diante do poder. Pitágoras desmontou o mundo do tirano no qual só se comportava pessoas que vendiam, que compravam e que assistiam o mundo, e apresentou o filósofo que via e denunciava os limites dessas redomas. Foi esse tipo novo, o filósofo, que tanto chamou atenção do poderoso a ponto de lhe interrogar para que identificasse o que seria essa novidade diferente de tudo o que vira. Diógenes, tempos depois, lançou a flecha mais à frente e atingiu o poder que se viu obrigado a reverenciar sua irreverência. Tanto Felipe quanto o filho Alexandre, atingidos pelos aforismos de Diógenes, ficaram sem ação e deram ao filósofo o que é seu por direito mesmo que ele não arredasse o pé de sua filosofia em momento algum, ou mudasse uma vírgula sequer. Pelo contrário, nunca poupou o poder e os poderosos. Petardos lançados

em diferentes momentos na Antiguidade, tanto por Pitágoras, quanto por Diógenes, mostram a insubmissão da filosofia, mostram que foi assim que esta veio ao mundo, o restante são as tais laudas e mais laudas a entupir os ares do mundo. Diógenes peida.

O Fragmento 52 de Heráclito “*Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado*” poderia ter sido escrito por Pitágoras, por Diógenes ou por qualquer pensador nômade. O tempo é mesmo uma criança brincando. Crianças sempre riem, sempre acham graça da falsa seriedade do mundo adulto e brincam com isso. Há, na imitação dos adultos pelas crianças, um prazeroso deboche que adultos até acham engraçado, mas não entendem, sérios demais para compreender o alcance daquele deboche que se repete em todos os tempos. E em todos os tempos lá estão as crianças rindo da ridícula seriedade dos adultos, mostrando que o rei está nu. Já os reis matam um filósofo aqui, outro acolá, prendem outros, calam alguns, compram vários, mas o jogo continua sempre destituindo reinados, inclusive dos sérios que riem um pouco, mas logo voltam a servir ao podre reinado. Mas as crianças... Nietzsche falou também delas. Serão nosso próximo capítulo.

4 ENTRE ATOS

Optamos por não abordar a filosofia na Idade Média, em parte por ter sido ela majoritariamente teológica e, a grosso modo, a cristianização do pensamento platônico e aristotélico, o que exigiria mais atenção e um espaço maior – mais laudas ainda, e é que estamos tentando poupar a fim de sairmos do Labirinto¹⁰². Talvez possa-se realizar um futuro estudo dedicado especificamente sobre a questão, tendo em vista que todo o teor religioso que pairou sobre o mundo durante estes dez séculos, também assistiu à resistência nômade. Não tenhamos dúvidas quanto a isso.

4.1 O que falou... Zaratustra?

Agora se enfurece cruelmente o meu martelo contra a sua prisão... Entre as condições para a tarefa dionisíaca, é decisiva a dureza do martelo, o prazer mesmo de destruir. O imperativo: “tornai-vos duros!”, a mais básica certeza de que todos os criadores são duros, é a verdadeira marca de uma natureza dionisíaca.

Nietzsche (1995a, p. 94).

Depois da explicação e opção por pular a Idade Média, justificamos a nossa escolha por Nietzsche nesse capítulo, e não Marx. Nietzsche, e não Hume ou Spinoza, para ficarmos em alguns exemplos de pensadores nômades, se deve apenas a uma característica comum que nos parece unir Nietzsche a Diógenes bem mais que os nômades citados e muitos outros da Antiguidade até ele. A parresia os une. Claro que essa é uma das características de todo pensador nômade, mas, ao que nos parece, e por isso a escolha, ambos são bastante peculiares na franqueza com que nominam e explicitam as tentativas de tergiversações que a Filosofia Dogmática impõe ao mundo e como esse jogo, do e para o Estado, impede o pensamento ao eleger o falso problema, como se problema fosse. Não é. É o que enfatizam de forma bastante peculiar Diógenes e Nietzsche, por isso nossa opção.

¹⁰² Ouroboros, Labirinto a devorar. Quem irá nos tirar desse imbróglio? Vamos seguindo o “Fio de Ariadne” que permitiu a saída do Labirinto e também nos guia nessa tese. Notas 1 e 9 .

Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém. Qual motivo teria Nietzsche para dar esse título ao seu livro? Por que um livro para todos e para ninguém? Seria porque todos deveriam ler, mas poucos conseguiriam? Estava falando do leitor comum, que coloca nas páginas dos livros as ideias que tem em sua cabeça? Aquele que, na verdade, lê sempre o mesmo livro? Ou o leitor moderno que, na sua pressa, parece não querer ler o que falou Zaratustra? O que seria necessário para ler Nietzsche? Ontem, hoje e sempre?

... faz-se necessário algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam ‘legíveis’ – para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e não um ‘homem moderno’: o ruminar... (NIETZSCHE, 1998b, p. 14).

Talvez a maior dificuldade esteja em conseguir entender que os homens modernos fabricaram, e fabricamos, algo que ainda acreditamos. Algo que começou já há muito tempo, como frisamos nos capítulos anteriores, mas só agora na modernidade ganhou maioria. Esse algo, esse enorme papai Noel, nos quer bem longe de Nietzsche. Mas o quê? O que, afinal, nos falou Zaratustra que insistimos em não entender?

“Quando Gregor Samsa despertou, certa manhã, de um sonho agitado, viu que se transformara, em sua cama, numa espécie monstruosa de inseto”. (KAFKA, 1985, p. 227). O sonho agitado da vida do caixeiro viajante era sua própria vida: “Deus do céu (...) que trabalho fui escolher. Viajar todo santo dia! (...) Não há nada mais degradante do que ter de se levantar sempre tão cedo” (Idem, 1985, p. 227). O personagem comenta que se acordasse mais tarde “seria despedido imediatamente. Quem sabe se isso, afinal de contas, não seria uma boa coisa!” (Ibidem, 1985, p. 6). O personagem de Kafka não suporta mais o trabalho, não suporta mais vender seu corpo em troca de moeda nessa escravização do mundo moderno, e vê ao seu redor pessoas que acordam tarde enquanto a maioria como ele tem que despertar bem cedo. E, nesse dia do sonho, é o que faz. Desperta do sonho agitado que a vida impõe a ele. Essa vida de trabalho, de caixeiro-viajante. Essa vida de vendedor, o que passamos a ser todos nós desde o florescimento da sociedade capitalista. O personagem faz, então, a sua metamorfose e se transforma “em uma espécie monstruosa de inseto”. Insetos não vendem seus corpos em troca de moeda. Essa metamorfose não será bem-vista nem pelo chefe de Gregor Samsa, nem por sua

família, pois ambos vivem às custas do seu trabalho. Para que uns poucos possam acordar tarde, para que uns poucos sejam patrões, será preciso destruir o “monstruoso inseto”.

Nas selvas, nossos ancestrais primatas continuam quadrúpedes e vagando em cima de árvores até hoje. É que alguns não fazem a metamorfose. Na verdade, não é coisa para todos. Precisamos mesmo ir e rir de nosso passado (passado?), fazendo visitas dominicais aos zoológicos do mundo todo, onde alguns desses nossos ancestrais são expostos, como se a dizer “Ecce Homo” (NIETZSCHE, 1995a). Eis... eis o homem. “Que é o macaco para o homem? Um motivo de riso ou dolorosa vergonha” (NIETZSCHE, 1998a, p. 29). Até que abandonássemos as árvores, que nos tornássemos bípedes, até que conseguíssemos plantar e caçar nossas próprias refeições, foram muitos milênios de vida nômade a vagar pela África. Até que nos tornássemos homens, o quanto tivemos que abandonar? Nosso riso aos domingos nos zoológicos, ao ver aquele ancestral que nos imita, parece agora mais explicável ou mais palatável? Vergonha. “Dolorosa vergonha” como disse Nietzsche? Um “já fomos isso” e agora rimos e vendemos tecidos como o caixeiro viajante de Kafka antes de se metamorfosear, assim como se vendia e se comprava no teatro quando Pitágoras apresentou ao mundo o filósofo? Macaco já fostes, por isso o riso, ou macaco és e por isso a vergonha? Vais acordar cedo como nossos ancestrais e pular de árvore em árvore, ou vais acordar cedo para trabalhar? De que espécie de macaco queres rir? Do seu passado ou do seu... presente? Da liberdade de pular de galho em galho ou da liberdade de acordar cedo para produzir? Macaco ou... macaco homem?

“Três metamorfoses, nomeio-vos, do espírito: como o espírito se torna camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança.” (NIETZSCHE, 1998a, p. 43). Não que esse trajeto tenha que acontecer, não que seja inexorável passar de camelo a leão e de leão a criança. Quantos ainda viajam para vender seus produtos e tem de “se levantar sempre tão cedo”? Quantos se tornaram e se tornam diariamente Gregor Samsa? Quantos se tornaram “insetos”? Bem poucos, mas alguns ousaram, fizeram suas metamorfoses. Mesmo que de camelo a leão. Mesmo que de seis a meia dúzia. Na verdade, essa primeira metamorfose não é grande coisa. Nas universidades muitos desses leões continuam a triunfar, e quantos ainda assistem de cima das árvores o mundo desses camelos e leões? Quantos ainda estão quadrúpedes como nossos ancestrais? Sim, Platão nos tirou (uns poucos) da

caverna. Nos ajudou no que seria a primeira metamorfose. De camelos a leões. Saímos de uma caverna para outra. Não o filme de sombras projetadas no fundo da caverna. Outro filme. Não para camelos, mas para dóceis leões que se pensam livres das amarras. Sim, saíram de uma caverna, mas entraram em outra.

“Não sou muito mais que um bicho, que ensinaram a dançar à força de pancadas e pouca comida” (NIETZSCHE, 1998a, p. 36). São as últimas palavras do moribundo que caiu aos pés de Zaratustra. Ele, enfim, pouco antes de morrer, descobriu a que tinha servido até então. Como o caixeiro viajante de Kafka “tinha” que acordar cedo, ambos descobriram algo. Ambos saíram de suas cavernas e fizeram a primeira metamorfose. Ambos se tornaram leões. São as palavras que também antecedem a metamorfose de Gregor Samsa, mas ambos morreram e descobriram, como todos os leões pensam, que a vida é o caminho para a morte. Essa descoberta mantém todas as religiões do mundo, a promessa de uma vida melhor ou da liberdade do peso da vida! A morte como objetivo da vida. E tome sujeições, páginas, livros, aulas, moedas, orações, para nutrir os novos camelos agora travestidos de leões. A segunda metamorfose, tornada meta, é a receita da obediência para os leões. Com essa nova caverna, a vida passa a ser um caminho para a morte e esta será o ganha pão de muitos. Seja a do patrão de Gregor Samsa, seja a da família sustentada pelo caixeiro viajante. O moribundo, o equilibrista que divertia o povo com seu espetáculo, também fazia parte dessa nova caverna para entreter os outros leões. Alguns vendem panos, outros entretêm os que vendem panos ou corpos, alguns são donos dos panos e se apoderam dos corpos. Não foi isso o que quis dizer Pitágoras ao se apresentar como filósofo? Não foi isso que também disse Diógenes?

De Platão aos dias de hoje, o máximo que fizemos foi nos tornarmos leões. Fazer da vida um novo filme, como nos domingos no zoológico rindo de nossos antepassados. Como aqueles que viam sombras como se fossem verdades? Como se fôssemos macacos. “Que é o macaco para o homem? Um motivo de riso ou dolorosa vergonha”. Enquanto camelos presos na caverna, carregávamos a certeza projetada na tela ao fundo, mas, enfim, saímos e encontramos, sem que soubéssemos, a outra caverna e é nela que ainda vivemos. Não foi mesmo a esmo

a frase de Alfred Whitehead sobre a obra de Platão e as notas de rodapé¹⁰³. E que nota de rodapé! Enorme e acrescida de todos os seus seguidores, leões admirados com a luz do sol, “libertos” da noite e das sombras da caverna e agora iluminados pela luz do sol, da razão. E foi o gigante Platão que nos tirou, e como fiéis iluminados retribuímos com as “preces” de rodapé. Sim, toda a tradição filosófica seria só isso. Uma ode ao São Platão: “O presente envenenado do platonismo foi ter introduzido a transcendência em filosofia, ter dado à transcendência um sentido filosófico plausível (triumfo do juízo de Deus).” (DELEUZE, 1997c, p. 155). Esse veneno continua a escorrer, contaminando os leões que acreditam ser remédio o que os levou para onde ainda estão. Enquanto camelos, carregamos “pesadíssimos fardos para o deserto” (NIETZSCHE, 1998a, p. 43), só trocamos a paisagem do fundo da caverna pela outra caverna. Séculos de enganos enaltecidos por bíblias de repetidores a construir a pirâmide moderna. Isso graças a Platão e seu presente envenenado que solvemos ainda, pois o máximo que conseguimos e ainda louvamos é a segunda metamorfose. A ela os milhares de pés de página que os camelos carregam diariamente. Nós, achando que esses homens modernos, esses leões são a meta e que isso é o máximo. Pobre novo macaco a carregar suas certezas em laudas e mais laudas Hollywoodianas. O leão rugiu!

A única coisa que fizemos foi essa segunda metamorfose e é com ela que nos demos uma aura de seres superiores. Somos leões a rir dos camelos, como homens dos macacos. O mundo, a partir de então, passou a ter em nós seu norte. Passamos a ser os legisladores que não mais carregavam e enxergavam sombras como os camelos. Passamos a fabricá-las, consumi-las e cada vez mais depender delas. Nascia o modo de produção capitalista. De caçadores e coletores para produtores, de meros expectadores a atores fantoches. A maioria da razão e seu irmão siamês: o conhecimento através de filtros, de véus. Mas o novo filme não é bom e, como atores, somos meros figurantes que não conseguem deixar de olhar para a câmera, mas não vemos esquisitices e falta de talento. Cultuamos o filme como um todo, escrevemos com nossas vidas capítulos e mais capítulos. Cheios de nós! Admiramos nossa força de leões, “(...) e, tal como o camelo, que marcha carregado para o deserto, marcha ele para seu próprio deserto.” (NIETZSCHE, 1998a, p. 43). O homem do conhecimento, o leão legislador, é agora dono do

¹⁰³ Ver nota 78.

mundo. Platão diz em seu diálogo, *Fedro*, (PLATÃO, 2011, p. 274e) que a linguagem seria um *phármakon*, o que definiria qualquer substância capaz de atuar no organismo animal, seja em sentido benéfico ou maléfico, por isso designava tanto remédio como veneno (CHANTRAINE, 1984)¹⁰⁴. Remédio, veneno e cosmético. Os dois últimos sentidos fazem bastante jus ao zoológico dos leões. Com as palavras nominamos e rotulamos tudo. Nós, os homens do conhecimento, afinal, conhecemos. E quem conhece diz a “verdade”. Foi assim que o milagre da multiplicação de Platões se deu. Como o mestre, nos tiram o tempo todo da caverna e, gratos, passamos a féis carregadores das novas “verdades”. Eis-nos leões... Eis o novo deserto como morada, produzindo desejos de consumo e submissão a estes. Eis o ouroboros, serpentes e novas peles. Eis o novo Labirinto.

O que enaltece na modernidade é somente essa troca de figurinos, uma pequena mudança para manter o mesmo. O veneno e os cosméticos ajudaram a perpetuar esse pequeno truque. Continuamos a ser o que sempre fomos: carregadores de verdades gregárias desde Parmênides. Sim, carregadores que se sofisticaram um pouco para continuarem a ser a mesma coisa com outra roupagem. Não muito mais “que um bicho, que ensinaram a dançar à força de pancadas e pouca comida”. Um “caixeiro viajante”. O homem é só isso ou fomos transformados nisso? “Todos os homens se dividem, em todos os tempos e também hoje, em escravos e livres; pois aquele que não tem dois terços do dia para si é escravo, não importa o que seja” (NIETZSCHE, 2000, p. 191). A grande maioria dos Filósofos que antecederam Nietzsche, e posteriores também, o que fizeram foi criar véus. Véus, filmes, cavernas e pseudometamorfoses. Nietzsche tem um remédio. Um *phármakon* não paliativo. “Três metamorfoses, nomeio-vos, do espírito: como o espírito se torna camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança” (NIETZSCHE, 1998, p. 43). Contudo, já alertamos que dessas metamorfoses podem advir a barbárie dominando com seus venenos e cosméticos. Com ombros largos, com deuses, com o Deus monoteísta, com o deus capital e inúmeros discípulos e criadores de camelos e leões, será preciso filosofar com o martelo (NIETZSCHE, 2006), a filosofia do artista, do “além do homem”¹⁰⁵, que vem rasgar os véus fabricados que legitimaram e

¹⁰⁴ CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Histoire des mots. Paris, Ed. Klincksieck, 1984.

¹⁰⁵ O substantivo *Übermensch* é introduzido em *Assim falou Zaratustra*; convém, em primeiro lugar, prestar atenção à formação linguística desse termo: o prefixo *über* (“sobre”) sempre indica em

mantiveram o que foi artificialmente criado para submeter uma maioria ao capricho de uma minoria. Que não se fabrique uma falsa docilidade e servidão às custas de cartilhas de doutrinação com suas ‘interpretações’ do mundo e seus respectivos e escusos interesses. Deseja-se uma filosofia que mude o mundo, pois foi assim que ela nasceu. Pitágoras não foi ao teatro do mundo para assistir, nem ele, nem nenhum pensador nômade.

Ecce Homo. Eis o homem, ou o que fizeram dele. De vez em quando, um pouco de comida pode produzir nele uma vontade qualquer de qualquer coisa e lá estará, cordeiro, dependente e servil. Ora adorando, ora cumprindo “suas obrigações”, ora pensando que isso é viver.

O que, senão algo forte como um martelo, para rachar essas “certezas” de milênios? Algo diferente de tudo o que triunfou até então. “Eu não sou um homem, sou dinamite.” (NIETZSCHE, 1995a, p. 109). Sim, é preciso partir essas “verdades” em pedaços. “Agora se enfurece cruelmente o meu martelo contra a sua prisão. Da pedra saltam pedaços – que me importa” (Ibidem, 1995a, p. 94). Nada importa senão perceber onde nos encontramos, em que mundo absurdamente artificial vegetamos. O que importa para Nietzsche e todos os nômades é tentar roubar ovelhas do rebanho dos senhores, mas sem se tornar um novo pastor. Antes, tornar-se um ladrão de ovelhas. “Atrair muitos para fora do rebanho – foi para isso que vim (...) ladrão quer chamar-se Zaratustra para os pastores” (NIETZSCHE, 1998^a, p. 39). Mas nenhum outro rebanho e nenhum outro pastor. Essa é a grande nova de Nietzsche. Insuportável para todos os fabricantes de cavernas e seus cativos animais que de nada desconfiam. Sim, não é mesmo um homem, esse Nietzsche... É uma dinamite! Mas como explodi-la, como rachar os preconceitos e todo jargão dos senhores? Seria com a mesma escrita, com os mesmos livros que dizem sempre a mesma coisa de forma ora igual, ora só um pouquinho diferente? Ou com nem tão novos “Conceitos” que mudam só para manter e justificar o mesmo? Seria com as mesmas armas de açoite? Nos enormes pés de páginas que nos falou Alfred Whitehead? Criando um animal como foram e são os camelos e leões? Escrevendo tratados, acordos, leis? Criando uma religião travestida de filosofia? Não, ladrão de

Nietzsche uma elevação de grau, portanto, de valor no sentido de uma hierarquia – no caso, a da tipologia humana, das diferentes formas que pode adotar o sistema pulsional do homem. O *Übermensch*, que seria enganoso traduzir por “super-homem”, faz pensar, portanto, num tipo superior de homem. (WOTLING, 2011, p. 12).

ovelhas, que elas deixem de ser ovelhas e não sigam ninguém! Dificil filosofia essa que Nietzsche nos aponta. Nela não cabe um “ombro largo” a nos agasalhar, nem uma servil obediência para substituir a anterior. Não saímos de um emprego para outro e mantemos a utilidade, como as peças de uma engrenagem? Não, não serviremos mais a nenhum senhor. O martelo faz o mundo em pedacinhos. Ou o que se pensava ser o mundo. Ou o que se pensava da vida! São assustadoras as palavras que anunciam essa possibilidade de uma vida não servil:

Conheço minha sina. Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo – de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciências, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido. (NIETZSCHE, 1995, p.109).

Que não tarde. Que a barbárie não continue a triunfar! Que não tentem, como muitos tentaram, e tentam domesticar Nietzsche. Ele também previu isso e alertou: “Não quero “crentes”. Tenho um medo pavoroso de que um dia me declarem santo (...) minha sina quer que eu seja o primeiro homem *decente*, que eu me veja em oposição à mendacidade de milênios” (Idem, 1995a, p. 109).

Como essa dinamite ainda não explodiu? Talvez por causa desses muitos “santos” e “deuses”, dos muitos Filósofos copistas e seus serviçais Conceitos interpretativos, das muitas notas de rodapé, do muito “capital” que, apesar de serem franca minoria, ainda conseguem fazer com que acordemos cedo, que vendamos nossos corpos e mentes. Aprisionados em suas cavernas, cordeiros de todos esses pastores. Pastamos.

Não será jogando o mesmo jogo, escrevendo e contraditando, fazendo-lhes oposição. Isso eles sempre fizeram, é o jogo deles. Trocam de roupa tão rápido –ouroboros – como de religião, de empresa, de ramo e de rumo. Mitos, muitos deuses, monoteísmo. Escravidão, servidão, trabalho assalariado. Tudo, desde que nada mude. “Vão-se os dedos, ficam os anéis”. O que for necessário para que tudo continue como sempre quiseram, ou sem que suspeitemos que eles assim impuseram. Um esforço para manter as mesmas doze horas de trabalho, mesmo não sendo mais possível que sejam só oito (só?). Uma questão de números e os anéis continuam. Luta regrada, parlamentar. Jogo com as regras e juizes no espaço privado deles. Camelo? Não? Então agora o leão! Mas e criança, pode? Criança, não! Criança ainda não aprendeu tudo, ainda não sofreu as catequeses das escolas

de adestramento. Criança, definitivamente, não. “Inocência é a criança e esquecimento: um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer ‘sim’” (NIETZSCHE, 1998a, p. 44). Dizer sim não é debater e vencer os camelos, leões e seus fabricantes. Um novo começo é se saber não mais ovelha e não ter mais nenhum pastor.

Sim, ainda temos camelos e leões. Ainda muitos assistem as sombras projetadas no fundo da caverna e outros estão na nova caverna. Não se trata de convencê-los a sair. Não somos pastores. Dizer sim é criar. Criar é explodir com dinamites e martelos o que é velho, o que incrivelmente se sustenta apesar dos explosivos aforismos de Heráclito, Diógenes e Nietzsche. Aforismos que rasgam os sentidos viciados da Filosofia da anuência, da Filosofia interpretativa que corre a cada mudança a tentar explicar o mundo. Se fosse ainda possível, os antigos escravos não teriam se metamorfoseado nos novos escravos, agora assalariados. Se fosse possível ainda seriam 12 horas de trabalho. As reprodutoras mulheres assim também teriam permanecido no seu “papel”, mas novos martelos e dinamites foram trazidos por alguns poucos “ladrões de ovelhas”. Esses são os Aforismos, não as interpretações. Interpretações dizem o que é o mundo. Aforismos tiram a própria Terra do eixo. “Dê-me um ponto de apoio e moverei a Terra” (DIJKSTERHUIS, 1987, p. 15). Os primeiros filósofos gregos ousaram algo maior que a explicação mítica. Eles criaram a filosofia e seus martelos/dinamites: os conceitos. Os sofistas usaram o veneno das palavras, os filósofos os venceram com conceitos. Claro, muita coisa mudou, muitos Filósofos se tornaram e ainda são legitimadores e funcionários dos Estados – da *Pólis* Grega aos Estados modernos. Os filósofos sempre tiveram um pouco de revolucionários em suas épocas. Mas poucos — os pensadores nômades — foram além. Ao dizer que o homem não é meta de nada, que é só uma invenção de pastores de todos os tempos, e ao fazer da criança que desconhece os vícios da civilização personagem de sua filosofia, Nietzsche aponta para algo além de animais domesticados.

Percorrestes o caminho que vai do verme ao homem, mas ainda tendes muito do verme. Fostes macaco, um tempo, e, também agora, o homem é ainda mais macaco do que qualquer macaco... O Homem é uma corda estendida entre o animal e o além – do-homem – uma corda sobre o abismo... O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta. (NIETZSCHE, 1998a, p. 30-31).

O “além-do-homem” é o não obediente, o não macaco imitador, aquele que alguns querem manter e lembrar o tempo todo ter sido verme e macaco e, por isso, deve-se obstinar a ser agora somente o que é: “Ecce Homo”, o serviçal a pastorear nas cavernas dos senhores. Esse homem o tempo todo castigado por esses poucos, ele nada pode querer além de ser homem – seja camelo ou leão. Por isso, e para isso, as tais interpretações para justificar a submissão. No lugar de Conceitos conformistas, aforismos. No lugar de animais, crianças. No lugar de uma escrita metódica que corre o tempo todo para tentar manter tudo como sempre esteve, aforismos explosivos. Foi assim com Heráclito. Ele jamais diria que “o ser é”, como disse Parmênides. Para Heráclito, tudo flui. “Proletários do mundo. Uni-vos” (MARX, 1987, p. 109). Eis outro aforista a procurar um ponto de apoio como Arquimedes. Um aforismo cria personagens, novos possíveis, novos mundos e conta única e exclusivamente com sua potência explosiva. Sua força de martelo destruiu o que já passou e tenta se manter a qualquer custo. De alavancas a revoluções, de animais a crianças. De crianças ao “além-do-homem”.

Vós, senhores de vós mesmos! Vós, homens soberanos! Todos aqueles cuja natureza é apenas a possessão, esses numerosos que não podem ser contados, eles só trabalham para vós, embora possa parecer de outro modo, sob um olhar superficial! Esses príncipes, esses comerciantes, esses agricultores, esses militares, que talvez acreditem estar muito acima de vós – todos são apenas escravos que, segundo uma eterna necessidade, não trabalham por conta própria! Nunca houve escravos sem senhores... Deixai, então, que continuem com suas maneiras de ver a suas ilusões, através das quais justificam e dissimulam para si mesmos seu trabalho servil. Não lutai contra opiniões que constituem uma remissão para escravos. (COLLI; MONTINARI, 1980, p. 664-665).

Não será discutindo no território dos escravizados que algo mudará. Nesse campo, escravizados e intérpretes há milênios atuam e acobertam suas credices de forma mais ou menos semelhante, tirando aqui um dedo, acolá outro, mas sempre mantendo os anéis. Não é perdendo tempo combatendo opiniões que se cria algo. Martelo, crianças, aforismos... Dinamites. Talvez também um pouco mais de tempo. Foram milênios para sair de uma caverna e entrar na outra. Milênios de catequeses e pastores. O chicote parece fazer falta para muitos, parece até fazer parte da vida. Mas quem sabe deixemos de ser animais, passemos a ser criança e depois, um dia, o “além-do-homem”.

Na história da filosofia, muitos Filósofos se acomodaram interpretando o mundo. Entretanto, alguns continuaram a seguir a filosofia como ela nasceu. Esses transformaram e transformam o mundo.

Os milênios que nos tornaram seres gregários. Os milênios e os vários pastores que seguimos, e ainda estamos seguindo, criaram uma carapaça dura. Os chicotes bateram e batem no mesmo lugar. Já não sentimos quase nada e caminhamos em fila para o abate. Não há dor, nem sofrimento algum. Fomos narcotizados pelo tempo e seus verdugos. Se a barbárie perdurar, que na lápide desse “animal inteligente” conste:

Em algum ponto perdido deste universo, que se derrama em um sem número de sistemas solares, houve, uma vez, um astro sobre o qual animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o instante de maior mentira e arrogância da história universal... quando esse instante tiver passado, nada terá acontecido. (NIETZSCHE apud FOUCAULT, 1999b, p. 13).

Os que ousaram e ousam não denunciam, não interpretam, mudam. Se esses filósofos com seus aforismos desviarem das armadilhas os inúmeros rebanhos, algo novo, paisagens novas, forjarão algo bem menos simplório do que esse macaco inteligente que nos tornaram e nos tornamos. Ruirá essa artificial reciprocidade que senhores e escravizados compartilhavam até então. Será então o “grande meio-dia”:

E o grande meio-dia será quando o homem se achar na metade de sua trajetória entre o animal e o além-do-homem e festejará seu caminho para a noite como a sua mais alta esperança: porque será o caminho de uma nova manhã. (NIETZSCHE, 1998a, p. 92).

Nesse novo começo, nenhuma sombra, nenhuma caverna. Nem camelos, nem leões.

Mas o jogo não acabou, a tarefa “dionisíaca” continua: “Tempo é criança jogando e brincando. Reinado de criança” (HERÁCLITO, Fragmento 52 DK). Tens coragem ou queres as mesmas respostas para perguntas que nunca fizestes? Tens coragem ou queres o pasto? “Amo os valentes; mas não basta ser espadachim – deve-se saber, também, contra quem sacar da espada” (NIETZSCHE, 1998a, p. 215). Que não a saque em vão, até porque não se mata ou se luta contra mortos.

Assim falou Pitágoras, assim falou Heráclito, assim falou Diógenes, assim falou Zaratustra. Assim sempre falou a filosofia. Assim falam todos os nômades.

Estado, chamo eu, o lugar onde todos, bons ou malvados, são bebedores de veneno; Estado, o lugar onde todos, bons ou malvados, se perdem a si mesmos; Estado. O lugar onde o lento suicídio de todos chama-se – “vida”! (NIETZSCHE, 1998a. p. 66)

Por que Heráclito preferiu ser devorado por seus cães¹⁰⁶ a ser tratado pelos médicos da cidade? De onde Diógenes tirou coragem para exigir que Alexandre, o Grande, saísse da frente do sol? Como alguém penhora seu único paletó para poder escrever *O capital*¹⁰⁷? O que faz com que um filósofo como Nietzsche salte de pensão em pensão? Como se deixam queimar ou ateiarem fogo? Como matam e morrem lutando? Por que não o cômodo cansaço do Estado, da cidade, de Deus, das regras? Não há onde ancorar porque o pensamento, quando chega, já está partindo. Este seria o aforismo nômade.

Uma das maiores questões do ponto de vista da história universal será: como o Estado vai apropriar-se da máquina de guerra, isto é, construir uma para si, conforme sua medida, sua dominação e seus fins? E com quais riscos? (chama-se instituição militar, ou exército, não em absoluto a máquina de guerra ela mesma, mas essa forma sob a qual ela é apropriada pelo Estado) (DELEUZE, 1997c, p. 103).

Como domesticar um guerreiro e transformar sua força na força do Estado? Parece que o homem de Neandertal sucumbiu por não conseguir criar, mas só copiar. O Estado é um copiador, copiou a máquina de guerra e transformou-a em instituição militar, em exércitos que defendem o *dentro*. Mas fora, ou estratégica e temporariamente *dentro*, estão os nômades, criadores da máquina de guerra, não copiadores. “A máquina de guerra é exterior ao aparelho de Estado” (DELEUZE, 1997c, p. 11) é o primeiro axioma com que Gilles Deleuze abre o tratado de nomadologia. É que a nomadologia não trata de dentro nenhum, ela mostra os encontros e agenciamentos¹⁰⁸ que tornaram possível o “dentro” dos dentro. O nômade Spinoza nos socorre:

¹⁰⁶ LAËRTIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: UNB, 1977. p. 252.

¹⁰⁷ STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória e dor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. “Em 1850, Jenny Marx penhorou objetos de prata em Frankfurt e vendeu móveis em Colônia. Em 1852, Marx penhorou seu casaco de inverno para comprar papel para poder continuar a escrever.”

¹⁰⁸ “Os agenciamentos são passionais, são composições de desejo. O desejo nada tem a ver com uma determinação natural ou espontânea, só há desejo agenciando, agenciado, maquinado. A racionalidade, o rendimento de um agenciamento, não existe sem as paixões que ele coloca em jogo,

A maior parte daqueles que escreveram sobre as afecções e a maneira de viver dos homens parecem ter tratado não de coisas naturais que seguem as leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora da natureza. Mais ainda, parecem conceber o homem na natureza como um império num império. (SPINOZA, 1996, p. 275).

Não se trata de nenhum dentro antropomórfico, o pensamento não titubeia. Para Foucault, não há dentro nenhum, o pensamento está sempre fora¹⁰⁹, e é isso que nos aponta a nomadologia. A possibilidade de, inclusive, ver a genealogia do dentro e não ficar preso em suas teias como o pensamento clássico. Não fazer de nenhum dentro, de nenhum centro, ponto de nada. Busca-se entender que o próprio dentro vem de fora, que as invenções que nos deram certezas, verdades, crenças são filhas do fora, do mar, não da terra; que o que sustenta o aparato institucional do pensamento, ancora-se em frágeis máximas; que os próprios pontos em que se sustentam não se sustentam; que o ser, a que tanto proclamam achar em variados modos, não tem ser nenhum. Não há nada por traz a sustentar nada. O que os Filósofos encontram para apoiar suas “fantasias” de conhecimento são ilusões de um pensamento frágil, sustentado em frágeis vontades montadas para apoiar suas nostalgias de um mundo que mora em *dentros*. Os aparelhos de captura são agenciamentos fracos que se camuflam como se fossem fortes. São adaptativos, não criadores. Apropriam-se da máquina de guerra para enfraquecê-la. Uma instituição militar é uma cópia enfraquecida da máquina de guerra. Talvez esteja aí o segredo da guerrilha e dos guerrilheiros sempre imbatíveis, pois não são copiadores de nada, mas criadores de novos possíveis. Uma máquina de guerra é sempre criadora. O potente cria, o impotente copia.

Todos esses aparelhos de captura foram ou serão derrotados pela máquina de guerra nômade, é o que ensina a limitada história, sendo ela mesma uma invenção¹¹⁰. A máquina nômade é mais que o “humano, demasiadamente humano”, ela é o pensamento que pensou, inclusive, o humano: “Quando souberdes que não

os desejos que o constituem sem paixões que ele coloca em jogo, os desejos que o constituem, tanto quanto ele os constitui.” (DELEUZE, G. *Mil Platôs*. Vol 5. São Paulo: Ed. 34, 1997b. p. 78).

¹⁰⁹ FOUCAULT, M. *La pensée du dehors*. Paris: Éditions Fata Morgana, 1986.

¹¹⁰ cf. NIETZSCHE, F. “II Da utilidade e desvantagem da história para a vida” in *Considerações Extemporâneas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Coleção Os Pensadores).

há fins, sabereis, igualmente, que não há acaso: porque é unicamente sob o olhar de um mundo de fins que a palavra 'acaso' toma um sentido.”¹¹¹.

O acaso é uma invenção do modelo dogmático de pensamento que pensa fins, finalidades. O pensamento nômade não passa por esse terreno minado de causas e efeitos a nos fazer reféns de regras inventadas para dar “*soluções*” a “*falsos problemas*”. Nem procura nos colocar dentro de algum centro que tudo irradia para que nossa antropomórfica vontade de conhecer possa exercer sua despótica presunção nos seus dentros, seus centros, pois nada mais são que aparelhos¹¹² a nos preparar para morar junto do seu serviçal Ser, que nos quer dentro e nos interioriza, apontando o confortável fim. Um nômade desconhece começos e fins, está sempre nos movimentos, nos inocentes movimentos sem causa, sem finalidade, movimentos que, inclusive um dia, nos tornou possíveis: “O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta.” (NIETZSCHE, 1998, p. 31). A ponte de Nietzsche talvez seja a imagem mais reveladora do pensamento nômade, é a flecha da filosofia jogada cada vez mais longe. É Heráclito: “tempo é criança brincando, jogando; de criança a reinado”¹¹³. O pensamento nômade não se sujeitaria a caber dentro de nenhuma frase, de nenhum livro, menos ainda, de uma tese. As águas vão rolar e levarão para o mar, para os rios também, essa tese biodegradável¹¹⁴, sem nenhuma solidez. Já passou da hora da terceira metamorfose, que venha a estrela criança. “Tempo demais permaneceu na sombra, o penitente do espírito, e suas faces tornaram-se pálidas; quase morreu de fome nessa espera (...) Venceu monstros, resolveu enigmas; mas deveria, ainda, transformá-los em crianças celestes”. (NIETZSCHE, 1998a, p.130).

Foi a esse tipo de estrela que nos referimos quando encerramos o Capítulo 2. Sim, talvez tudo que está em nós tenha vindo de uma estrela, como disse Carl

¹¹¹ NIETZSCHE, F. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 199 (Coleção Os Pensadores).

¹¹² Aparelhos são como armadilhas para capturar. Qual aparelho usarei para capturar aquele animal? Como domesticar, como adestrar para meu uso? Que aparelho usarei para esse fim? Existe uma racionalidade no aparelho de captura, que tem como objetivo tirar a potência. A máquina de guerra é potência pura. Criação para fugir das capturas. Para sair do dentro, do mundinho de caixeiro-viajante em que Gregor Samsa se transformou em um inseto. A máquina de guerra de F. Kafka, *A metamorfose*, o devir animal criando possíveis. Não mais o submisso Gregor Samsa, mas seu novo possível. Abram a porta do meu quarto, tenham coragem! Sou um inseto e não trabalharei mais. É o que nos diz um “repugnante” inseto a nos repugnar.

¹¹³ HERÁCLITO. Fragmento 52. In: SOUZA, José Cavalcante de. *Pré-Socráticos*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

¹¹⁴ Ver nossa nota 6.

Sagan. Mas que estrela? Qual espécie de estrela? Agora apontamos: estrela criança. Novos possíveis além, muito além, do labirinto, da grande caverna narcísica fundada por Parmênides e continuada por seus seguidores; do Ouroboros trocando de pele e das novas serpentes que ergueram e justificaram o que inventaram como verdade.

Eis a História da Filosofia resumida em poucas linhas. Entretanto, a filosofia tem outra história jamais sedentária, nômade. Infelizmente, o alto custo do papel biodegradável nos obrigou a derrubar mais algumas árvores e cometer mais laudas dentro das normas da sacrossanta Academia. Apesar disso, voltaremos ao mar.¹¹⁵

“Os filhos da sua cabeça cresceram-lhes acima da cabeça. Curvaram-se eles, que são os criadores diante das suas criaturas. Libertemo-los das essências imaginadas sob cujo jugo se atrofiam. Rebelem-nos contra o domínio das ideias. Ensinemo-los a trocar estas fantasias por ideias que correspondem à essência do homem, diz um; a terem uma atitude crítica face a elas, diz outro; A expulsá-las da cabeça, diz o terceiro; - E a realidade vigente ruirá.”¹¹⁶

Com esse brilhante aforismo da estrela Marx, encerramos nossa tese.

“Homem livre, tu sempre gostarás do mar”. (BAUDELAIRE, 1985, p. 75).

¹¹⁵ O tempo de decomposição do papel, conforme já comentamos, é de 3 a 6 meses. De qualquer forma, lamentamos e muito pelas árvores. <fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/reciclagem.htm>. Acesso em 06 de novembro 2021.

¹¹⁶ MARX, K. *A ideologia alemã - prefácio*. São Paulo: Editora Moraes, 1984a. p. 7.

CONCLUSÃO

Figura 2 - Ouroboros Filosófico



Fonte: PIMENTA, S.E., 2022.

Após os assassinatos de laudas e árvores, eis-nos aqui, de certa forma cúmplices, mas muito pouco, ou talvez, nem um pouco, cúmplices. Achamo-nos inocentes, como a criança de Heráclito e Nietzsche, e pegamos carona na lanterna de Diógenes procurando um além do homem. Jogando *O capital* de Marx na putrefata sociedade construída por “esses que vão por ali”, tijolo a tijolo, com sangue, muito sangue, não com tinta vermelha, eis-nos, jogando e agora, esperam de nós, uma conclusão. É o que exigem os guias que nos colocaram no gigante labirinto em vinte e oito séculos em que tentaram, em vão, nos apartar, nos excluir, nos furtar e nos impingir “os frutos de suas cabeças”, como se fosse filosofia. Esperam de nós uma conclusão. Conclusão? Concluir? Não soa hilário isso depois das páginas que cometemos? Se uma boa gargalhada não tomou nosso espírito, essas laudas foram em vão e somos realmente cúmplices.

A título de lembrança é sempre bom não concluir, mas lembrar de algumas coisas, só algumas, assim, a esmo, que destacamos nas laudas assassinas que cometemos. Vale lembrarmos que não foi nem um pouco inocente a acunha dada a Heráclito de “o obscuro”. Foi um: afaste-se desse incompreensível, desse que não vai por onde os sempre derrotados majoritários apontam. Foi uma acusação como antes a interpelação do tirano a Pitágoras e depois tantas outras vezes mais, ora mal disfarçadas em deturpações, ora simplesmente censuradas, ou usando os milhares de recursos que a venda e a submissão a que esses majoritários se submeteram os propiciou. E tome fakes que criaram disfarçados em Conceitos. E tome contar vitórias onde foram fragorosamente derrotados, e estão lá, na lona nocauteados. Só eles e seguidores não veem isso. Enxergar nunca foi o forte dessa Filosofia. Gostam de mundos imaginados por ela, onde se refugiam covardemente (Ideias, Substâncias, Deus, Eu, Faculdades, Absolutos). É de cima dessas ancoragens que tentam protelar, constantemente, o que já está derrotado. Todavia, querendo ou não, terão de conviver com negros livres, com trabalhadores, trabalhando – por enquanto – oito horas e não doze. A história é a história dos que perderam os anéis para os que apontaram o dedo médio para eles. A filosofia faz a história e veio ao mundo com esse dedo médio ereto apontado para o tiranos e para todos esses outros que só veem o que suas cabeças fabricam por encomenda dos que servem.

Sim, alguns desses majoritários se sujeitam, sem o saberem, sem terem a dimensão do que estão reproduzindo, mas outros nem tanto. Ainda há tantos outros, muitos, que simples e descaradamente se lambuzaram do que expeliam pelo ânus, sentindo prazer nessa servidão. A esses dedicaremos um poema, começamos o assassinato de árvores – essa tese – com um poema e vamos terminar com outro, e, para quem a carapuça couber, que entre pela cabeça e vá até a pontinha do pé.

Os majoritários não pouparão suas artilharias de artimanhas para tentar barrar todos que ousarem cometer a suprema heresia de não os seguir, não ir por onde servem. O que tentam é protelar, o que fazem e sempre fizeram, são pequenas marolas, que sempre foram insuficientes. Títulos ali, bonificações acolá, aplauso dos iguais. Não enxergam a ruína do que defendem e se agarram com unhas e dentes ao que já chegou aos vossos pescoços. Ouve-se o coral desafinado no qual rezam: – Não, não faz marola! Não...não faz marola. Mergulhados até o pescoço na merda, é só uma questão de tempo até afundarem. E pensar que o

primeiro a fazê-los engolir o que produzem se apresentou ao mundo como um filósofo. Pitágoras não poderia ter imaginado o que viria depois, mas sentiu o cheiro quando o tirano se aproximou dele.

Falamos sobre jogos e jogadores e fizemos distinções. Joga-se ou se é jogado na História da Filosofia Majoritária?

Existem jogos. Deleuze faz a diferença entre dois deles: ¹¹⁷ o Xadrez e o go. O jogo de xadrez, com seus reis, rainhas, torres, bispos, cavalos e peões, é um jogo que exige “inteligência” dos jogadores. Esse algo prático, a inteligência, que inclusive nos auxilia na “árdua” tarefa de trocar lâmpadas, de atravessar ruas, seguir a carruagem Parmênídica, as Ideias de Platão, entre outras possibilidades. Um jogo no mínimo curioso, poucos reis, poucos bispos, mas muitos peões, cujo vencedor será o jogador que conseguir mobilizar suas peças para neutralizar o rei “inimigo”. Quem conquistar o reino do rei inimigo será o vencedor. O “jogador” se pensa soberano ao manipular “seus” peões, “sua” rainha, “seu” rei etc. Além disso, essas peças só andam com a “inteligência” do jogador que os maneja, mas, atenção! As peças não andam à revelia do jogador, existem regras predeterminadas. Um peão só pode andar uma casa e sempre para frente: – Não olhe para trás, nem para os lados – Andem peões! – parecem todos dizer. O cavalo só anda em L, a torre, só em linha reta, cada um tem seus passos, suas direções e sua força controlados. É dentro dessa “liberdade de movimentos” que se joga, com regras preestabelecidas. “O xadrez é efetivamente uma guerra, porém uma guerra institucionalizada, regrada, codificada” (DELEUZE, 1994. p. 14). Como uma certa Filosofia?

Mas existe um outro jogo, o go, talvez um jogo “menor”, nomádico, um jogo de peões que podem ser tudo – homem, mulher, animal –, que desempenham funções em relação às situações. “Um peão do go pode aniquilar sincronicamente toda uma constelação (...) o movimento já não vai de um ponto a outro, mas torna-se perpétuo, sem alvo, nem destino, sem partida, nem chegada” (Ibidem, 1994, p. 14).

Um jogo nômade. Não mais reis, mas peões que podem ser tudo. O xadrez é um jogo do Estado e suas representações, o go é um jogo sem Estado. No xadrez, trava-se uma guerra institucionalizada, uma guerra regrada que, no máximo, substitui um Estado por outro, um rei por outro. Labirinto? Ouroboros? O go seria

¹¹⁷ DELEUZE, G. *Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia*. Vol.5. São Paulo: Ed. 34, 1994.

uma guerrilha, uma estratégia contra o Estado. Seria a filosofia como nasceu: nômade.

Existem, além de jogos, artes, filmes, que, como poemas, podem mudar o mundo.¹¹⁸ No filme *A lenda do pianista do mar*¹¹⁹, o personagem principal, o nômade, Milenovecentos, nasceu a bordo do navio transatlântico *Virginian* e nunca pôs os pés em terra firme. De seu nascimento até sua morte, viveu no mar, e recusou-se a vir à terra. Nietzsche, que faleceu em 1900, disse: “Eu não sou um homem, sou dinamite” (NIETZSCHE, 1995a, p. 109), Milenovecentos explodiu junto com o *Virginian* dinamitado. Se alguém quer uma conclusão, vejam ou revejam o filme e quem sabe cheguem a uma.

“Homem livre, tu sempre gostarás do mar. ”

Ao mar, ao mar. Vamos ao mar. “

(BAUDELAIRE, 1995, p. 75).

Começamos a nossa tese com um poema, terminaremos com outro:

Para a puta que os pariu...

Nós que nos calamos, nos omitimos;

Nós os que passivos assistimos,

que não nos indignamos,

que vegetamos pensando viver,

que temos medo de tudo.

Nós a quem a própria sombra assusta.

Os que todos os dias ajudamos a destruir o mundo;

Nós, vampiros de nós mesmos,

respeitadores de irrespeitáveis,

tementes de fantasmas,

bajuladores da podridão, da imundice.

Nós que com nossa subserviência acolhemos e perpetuamos o reles, o infecto,

que deles somos fiéis seguidores.

¹¹⁸ Foi como realçamos em nossa nota, sobre a Peça de teatro de nossa autoria. O personagem diz “Eu ainda acredito que um poema pode mudar o mundo”

¹¹⁹ *La Leggenda del Pianista Sull'oceano*. Itália-1988-Drama- 170 min- Direção: Giuseppe Tornatore. Medusa Produzione.

Nós... nós somos esse mundo sem tirar nem pôr.
Tão iguais, tão espelho, tão mal-cheirosos como ele... nós?..
Nós não, desculpem, sois vós.
Nós somos muito poucos, seres íntegros sempre foram poucos!
Nós somos os que com a própria vida lutamos contra o que vós seguis cegamente,
Vós que não enxergais.
Vós jamais sereis... nós... vos retiraram essa coragem.
Vós sois só o serviçal da lama, do lodo que os rodeias.
Tendes o mesmo cheiro deles, esses a quem servis,
falais igual, repetis as mesmas tolices.
O que vos diferencia deles é que eles vos chicoteiam e vós pedis mais,
que eles vos ensinam as besteiras e vós repetis sem titubear.
Sois ventríloquos dessa gente que envenena a vida e o mundo;
venerais esse verme chamado poder,
Ide abutres - vós e eles -,
Comei vossas carniças.
Ide, afastai de nós vosso putrefato ser.
Ide e sabeis bem para onde... ide...
...para a puta que os pariu!

ELOY, S.

REFERÊNCIAS¹²⁰

BAUDELAIRE, C. *As Flores do Mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1885.

BLANCHOT, M. *Conversa infinita: A palavra plural*. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.

BÍBLIA. *Bíblia sagrada*. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, Edição Ecumênica, 1980.

BORGES, J.L. *Obras Completas de Jorge Luis Borges*, volume 1. Tradução de Flavio José Cardozo. São Paulo: Globo, 1998.

CASSIN, B. *O efeito sofisticado*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Histoire des Mots. Berlin: Walter de Gruyter, 1980.

COLLI, Giorgio. *O Nascimento da Filosofia*. Tradução de Frederico Carotti. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

CUNHA, E. *Os sertões*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

DELEUZE, G. *Pensée nomade [Pensamiento nómada] Nietzsche aujourd'hui?* Tomo; Intensités, Paris: UGE, 10/18, p. 159 – 190, 1973.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Edmundo F. Dias e Ruth J. Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976

DELEUZE, G. *O que é a filosofia*. Tradução Bento Prado Jr., Alberto Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos Lisboa: Edições 70, 1994.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997a.

DELEUZE, G. *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Tradução de Peter Pal Pelbart e Janice Caiafa Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b.

¹²⁰ Conjugação verbal acadêmica: Eu me cito. Tu te citas. Ele se cita. Nós nos citamos. Vós vos citais. Eles se citam. E no Currículo Lattes essa troca de gentilezas e consequentes retribuições. Na nossa tese, adotamos apenas o eu me cito e abolimos qualquer citação que não de autores que realmente utilizamos. Aqui na nossa “magra bibliografia”, ninguém da banca, como se tornou praxe, nem os amigos dos amigos. Mais árvores poupadas. “Homem livre, tu sempre gostarás do mar”.

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997c.

DELEUZE, G. *Empirismo e subjetividade*: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Tradução de Luiz B.L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2001.

DELEUZE, G. *A ilha deserta*. Tradução de vários autores. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, G; GUATTARIG, F. *Kafka*: por uma literatura menor. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Rio de Janeiro: Ed.34, 2014.

DIB, S. F.; SILVA, N. C.; MACHADO, R. L. *Roteiro para apresentação das teses e dissertações da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2012.

DIJKSTERHUIS, E.J. Archimedes. Princeton University Press, Princeton, 1987. Translated by C. Dikshoorn.

FAYE, J.P. *A Razão Narrativa - A Filosofia Heideggeriana e o Nacional-Socialismo*. Tradução de Paula Martins, Henrique Antoun e Joaquim Humberto Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 1996.

FOUCAULT, M. *La pensée du dehors*. Paris: Éditions Fata Morgana, 1986.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau ed., 1999b.

FOUCAULT, M. *A coragem da verdade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011

GOULET-CAZÉ, M. O.; BRACHT, R. B. *Os cínicos - O movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* Tradução de Loque, Flavio Fontenelle e Oliveira, Loraine. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

HADOT, P. *Exercícios espirituais e Filosofia Antiga*. Tradução de Loque, Flavio Fontenelle e Oliveira, Loraine. São Paulo: É Realizações Editora, 2014b.

HEGEL. *Leçons sur l'histoire de la philosophie*. Paris: Vrin, 1971.

HERÁCLITO. Heráclito de Éfeso. Trad. de José Cavalcante de Souza. In: SOUZA, José Cavalcante de. *Pré-Socráticos*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1989, p.51-63.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Ed. 34,2011.

JAEGER, W. *Paideia*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

KAFKA, F. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

KIRK, G. S.; RAVEN. J. E.; SCHOFIELD, M. *Os Filósofos pré-socráticos*. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonsceca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Tradução de Hortência S. Lencastre. Rio de Janeiro: Pazulim, 2000.

LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mario da Gama Kury. Brasília: UnB, 2008.

MARX, K. *A ideologia alemã* – prefácio. 1. Tradução Álvaro Pina. Ed. São Paulo: Editora Moraes, 1984a.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Tradução e Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1984b.

MARX, K. *O Manifesto do Partido Comunista*. Tradução de Regina Lúcia F. São Paulo Global,1987.

MARX. K. *O 18 do Brumário de Luís Bonaparte*. Tradução de Nélio Scheneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MATTÉI, J-F. *Pitágoras e os Pitagóricos*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Paulus, 2000.

MENDES, C.C.A. *As estrelas, uma viagem pela estrutura do átomo — Astroquímica para o estudo do átomo e outros conceitos químicos*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

MINOIS, G. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução de Flávia Nascimento Falleiros São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Antônio José Massano e Manuel J.Palmerim. Lisboa: Publicações Dom Quixote.1997.

MUMFORD, L. A primeira megamáquina. *Diôgenes*, nº 6. janeiro-junho, 1984.

NAVIA, L. E. *Diógenes, o cínico*. Tradução de João Miguel Moreira Auto. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho São Paulo: Abril Cultural, 1989. (Coleção Os Pensadores).

NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia*. Tradução de J. Guinsburg São Paulo: Cia das Letras, 1992a.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal : prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1992b.

NIETZSCHE, F. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 1995a.

NIETZSCHE, F. *A filosofia na idade trágica dos gregos*. Tradução de Maria Inês Madeira de Andrade. Lisboa: Edições 70, 1995b.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998a.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1998b.

NIETZSCHE, F. *O caso Wagner: um problema para músicos*. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo César de Souza São Paulo: Cia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, F. *O crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras.2006.

PARMÊNIDES. Parmênides de Eléia. Tradução de José Cavalcante de Souza. In: SOUZA, José Cavalcante de. *Pré-Socráticos*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda.,1989, p.87-91.

PIMENTA, S. E. *Afectos*. Teatro. Biblioteca Pública. Registro- 354379. Xerox, 2005.

PLATÃO. *As Leis*. Tradução de Edson Bini Bauru.São Paulo: EDIPRO, 1999.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA,2007.

QUINTANA, M. *Prosa e verso*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1978.

RÉGIO, Jose. *Poemas de Deus e do Diabo*. Vila Nova de Farmalício - Portugal, 2013.

SHAKESPEARE, Willian. *Hamlet*. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2006.

SPINOZA, B. *Ética* - parte 3. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

SAFFREY, Henry. Ageômetrétos mèdeis eisitô: une inscription légendaire. *Revue grecques*, 1968.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória e dor*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TARDE, G. *As leis da imitação*. Tradução de Carlos Fernandes Maia. Porto: Rés Editora, 2000.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e política*. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 2001.

WHITEHEAD, A. *Process and Reality: na essay in cosmology*. New York: The free press, 1978.

WOTLING, Patrick. *Vocabulário de Nietzsche*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

APÊNDICE A – Cântigo Negro

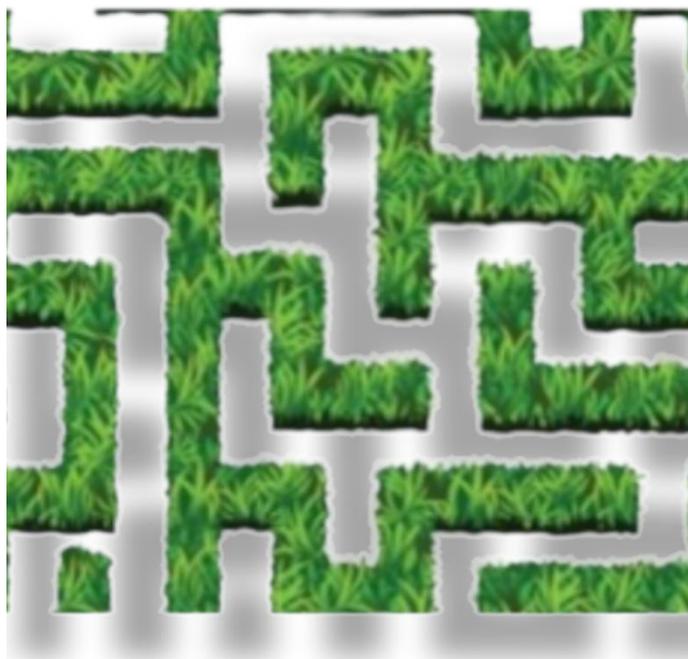
CÂNTICO NEGRO de José Régio

“Vem por aqui” – dizem-me alguns com olhos doces,
 Estendendo-me os braços, e seguros
 De que seria bom se eu os ouvisse
 Quando me dizem: “Vem por aqui”!
 Eu olho-os com olhos lassos,
 (Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)
 E cruzo os braços,
 E nunca vou por ali...
 A minha glória é esta:
 Criar desumanidade!
 Não acompanhar ninguém.
 Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
 Com que rasguei o ventre a minha mãe.
 Não, não vou por aí! Só vou por onde
 Me levam meus próprios passos...
 Se ao que busco saber nenhum de vós responde,
 Por que me repetis: “vem por aqui”?
 Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
 Redemoinhar aos ventos,
 Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
 A ir por aí...
 Se vim ao mundo, foi
 Só para desflorar florestas virgens,
 E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
 O mais que faço não vale nada.
 Como, pois, sereis vós
 Que me dareis machados, ferramentas, e coragem
 Para eu derrubar os meus obstáculos?...
 Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
 E vós amais o que é fácil!
 Eu amo o longe e a miragem,
 Amo os abismos, as torrentes, os desertos...
 Ide! Tendes estradas,
 Tendes jardins, tendes canteiros,
 Tendes pátrias, tendes tetos,
 E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios.
 Eu tenho a minha loucura!
 Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
 E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...
 Deus e o diabo é que me guiam, mais ninguém.
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
 Mas eu, que nunca principio nem acabo,
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: “vem por aqui”!
A minha vida é um vendaval que se soltou.
É uma onda que se alevantou.
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou,
Sei que não vou por aí.

ANEXO A – Sobre um certo labirinto...¹²¹

Figura 3 - Labirinto



Fonte : PIMENTA, S.E., 2022.

Minos teria sido rei de Creta e filho dos deuses Europa e Zeus. Quando disputou o poder com os irmãos, ofereceu um sacrifício a Poseidon, e pediu a esse deus que fizesse sair do mar um touro, prometendo em troca sacrificar-lhe o animal. O deus o enviou o touro, o que deu a Minos o poder sobre os irmãos sem qualquer contestação. Mas ele não cumpre a promessa de sacrificar o animal ao deus, pois fica admirado com beleza do touro. Tão belo, que sua mulher, Pasífae, se apaixona perdidamente a ponto de se vestir de vaca para seduzir o touro. Dessa relação, nascerá Minotauro que tinha o corpo de um homem e a cabeça de touro. Minos, famoso por suas incontáveis aventuras amorosas, se vê traído por sua esposa e, envergonhado com o rebento dessa relação, ordena que o artista ateniense Dédalo construísse um imenso palácio – O Labirinto – composto de um emaranhado de salas e corredores que ninguém conseguiria encontrar o caminho para sair dele. Foi lá que ele encarcerou o Minotauro e obrigou que, constantemente, Atenas oferecesse jovens e donzelas para serem devoradas pelo filho de sua mulher com o

¹²¹ GRIMAL, P. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 1997. p. 45, 46, 113, 313, 314, 358, 439, 440, 441, 442 e 443.

touro. Nesse contexto, o império Creta exploraria a colônia Atenas. Nada mais “natural”, afinal, Minos seria filho de Europa, essa que, tempos depois, continuaria a obrigar suas colônias a sacrifícios que se mantêm até os dias de hoje, e aqui cabe uma importante nota de pé de página.¹²²

Teseu resolve enfrentar e acabar com essa exploração que o rei de Creta submete Atenas pelo simples fato de ter sido chifrado pelo estonteante touro. Com a ajuda de Ariadne, consegue sair do Labirinto.

Parece que a História da Filosofia também nos colocou em um Labirinto e laudas e mais laudas são oferecidas em sacrifício à Academia desde então. Florestas inteiras. Tentaremos poupá-las nas laudas a seguir.¹²³

Ah, esse velho saqueador! Ele nos rouba os jovens, ele rouba até nossas mulheres e as arrasta para a sua caverna... Ah, esse velho Minotauro! O que já nos custou! A cada ano, são levados cortejos das mais belas jovens e rapazes ao seu labirinto, para que os devore- a cada ano a Europa inteira entoia: ‘Para Creta! Para Creta!’ (...) (NIETZSCHE, 1999, p. 38).

¹²² Nossa subalterna academia tupiniquim continua a exigir do candidato a doutor o domínio de, ao menos, duas línguas europeias. Ou a napoleônica língua do fiel escudeiro da burguesia, o francês, ou o mussolínico fascístico, italiano. Ou nazístico alemão, ou o imperial inglês. Como compensação demagógica, é permitido que o resumo em língua estrangeira, e somente para o resumo, se possa adotar a língua dominante na nossa América, o espanhol de Che Guevara e de tantos outros maravilhosos revolucionários: “2.1.10- Resumo em língua estrangeira. Consiste em uma tradução do resumo em português para uma língua estrangeira (em inglês, ABSTRACT; em espanhol, RESUMEN; em francês, RESUME).” (DIB, S. F.; SILVA, N. C.; MACHADO, R. L. 2021, p. 44).

¹²³ O tempo de decomposição do papel é de 3 a 6 meses. Vamos voltar a essa questão a seguir.

ANEXO B – Fragmentos de Parmênides

FRAGMENTOS PARMÊNIDES

Trad. de José Cavalcante de Souza

SOBRE A NATUREZA (DK 28 B 1-9)

1. SEXTO EMPÍRICO VII, 111 e ss. (versos 1-30), e SIMPLÍCIO, Do Céu, 557, 20 (vv. 28-32).

As éguas que me levam onde o coração pedisse conduziam-me, pois à via multifalante me impeliram da deusa, que por todas as cidades leva o homem que sabe; por esta eu era levado, por este, muito sagazes, me levaram as éguas o carro puxando, e as moças a viagem dirigiam.

O eixo nos meões emitia som de sirena
incandescendo (era movido por duplas, turbilhonantes
todas de ambos os lados), quando se apressavam a enviar-me
as filhas do Sol, deixando as moradas da Noite,
para a luz, das cabeças retirando com as mãos os véus.

E lá que estão as portas aos caminhos de Noite e Dia. e as sustenta à parte uma verga e uma soleira de pedra, e elas etéreas enchem-se de grandes batentes; destes Justiça de muitas penas tem chaves alternantes.

A esta, falando-lhe as jovens com brandas palavras, persuadiram habilmente a que a tranca aferrolhada depressa removesse das portas; e estas, dos batentes, um vão escancarado fizeram abrindo-se, os brônzeos umbrais nos gonzos alternadamente fazendo girar, em cavilhas e chavetas ajustados; por lá, pelas portas logo as moças pela estrada tinham carro e éguas.

E a deusa me acolheu benévola, e na sua a minha mão direita tomou, e assim dizia e me interpelava:

O jovem, companheiro de aurigas imortais,
tu que assim conduzido chegas à nossa morada,
salve! Pois não foi mau destino que te mandou perlustrar
esta via (pois ela está fora da senda dos homens),
mas lei divina e justiça; é preciso que de tudo te instruas,
e de opiniões de mortais, em que não há fé verdadeira.
No entanto também isto aprenderás, como as aparências

deviam validamente ser, tudo por tudo atravessando.

2. PROCLO, Comentário ao Timeu, I, 345, 18.

Pois bem, eu te direi, e tu recebe a palavra que ouviste,
os únicos caminhos de inquérito que são a pensar:
o primeiro, que é e portanto que não é não ser,
de Persuasão é o caminho (pois à verdade acompanha);
o outro, que não é e portanto que é preciso não ser,
este então, eu te digo, é atalho de todo incrível;
pois nem conhecerias o que não é (pois não é exeqüível),
nem o dirias...

3. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, Tapeçarias, VI, 23.pois o mesmo é a pensar e portanto ser.

4. IDEM, Ibidem, V, 15. Mas olha embora ausentes à mente presentes firmemente; pois não deceparás o que é de aderir ao que é, nem dispersado em tudo totalmente pelo cosmo, nem concentrado...

5. PROCLO, Comentário a Parmênides, I, p. 708, 16.para mim é comum donde eu comece; pois aí de novo chegarei de volta.

6. SIMPLÍCIO, Física, 117, 2. Necessário é o dizer e pensar que (o) ente é; pois é ser, e nada não é; isto eu te mando considerar. Pois primeiro desta via de inquérito eu te afasto, mas depois daquela outra, em que mortais que nada sabem erram, duplas cabeças, pois o imediato em seus peitos dirige errante pensamento; e são levados como surdos e cegos, perplexas, indecisas massas, para os quais ser e não ser é reputado o mesmo e não o mesmo, e de tudo é reversível o caminho.

7-8. PLATÃO, Sofista, 237 A (versos 7,1-2); SEXTO EMPÍRICO, VII, 114 (vv. 7, 3-6);

(7.) Não, impossível que isto prevaleça, ser (o) não ente. Tu porém desta via de inquérito afasta o pensamento; nem o hábito multiexperiente por esta via te force, exercer sem visão um olho, e ressoante um ouvido, e a língua, mas discerne em discurso controversa tese por mim exposta.

(8.) Só ainda (o) mito de (uma) via
resta, que é; e sobre esta indícios existem,
bem muitos, de que ingênito sendo é também imperecível,
pois é todo inteiro, inabalável e sem fim;
nem jamais era nem será, pois é agora todo junto,
uno, contínuo; pois que geração procurarías dele?

Por onde, donde crescido? Nem de não ente permitirei
 que digas e pense; pois não dizível nem pensável
 é que não é; que necessidade o teria impelido
 a depois ou antes, se do nada iniciado, nascer?

Assim ou totalmente é necessário ser ou não.

Nem jamais do que em certo modo é permitia força de fé
 nascer algo além dele; por isso nem nascer
 nem perecer deixou justiça, afrouxando amarras,
 mas mantém; e a decisão sobre isto está no seguinte:
 é ou não é; está portanto decidido, como é necessário,
 uma via abandonar, impensável, inominável, pois verdadeira
 via não é, e sim a outra, de modo a se encontrar e ser real.

E como depois pereceria o que é? Como poderia nascer?

Pois se nasceu, não é, nem também se um dia é para ser.

Assim geração é extinta e fora de inquérito perecimento.

Nem divisível é, pois é todo idêntico;

nem algo em uma parte mais, que o impedisse de conter-se, nem também
 algo menos, mas é todo cheio do que é, por isso é todo contínuo; pois ente a ente
 adere.

Por outro lado, imóvel em limites de grandes liames é sem princípio e sem
 pausa, pois geração e perecimento bem longe afastaram-se, rechaçou-os fé
 verdadeira. O mesmo e no mesmo persistindo em si mesmo pausa. e assim firmado
 aí persiste; pois firme a Necessidade

em liames (o) mantém, de limite que em volta o encerra, para ser lei que não
 sem termo seja o ente; pois é não carente; não sendo, de tudo careceria.

O mesmo é pensar e em vista de que é pensamento.

Pois não sem o que é, no qual é revelado em palavra,

acharás o pensar; pois nem era ou é ou será

outro fora do que é, pois Moira o encadeou

a ser inteiro e imóvel; por isso tudo será nome

quanto os mortais estatuíram, convictos de ser verdade,

e lugar cambiar e cor brilhante alternar.]

Então, pois limite é extremo, bem terminado é,

de todo lado, semelhante a volume de esfera bem redonda,
do centro equilibrado em tudo; pois ele
nem algo maior nem algo menor é necessário ser aqui ou ali;
pois nem não-ente é, que o impeça de chegar
ao igual, nem é que fosse a partir do ente
aqui mais e ali menos, pois é todo inviolado;
pois a si de todo igual, igualmente em limites se encontra.

Neste ponto encerro fidedigna palavra e pensamento sobre a verdade; e opiniões mortais a partir daqui aprende, a ordem enganadora de minhas palavras ouvindo.

Pois duas formas estatuíram que suas sentenças nomeassem, das quais uma não se deve — no que estão errantes —; em contrários separaram o compacto e sinais puseram à parte um do outro, de um lado, etéreo fogo de chama, suave e muito leve, em tudo o mesmo que ele próprio mas não o mesmo que o outro; e aquilo em si mesmo

(puseram) em contrário, noite sem brilho, compacto denso e pesado. A ordem do mundo, verossímil em todos os pontos, eu te revelo, para que nunca sentença de mortais te ultrapasse.

9. SIMPLÍCIO, Física, 180, 8.

Mas desde que todas (as coisas) luz e noite estão

denominadas, e os (nomes aplicados) a estas e aquelas segundo seus poderes, tudo está cheio em conjunto de luz e de noite sem luz, das duas igualmente, pois de nenhuma (só) participa nada.

10. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, Tapeçarias, V, 138. Saberás e expansão luminosa do éter e o que, no éter, é tudo signo, do sol resplandecente, límpido lúzeiro, efeitos invisíveis, e donde provieram; efeitos circulantes saberás da lua de face redonda, e sua natureza; e saberás também o céu que circunda, donde nasceu e como, dirigindo, forçou-o Ananke a manter limites de astros.

11. SIMPLÍCIO, Do Céu, 559-20.

.....Como terra, sol e lua,

éter comum, celeste via láctea, Olimpo extremo e de astros cálida força se lançaram.

12. IDEM, Física, 39,12.

Pois os mais estreitos encheram-se de fogo sem mistura,
e os seguintes, de noite, e entre (os dois) projeta-se parte de chama;
mas no meio destes a Divindaded que tudo governa;

pois em tudo ela rege odioso parto e união
mandando ao macho unir-se a fêmea e pelo contrário
o macho à fêmea.

13. PLATÃO, Banquete, 178 B.

Primeiro de todos os deuses Amor ela concebeu.

14. PLUTARCO, Contra Colotes, 15, p. 1116 A. Brilhante à noite, errante em torno à terra, alheia luz.

15. IDEM, Da Face da Lua, 16, 6 p. 929 A. Sempre olhando inquieta para os raios do sol.

16. ARISTÓTELES, Metafísica, III, 5. 1009 b 21. Pois como cada um tem mistura de membros errantes, assim a mente nos homens se apresenta; pois o mesmo é o que pensa nos homens, eclosão de membros, em todos e em cada um; pois o mais é pensamento.

17. GALENO, in Epid., VI, 48. A direita os rapazes, à esquerda as moças.

18. CÉLIO AURELIANO, Morb. Cron., IV, 9, p. 116. Mulher e homem quando juntos misturam sementes de Vênus, nas veias informando de sangue diverso a força, guardando harmonia corpos bem forjados modela. Pois se as forças, misturando o sêmen, lutarem e não se unirem no corpo misturado, terríveis afligirão o sexo nascente de um duplo sêmen.

19. SIMPLÍCIO, Do Céu, 558, 8. Assim, segundo opinião, nasceram estas (coisas) e agora são e em seguida a isso se consumarão, uma vez crescidas; um nome lhes atribuíram os homens, distintivo de cada.

Os Pré-Socráticos. Coleção Os Pensadores, 1989, p. 87-91.

ANEXO C – Fragmentos de Heráclito

FRAGMENTOS

HERÁCLITO

Trad. de José Cavalcante de Souza

SOBRE A NATUREZA (DK 22 b 1-126)

1. SEXTO EMPÍRICO, *Contra os Matemáticos*, VII, 132

L/ESTE LOGOS sendo sempre os homens se tornam descompassado quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse logos, a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo (a) natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa quanto fazem despertos, tal como esquecem quanto fazem dormindo.

2. IDEM, *ibidem*, VII, 133.

Por isso é preciso seguir o-que-é-com, (isto é, o comum; pois o comum é o-que-é-com). Mas, o logos sendo o-que-é-com, vivem os homens como se tivessem uma inteligência particular.

3. AÉCIO, II, 21, 4. (Sobre a grandeza do sol) sua largura é a de um pé humano.

4. ALBERTO MAGNO, *De Vegetatione*, VI, 401.

Heráclito disse que se felicidade estivesse nos prazeres do corpo, diríamos felizes os bois, quando encontram ervilha para comer.

5. ARISTOCRITO, *Teosofia*, 68; ORIGENES, *Contra Celso*, VII, 62.

Purificam-se manchando-se com outro sangue, como se alguém, entrando na lama, em lama se lavasse. E louco pareceria, se algum homem o notasse agindo assim. E também a estas estátuas eles dirigem suas preces, como alguém que falasse a casas, de nada sabendo o que são deuses e heróis.

6. ARISTÓTELES, *Meteorologia*, II, 2. 355 a 13. O sol não apenas, como Heráclito diz, é novo cada dia, mas sempre novo, continuamente.

7. IDEM, *Da Sensação*, 5. 443 a 23.

Se todos os seres em fumaça se tornassem, o nariz distinguiria.

8. IDEM, *Ética a Nicômaco*, VIII, 2. 1155 b 4.

Heráclito (dizendo que) o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia.

9. IDEM, *ibidem*, X, 5. 1176 a 7.]

Diverso é o prazer do cavalo, do cão, do homem, tal como Heráclito diz que asnos prefeririam palha a ouro.

10. IDEM, Do Mundo, 5. 396 b 7.

Conjunções o todo e o não todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissoante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas.

11. IDEM, ibidem, 6. 401 a 8.

Pois tudo que rasteja é preservado a golpe, como diz Heráclito.

12. ARIO DÍDIMO, em EUSÉBIO, Preparação Evangélica, XV, 20.

Aos que entram nos mesmos rios outras águas afluem; almas exalam do úmido.

13. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, Tapeçarias, I, 2.

Porcos em lama se comprazem, mais do que em água limpa.

14. IDEM, Exortação, 22.

A quem profetiza Heráclito de Efeso? Aos noctívagos, aos magos, aos bacantes, às mênades, aos iniciados; a estes ameaça com o depois da morte, a estes profetiza o fogo; pois os considerados mistérios entre os homens impiamente se celebram.

15. IDEM, ibidem, 34.

Se não fosse a Dioniso que fizessem a procissão e cantassem o hino, (então) às partes vergonhosas desavergonhadamente se cumpriu um rito; mas é o mesmo Hades³¹ e Dioniso, a quem deliram e festejam nas Lenéias.

16. IDEM, Pedagogo, 11, 99.

Do que jamais mergulha como alguém escaparia?

17. IDEM, Tapeçarias, II, 8.

Muitos não percebem tais coisas, todos os que as encontram, nem quando ensinados conhecem, mas a si próprios lhes parece (que as conhecem e percebem).

18. IDEM, ibidem, II, 17.

Se não esperar o inesperado não se descobrirá, sendo indescobrível e inacessível.

19. IDEM, ibidem, II, 24.

Homens que não sabem ouvir nem falar.

20. IDEM, ibidem, III, 14.

Nascidos querem viver e deter suas partes, ou antes repousar, e atrás de si deixam filhos a se tornarem partes.

21. IDEM, ibidem, III, 21.

Morte é tudo que vemos despertados, e tudo que vemos dormindo é sono.

22. IDEM, ibidem, IV, 4.

Pois ouro os que procuram cavam muita terra e o encontram pouco.

23. IDEM, ibidem, IV, 10.

Nome de Justiça não teriam sabido, se não fossem estas (coisas).

24. IDEM, ibidem, IV, 16.

Os que Ares mata honram-nos deuses e homens.

25. IDEM, ibidem, IV, 50.

Mortes maiores maiores sortes recebem.

26. IDEM, ibidem, IV, 143.

O homem de noite uma luz acende para si, morto, extinta a vista, mas vivo ele acende do morto quando dorme, extinta a vista, e quando desperto se acende do que dorme.

27. IDEM, ibidem, IV, 146.

O que para os homens permanece quando morrem (são coisas) que não esperam nem lhes parece (que permaneçam).

28. IDEM, ibidem, V, 9.

Pois é o que se estima que o mais estimado conhece e guarda; e contudo certamente a Justiça captará os artesãos e testemunhas de falsidades.

29. IDEM, ibidem, V, 60.

Pois uma só coisa escolhem os melhores contra todas as outras, um rumor de glória eterna contra as (coisas) mortais; mas a maioria está empanturrada como animais.

30. IDEM, ibidem, V, 105.

Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas.

31. IDEM, ibidem, V, 105

Direções do fogo: primeiro mar, e do mar metade terra, metade incandescência... Terra diluiu-se em mar e se mede no mesmo logos, tal qual era antes de se tornar terra.

32. IDEM, ibidem, V, 116.

Uma só (coisa) o sábio³⁶ não quer e quer ser recolhido no nome de Zeus.

33. IDEM, ibidem, V, 116.

Lei (é) também persuadir-se à vontade de um só.

34. IDEM, ibidem, V, 116.

Ouvindo descompassados assemelham-se a surdos; o ditado lhes concerne: presentes estão ausentes.

Pois é preciso que de muitas coisas sejam inquiridores os homens amantes da sabedoria.

36. IDEM, ibidem, VI, 16.

Para almas é morte tornar-se água, e para água é morte tornar-se terra, e de terra nasce água, e de água alma.

37. COLUMELA, VIII, 4.

Porcos banham-se em lama e aves domésticas em poeira ou em cinza.

38. DIÓGENES LAÉRCIO, I, 23.

(Tales) parece segundo alguns ter sido o primeiro a estudar os astros. A seu respeito atestam Heráclito e Demócrito.

39. IDEM, 1, 88.

Em Priene nasceu Bias, filho de Teutames, cujo logos é maior que o dos outros.

40. IDEM, IX, 1.

Muita instrução não ensina a ter inteligência; pois teria ensinado Hesíodo e Pitágoras, Xenófanos e Hecateu.

41. IDEM, IX, 2.

Pois uma só é a (coisa) sábia, possuir o conhecimento que tudo dirige através de tudo.

42. IDEM, IX, 1.

Homero merecia ser expulso dos certames e açoitado, e Arquíloco igualmente.

43. IDEM, IX, 2.

A insolência é preciso extinguir, mais que o incêndio.

44. IDEM, IX, 2.

É preciso que lute o povo pela lei, tal como pelas muralhas.

45. IDEM, IX, 7.

Limites de alma não os encontrarias, todo caminho percorrendo; tão profundo logos ela tem.

46. IDEM, IX, 7. A presunção ele dizia que é a doença sagrada e que a visão engana.

47. IDEM, JX, 73.

Não conjeturemos à toa sobre as coisas supremas.

48. Etymologicum Genuinum, s.v. bíos. Do arco o nome é vida e a obra é morte.

49. GALENO, De Dignoscendis Pulsibus, VIII, 733.

Um para mim vale mil, se for o melhor.

49a. HERÂCLITO, Alegorias, 24.

Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos.

50. HIPÓLITO, Refutação, IX, 9

Não de mim, mas do logos tendo ouvido é sábio homologar tudo é um.

51. IDEM, ibidem, IX, 9.

Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira.

52. IDEM, ibidem, IX, 9.

Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado.

53. IDEM, ibidem, IX, 9.

O combate é de todas as coisas pai, de todas rei, e uns ele revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres.

54. IDEM, ibidem, IX, 9.

Harmonia invisível à visível superior.

55. IDEM, ibidem, IX, 9.

As (coisas) de que (há) visão, audição, aprendizagem, só estas prefiro.

56. IDEM, ibidem, IX, 9.

Estão iludidos os homens quanto ao conhecimento das coisas visíveis, mais ou menos como Homero, que foi mais sábio que todos os helenos. Pois enganaram-no meninos que matando piolhos lhe disseram: o que vimos e pegamos é o que largamos, e o que não vimos nem pegamos é o que trazemos conosco.

57. IDEM, ibidem, IX, 10.

Mestre da maioria é Hesíodo; pois este reconhecem que sabe mais coisas, ele que não conhecia dia e noite; pois é uma só (coisa).

58. IDEM, ibidem, IX, 10.

Os médicos, quando cortam, queimam e de todo torturam os pacientes, ainda reclamam um salário que não merecem, por efetuarem o mesmo que as doenças.

59. IDEM, ibidem, ÍX, 10.

A rota do parafuso do pisão, reta e curva, é uma e a mesma.

60. IDEM, ibidem, ÍX, 10.

A rota para cima e para baixo é uma e a mesma

61. IDEM, ibidem, ÍX, 10.

Mar, água mais pura e mais impura, para os peixes potável e saudável, para os homens impotável e mortal.

62. IDEM, ibidem, ÍX, 10.

Imortais mortais, mortais imortais, vivendo a morte daqueles, morrendo a vida daqueles.

63. IDEM, ibidem, ÍX, 10.

Diante do ali-presente erguem-se e tornam-se guardiães em vigília de vivos e mortos.

64. IDEM, ibidem, ÍX, 10.

De todas (as coisas) o raio fulgurante dirige o curso.

65. IDEM, ibidem, ÍX, 10.

E o chama (ao fogo) de fartura e indigência.

66. IDEM, ibidem, ÍX, 10.

Pois todas (as coisas) o fogo sobrevivendo discernirá e empolgará.

67. IDEM, ibidem, ÍX, 10.

O deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, saciedade fome; mas se alterna como fogo, quando se mistura a incensos, e se denomina segundo o gosto de cada.

68. IÂMBLICO, Dos Mistérios, 1,11.

E por isso Heráclito com razão os chamou (a alguns ritos) de remédios, como se fossem para curar os males e afastar as almas das desgraças da geração.

69. IDEM, *ibidem*, V, 15. De sacrifícios há duas espécies: uns oferecidos por homens inteiramente purificados, qual poderia ocorrer raramente em um indivíduo, como diz Heráclito, ou em alguns poucos, fáceis de contar; e outros são materiais.

70. IDEM, *Da Alma* [ESTOBEU, *Éclogas*, II, 1,16].

Jogos de crianças Heráclito considerou as opiniões humanas.

71. MARCO AURÉLIO, IV, 46.

E preciso lembrar-se também do que esquece por onde passa o caminho.

72. IDEM, TV, 46.

Do logos com que mais constantemente convivem, deste divergem; e (as coisas) que encontram cada dia, estas lhes aparecem estranhas.

73. IDEM, IV, 46.

Não se deve agir nem falar como os que dormem.

75. IDEM, IV, 46.

Os que dormem, creio que chama Heráclito de obreiros e colaboradores das (coisas) que no mundo vêm a ser.

76. MÁXIMO DE TIRO, *Philosophoúmena*, XII, 4.

Vive fogo a morte de terra, ar vive a morte de fogo, água vive a morte de ar, terra a de água. — Plutarco, *De E apud Delphos*, 18. Morte de fogo gênese para ar, morte de ar gênese para água. — Marco Aurélio, IV, 46. Lembrar-se sempre do dito de Heráclito, que morte de terra é tornar-se água, morte de água é tornar-se ar, de ar fogo, e vice-versa.

77. NUMÊNIO, fragmento 35.

Donde também Heráclito dizer que para as almas é prazer ou morte tornarem-se úmidas. Prazer seria para elas a queda na geração. Em outra passagem ele diz que vivemos nós a morte delas e vivem elas a nossa morte.

78. ORÍGENES, *Contra Celso*, VI, 12.

O modo humano não comporta sentenças, mas o divino comporta.

79. IDEM, *ibidem*.

O homem como uma criança ouve o divino, tal como a criança o homem.

80. IDEM, *ibidem*, VI, 42.

E preciso saber que o combate é o-que-é-com, e justiça (é) discórdia, e que todas (as coisas) vêm a ser segundo discórdia e necessidade.

81. FILODEMO, *Retórica*, í, c. 57.

Ancestral dos charlatões (Pitágoras).

82. PLATÃO, Hípias Maior, 289 a.

O mais belo símio é feio, a se confrontar com o gênero humano.

83. IDEM, ibidem, 289 b. O mais sábio dos homens em face de deus se manifestará como um símio, em sabedoria, beleza e tudo mais.

84a. PLOTINO, Enéadas, IV, 8, 1.

Transmutando repousa (o fogo etéreo no corpo humano).

84b. IDEM, ibidem.

Fadiga é pelos mesmos (princípios) penar e ser governado.

85. PLUTARCO, Coriolano, 22.

Lutar contra o coração é difícil; pois o que ele quer compra-se a preço de alma.

86. IDEM, ibidem, 38.

A maior parte das (coisas) divinas, segundo Heráclito, por desconfiança esquivam-se de modo a não se conhecerem.

87. IDEM, Do que se deve ouvir, 7 p. 41 A.

Um homem tolo gosta de se empolgar a cada palavra.

88. IDEM, Consolação a Apolônio, 10 p. 106 E.

O mesmo é em (nós?) vivo e morto, desperto e dormindo, novo e velho; pois estes, tombados além, são aqueles e aqueles de novo, tombados além, são estes.

89. IDEM, Da superstição, 3 p. 16

Heráclito diz que para os despertos um mundo único e comum é, mas os que estão no leito cada um se revira para o seu próprio.

90. IDEM, De E apud Delphos, 8 p. 388

91. IDEM, ibidem, 18 p. 392 B.

Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo, segundo Heráclito, nem substância mortal tocar duas vezes na mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança dispersa e de novo reúne (ou melhor, nem mesmo de novo nem depois, mas ao mesmo tempo) compõe-se e desiste, aproxima-se e afasta-se.

92. IDEM, Dos Oráculos da Pitonisa, 6 p. 397 A.

E a Sibila com delirante boca sem risos, sem belezas, sem perfumes ressoando mil anos ultrapassa com a voz, pelo deus nela.

93. IDEM, ibidem, 21 p. 404 D.

O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinais.

94. IDEM, Do Exílio, 11 p. 604 A.

Pois Hélios não transpassará as medidas; senão as Erínias, servas da Justiça, descobrirão.

95. IDEM, Banquete, 111, pr. 1. p. 644 F.

Pois ignorância é melhor ocultar. Mas é trabalhoso no desaperto e com vinho.

96. IDEM, ibidem, IV. 4, 3. p. 669 A.

Pois cadáveres, mais do que estéreos, são para se jogar fora.

97. IDEM, An Seni Res Publica gerenda sit, 7 p. 787 C.

Pois cães ladram contra os que eles não conhecem.

98. IDEM, Da Face da Lua, 28 p. 943 E.

As almas farejam no (invisível) Hades.

99. IDEM, Aquane an Ignis sit utilior, 7 p. 957 A.

Não fosse o sol, com os outros astros seria noite.

100. IDEM, Questões Platônicas, 8,4p.l 007 D.

Destes (os períodos anuais) o sol sendo preposto e vigia, define, dirige, revela e expõe à luz as transmutações e horas, as quais traz em todas (as coisas), segundo Heráclito.

101. IDEM, Contra Colotes, 20. 1 118 C.

Procurei-me a mim mesmo.

101a. POLIBIO, Histórias, XII, 27.

Pois os olhos são testemunhas mais exatas que os ouvidos.

102. PORFÍRIO, Questões Homéricas, Ilíada, IV, 4.

Para o deus são belas todas as coisas e boas e justas, mas homens umas tomam (como) injustas, outras (como) justas.

103. IDEM, ibidem, XIV, 200.

Pois comum (é) princípio e fim em periferia de círculo.

104. PROCLO, Comentário ao Alcibíades I, p. 525, 21.

Pois que inteligência ou compreensão é a deles? Em cantores de rua acreditam e por mestre têm a massa, não sabendo que "a maioria é ruim, e poucos são bons".

105. Escólios Homéricos, AT XVIII, 251.

Dessa passagem Heráclito afirma que astrólogo foi Homero, assim como daquela em que o poeta diz "do destino, eu afirmo, jamais homem algum escapou".

106. SÊNECA, Epístolas, XII, 7.

Com razão Heráclito censurou Hesíodo por fazer uns dias bons e outros maus, dizendo que ignorava como a natureza de cada dia é uma e a mesma.

107. SEXTO EMPÍRICO, Contra os Matemáticos, VII, 126.

Más testemunhas para os homens são olhos e ouvidos, se almas bárbaras eles têm.

108. ESTOBEU, Florilégio, I, 174.

De quantos ouvi as lições nenhum chega a esse ponto de conhecer que a (coisa) sábia é separada de todas. 109. = 95. 110. IDEM, ibidem, 1,176.

109. = 95. 110.

IDEM, ibidem, 1,176.

Para homens suceder tudo que querem não (é) melhor.

111. IDEM, ibidem, I, 177.

Doença faz de saúde (algo) agradável e bom, fome de saciedade, fadiga de repouso.

112. IDEM, ibidem, I, 178.

Pensar sensatamente (é) virtude máxima e sabedoria é dizer (coisas) verídicas e fazer segundo (a) natureza, escutando.

113. IDEM, ibidem, 1,179.

Comum é a todos o pensar.

114. IDEM, ibidem, I, 179.

(Os) que falam com inteligência⁴⁶ é necessário que se fortaleçam com o comum de todos, tal como a lei a cidade, e muito mais fortemente: pois alimentam-se todas as leis humanas de uma só, a divina: pois, domina tão longe quanto quer, e é suficiente para todas (as coisas) e ainda sobra.

115. IDEM, ibidem, 180 a.

De alma é (um) logos que a si próprio se aumenta.

116. IDEM, ibidem, V, 6.

A todos os homens é compartilhado o conhecer-se a si mesmos e pensar sensatamente.

117. IDEM, *ibidem*, V, 7.

Um homem quando se embriaga é levado por criança impúbere, cambaleante, não sabendo por onde vai, porque úmida tem a alma.

118. IDEM, *ibidem*, V, 8.

Brilho seco (é a) alma mais sábia e melhor. Ou antes, segundo a leitura de Stephanus: Alma seca (é) a mais sábia e melhor.

119. IDEM, *ibidem*, IV, 40, 23.

Heráclito dizia que o ético no homem (é) o demônio (e o demônio é o ético).

120. ESTRABÃO, 1, 6, p. 3.

Limites de aurora e crepúsculo (são) a Ursa e em face da Ursa a baliza do fulgurante Zeus.

121. IDEM, XIV, 25, p. 642; DIÓGENES LAÉRCIO, IX, 2.

Merecia que os efésios adultos se enforcassem e aos não-adultos abandonassem a cidade, eles que a Hermodoro, o melhor homem deles e o de mais valor, expulsaram dizendo: que entre nós ninguém seja o mais valoroso, senão que se vá alhures e com outros.

122. Suda, s.v. "ankhibátein " e "amphisbátein ".

Aproximação, segundo Heráclito.

123. TEMÍSTIO, Oratío V, p. 69.

Natureza ama esconder-se.

124. TEOFRASTO, *Metafísica*, 15 p. 7 a 10.

(Como?) coisas varridas e ao acaso confundidas (é?) o mais belo mundo.

125. IDEM, *De Vertigine*, 9.

Também o "cyceon" se decompõe, se não for agitado.

125a. TZETZES, *Comentário ao "Plutão" de Aristófanes*, 88.

Que não vos abandone a riqueza, efésios, a fim de que seja provada a vossa ruindade.

126. IDEM, *Escólios para Exegese da Ilíada*.

As (coisas) frias esquentam, quente esfria, úmido seca, seco umedece.

Os Pré-Socráticos. Coleção Os Pensadores, 1989, p. 51-64.